OS NOVOS CDs QUE SKANK E TITÃS ESTÃO GRAVANDO

SHOWBIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

5561/1 • ANO 14 / Nº 6 • EDIÇÃO 155 / JUNHO • R$ 5,00

Editora Abril

O sucesso radical dos
RACIONAIS
O Brasil se rende à voz da periferia
- Meio milhão de discos vendidos
- Aplausos da MPB e do rock

GUNS N' ROSES
O disco vai sair, só falta completar a banda

CHICO SCIENCE
A revolução que mudou a música nacional

PIXIES
Pôster exclusivo

+

ALANIS MORISSETTE
MAX CAVALERA
GARBAGE
PATO FU
YES

Mano Brown, dos Racionais MC's

ISSN 0104-1649
00155
9 770104 164007

Você pode ter duas rotinas na vida:

casa-trabalho-casa ou
hotel-palco-festas-chias-de-mulher-hotel.

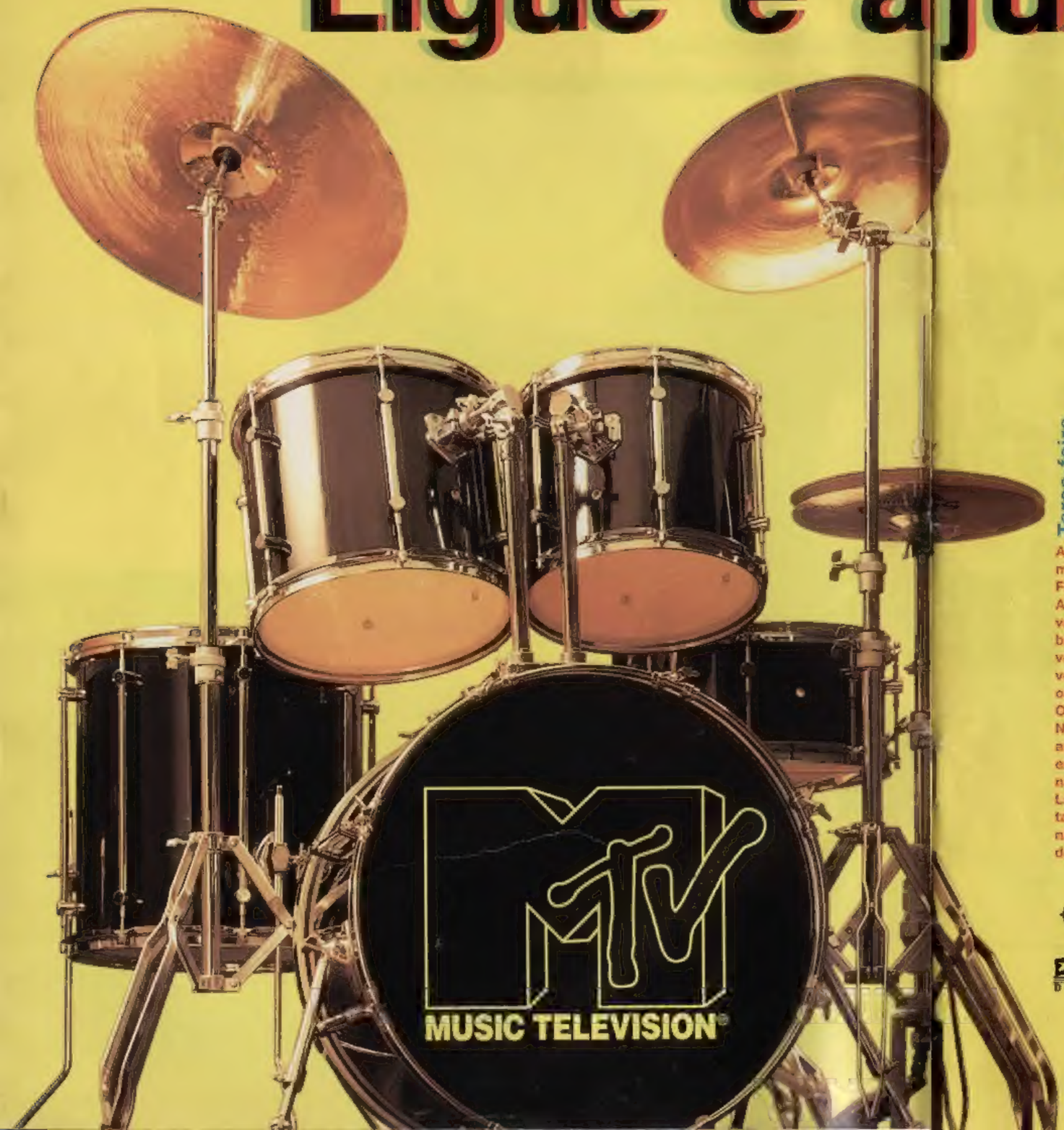
Inscreva a sua banda no Skol Rock.

De que adianta você ter uma banda genial, maravilhosa, criativa e revolucionária, se ninguém sabe disso? Para corrigir esta injustiça, inscreva-se na 4ª edição do Skol Rock, o maior festival de bandas inéditas do país. Para começar, todas as bandas selecionadas vão ter a chance de se apresentar num **palco de 600m²**, com 90 **toneladas de equipamento** e **25 toneladas de som**. As grandes campeãs, que serão escolhidas por jurados especializados, vão gravar um **CD single pela Virgin Records**, produzir um videoclipe, fazer uma **turnê por várias cidades do Brasil**, no Skol Rock 99, e ainda podem participar de grandes eventos da Skol. Só para você ter uma idéia, a banda vencedora do ano passado abriu todos os shows do U2 no Brasil. Ligue 0800-202098 e saiba como se inscrever. É a sua chance de mostrar ao mundo todo o talento que estava sendo desperdiçado numa garagem suja.

O maior festival de bandas inéditas do país.

Informações: 0800-202098
www.skol.com.br/skolrock

Ligue e ajude a banda que ensaia no vizinho a ir mais longe.



Terça-feira, às 22h30.
Reprise, sábado, às 21h00.

As novas bandas mereciam lugar melhor para tocar do que uma garagem. Foi por isso que fizemos Ultrasom MTV. A cada programa, o VJ Gastão vai mostrar duas novas bandas nacionais. Durante toda a semana, você escolhe a melhor votando pelo telefone 0800 55 6888, ou pela Internet www.mtv.com.br. O resultado sai na terça-feira seguinte. No último programa de cada mês, as bandas selecionadas concorrerão entre si e a vencedora vai aparecer na programação. Ligue. Você ajuda a descobrir novos talentos e as novas bandas nacionais não têm mais que tocar em formatura, despedida de solteiro e festa junina.

Toda semana, duas novas bandas nacionais. Você liga e escolhe a melhor.

EXCELENTE DISCOS

ULTRA MTV SOM

Vestibulando: leve a cola escondida dentro do cérebro.

veja
Indispensável

Veja. Os olhos do Brasil.

veja

Indispensável

142

Daniel Caballero

DN

A capa deste mês tem história. Ela mostra Mano Brown, autor das principais letras dos Racionais MC's. O grupo não possui um pingo de sede de promoção: recusa-se a aparecer em certas emissoras de TV e é extremamente cuidadoso nos contatos que faz com a imprensa. Foram meses de conversas e entendimentos até que o editor Sérgio Martins convencesse os Racionais a se deixar fotografar e dar entrevista para SHOWBIZZ.

A música do grupo é radical e fala do cotidiano violento na periferia de São Paulo, mas toca em FMs líderes de audiência e atinge um público amplo, que inclui roqueiros, MPBistas, funkeiros e pagodeiros. É esse fenômeno de popularidade rimado com autenticidade que nossa matéria de capa tenta desvendar.

Outra reportagem de destaque radiografa a revolução que o manguebit de Chico Science fez na música jovem brasileira e que está marcando no cenário internacional. É mais uma boa história que esmiuçamos para você.

Aquele abraço

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Racionais MC's – Racionais MC's
CD que reúne os três primeiros discos da banda de rap paulistana. Da melodia ingênua de "Pânico Na Zona Sul" até os protestos contundentes de "Fim De Semana No Parque" e "Homem Na Estrada", sempre comandados pelo vozeirão de Mano Brown.

Jackson do Pandeiro – 14 Grandes Sucessos
O rei do coco e da embolada, "Tem Mulher Tô Lá", "Cantiga Do Sapo", e outros rastapés saborosos.

Vários – Submission 2: The Remixes
Clássicos do reggae virados de avesso por produtores contemporâneos.

Garbage – Version 2.0
Segundo disco da banda liderada pelo consagrado produtor Butch Vig (trabalhou com Nirvana e Smashing Pumpkins)

Foto de capa: Rui Mendes

Pauta

18 BARÃO: VAMOS DANÇAR
Os roqueiros se rendem à eletrônica

20 O ENTRA-E-SAI NO GUNS
Axl Rose reformula a banda e promete disco novo ainda este ano

24 OS BEM-AMADOS RACIONAIS
O discurso radical da periferia de São Paulo seduz a classe média e ganha elogios de todas as facções da música brasileira

32 LEGADO DE CHICO SCIENCE
O movimento manguebit vira o pop brasileiro de ponta-cabeça e começa a influenciar o rock internacional

41 FRANK BLACK VEM AÍ
Em entrevista exclusiva, o ex-líder do Pixies promete desembarcar no Brasil em agosto

46 LIXO APERFEIÇOADO
Depois de vender 4 milhões de cópias em seu disco de estréia, o Garbage se supera em *Version 2.0*

50 A HORA DO PATO FU
O grupo mineiro chega ao quarto disco sem medo de fazer sucesso

SEMPRE EM SHOWBIZZ

10 CANAL BIZZ
Marcelo Bonfá mobiliza legionários; discografias de Bob Dylan e Aerosmith

14 BIZZES
Skank grava com Daúde; as músicas que Courtney Love fez para Kurt Cobain

55 PLAY
Smashing Pumpkins, Lou Reed, Massive Attack, Virgulóides, Paralamas, Paula Toller

66 TESTE
Você está na corte do Queen?

68 LETRAS TRADUZIDAS
"Uninvited", de Alanis Morissette

70 ONZZE PERGUNTAS
Steve Howe, a guitarra mágica do Yes

72 AO VIVO
Soulfly, Toasters, Lulu Santos e um festival de música étnica

76 + BIZZES
Prodigy no Brasil; Sepultura toca aqui com baixista do Metallica

82 DISCOTECA BÁSICA
Todo o romantismo de Frank Sinatra em *Songs For Young Lovers*

Canal Bizz

Esta é a sua área. Discorde, elogie, faça sugestões, perguntas e pedidos... Manifeste-se.
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP – email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

BONFÁ OU NÃO BONFÁ?

Gostei muito da reportagem com o Marcelo Bonfá. Não sabia que ele tem uma personalidade tão marcante, com tantos planos geniais para o futuro. Esse depoimento, quase desabato, me fez entender bem mais a Legião. Eles são como uma família na qual um ajuda ao outro e todos se ajudam. Concordo com ele a respeito do oportunismo da coletânea *Mais Do Mesmo*.
Ruth Laredo – Manaus, AM

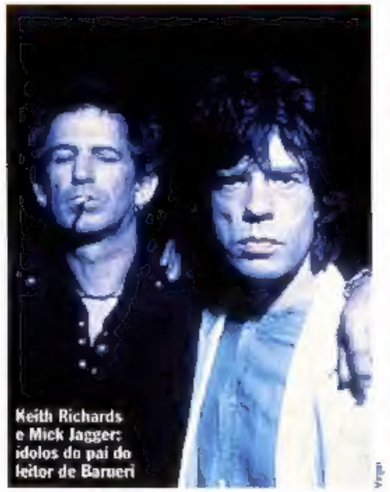
Pessoal, aqui vão minhas sugestões para as próximas capas de SHOWBIZZ... Junho: "Confirmado: Renato Russo ia três vezes por dia ao banheiro!" Julho: "Noel Gallagher declara: somos mais famosos que a Legião Urbana!" (haverá quebra-quebra de discos e protestos mundiais contra o insignificante astro pop inglês). Agosto: "Renato Russo teve cárie no segundo molar em 1976". Setembro: "Indisposição estomacal teria inspirado 'Faroeste Caboclo' ". Outubro: edição especial Legião Urbana (os fãs estão carentes de informações): "Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá reacendem a polêmica: ele ia só duas vezes ao banheiro". Francamente...
Aleksey Stivanin – via e-mail

Fiquei emocionado com os depoimentos do Bonfá sobre Renato. Seu disco já tem cheiro de "quero escutar!". Mas quando ele tocou no assunto letras... Meu, foi aí que a saudade apertou. Cai na real e vi: estamos órfãos e perdidos... o Brasil está pobre!
Alexandre Pereira da Silva – via e-mail

A capa com Marcelo Bonfá não foi unanimidade

carta do mês

Deep Purple, The Doors e Bob Dylan são sem dúvida fenômenos imortais do rock, mas é muito fácil gostar dos grandes. Todo mundo fala bem: meu pai, meu avô, o dono da padaria. Em momento algum desfazendo dos mestres, é hora de procurar novas bandas.
Matchbox 20, The Verve, Radiohead, Pulp e outras podem até não durar muito. O que importa é acreditar que nossas preferidas poderão um dia se tornar imortais, para um dia ter o gosto de dizer a nossos filhos o que meu pai diz sempre: "Rolling Stones eu curto antes de você aprender a dizer rock'n'roll, meu camaradinha".
Alexandre Monaceli - Barueri, SP
Parabéns, Alexandre. É preciso acreditar que, como canta Gilberto Gil, "o melhor lugar do mundo é aqui e agora". Se depois o tempo ensinar que a coisa não era bem assim... bem, faz parte. Vai que a camiseta pela carta do mês é tua!


Keith Richards e Mick Jagger: ídolos do pai do leitor de Barueri

TRADIÇÃO X MODERNIDADE

Impressionante o estado em que nosso amado rock se encontra. Onde está a atitude de antigamente, a rebeldia? As músicas de hoje não são mais músicas, só um amontoado de ritmos sem melodia e harmonia. Os grandes poetas estão mortos. Os grandes instrumentistas, relegados ao esquecimento. Bons tempos aqueles em que, além de divertir, a música tinha a função política de ser o grito de uma juventude que não se entregava diante de injustiças. Talvez o tecno venha substituir a poesia. Será que um mundo assim vale a pena?
Daniel Rossi – Cordeirópolis, SP

O CD do grupo francês Air, *Moon Safari*, é uma baita surpresa. A mistura que eles fazem do *easy listening* dos anos 60 com um pouco do rock progressivo dos 70 e da música eletrônica dos 90, além de muito criativa, é prova de que vivemos numa das melhores décadas da história do rock. A nossa é, pelo menos, a mais diversificada de todas. Podemos sair na rua com o CD dos Chemical Brothers num bolso, o do Oasis no outro e o do Air (ou o do High Llamas, também genial) no fone de ouvido sem ser chamado de "vendido" ou de "traidor de algum movimento". Isso é uma verdadeira evolução.
Tiago Bruno – Brasília, DF

ABRIL PRO ROCK

Parabéns pela reportagem *Gente Que Faz*, conectando as boas vibrações do mangue, de onde surgiu o "caranguejo maior" Chico Science e sua Nação Zumbi. Com tambores atômicos e o toque relevante do maracatu, há cinco anos eles iniciaram as fundações do Abril Pro Rock. Que nossa música tenha mais e mais festivais, criando pessoas com poder de elaboração parecido com o do Chico. Afinal de contas, organizar o passado é uma evolução musical.
Romir Fontoura – Mariana, MG

LONGE DEMAIS DAS CAPITAIS

Até quando as pessoas que não moram no Rio de Janeiro ou em São Paulo terão que continuar viajando quilômetros e gastando fortunas para poder ver seus ídolos ao vivo e em cores? É sempre a mesma história... Dizem que vão vir, mas quando vai chegando perto começam a desmarcar. Os produtores de shows bem que poderiam pensar um pouco mais, e levá-los a Salvador, Porto Alegre etc.
Carine Cardoso – Rio Grande, RS

Os produtores de shows pensam que o Brasil só vive do Rio e de São Paulo. Até o Jimmy Page já notou, quando lhe perguntaram se ele e Robert Plant viriam ao Brasil (*na edição 153*). Moro em Belo Horizonte, cidade com quase 2 milhões de habitantes, e os únicos shows que aparecem aqui são de bandas de axé ou de pagode.
Marcos Paulo Porto – Belo Horizonte, MG

IAN CURTIS RESSURGE!

A última SHOWBIZZ (154) tinha uma nota que anunciava a volta do New Order. E tocando músicas do Joy Division!!! Só estranhei ao ler "...quando o quinteto quebra um jejum de seis anos longe dos palcos." Quinteto? Peraí, deixa eu ver: Gillian, Bernard, Peter, Stephen...1, 2, 3, 4... Pôxa, mas na foto só tem quatro! Achei que vocês precisavam reaprender matemática. Mas... o que é aquele vulto iluminado na foto, por trás da cabeça do Bernard? Puxa, é claro! É o Ian Curtis (*vocalista da Joy Division, morto em 1980*)... Desculpem. Vocês são gênios. É claro que o Ian faz parte do New Order. Afinal, foi o espírito dele que forjou esses rapazes (e essa moça) para a música... não foi?
José Senna – via e-mail
Obrigado pela correção e pela compreensão. Chamar o New Order de quinteto só pode ter sido ato falho. Ou o que os ingleses chamam de "wishful thinking", aqueles desejos que gostaríamos que se realizassem: seria ótimo se Ian Curtis estivesse vivo para contribuir com o New Order, não?

New Order: seria o João Paulo na sombra?

O BIZARRO NÃO TEM LIMITES... JOÃO MAGRO

Renato Andrade Vieira – Ribeirão Preto, SP

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 -1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Hiran Kobata
Diretor Editorial Atlântida: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SHOWBIZZ

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor Chefe: Pedro Só
Editores: Robert Halfoun, Sérgio Martins
Repórter: Leticia Calmon
Editor de Arte: Renato Vida
Editor Assistente de Arte: Johnson Veiga
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) Álvaro da Costa e Silva, André Duarte, Bernardo Araújo, Bruno Lancellotti, Carlos Freitas, Celso Masson, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Fernando Luna, Hagamenon Brito, Jotabê Medeiros, Luciano Vianna, Marcelo Orozco, Marcos Filippi, Mauro Ferreira, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Rodrigo Salém, Tárik de Souza, Thomas Pappon, Yuri Pachoco, Wagner Filho (Fotos) Daniela Dacorso, Jorge Rosenberg, Luzia Ferreira, Pedro Serra, Rui Mendes (Ilustração) Daniel Caballero (Revisão) Roberto Pinheiro

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo; Abril Press: José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Souza

Comercial
Diretoria Comercial: Angela Marsiaj
Gerente de Circulação e Promoção: André D'Amato

Publicidade
Diretoria de Publicidade: Thais Chede S. B. Barreto
Gerente de Vendas: Renato Fonseca Soldanieri
Executivos de Contas: Júlia Maria G. Farina, Márcia Regina Braga
Gerente de Marketing Publicitário: Elizabeth Rocha Simone de Souza
Diretor Escritórios Regionais: Marcos Venturino
Diretor Executivo Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Executivo Rio de Janeiro: Pablo Renato Simões

Assinaturas
Diretor de operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Planejamento e Controle
Glauco C. Barros
Processos
Gilson Del Carlo

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald, Plácido Loriggio

Canal Bizz

Aerosmith: show no Brasil ficou difícil

DÚVIDAS?

Peço a discografia completa do Mr. Bob Dylan. Desesperadamente.

Ednelson Oliveira - Socorro, SP

A discografia de Robert Zimmerman Dylan compõe-se de: Bob Dylan *(1962)*, The Freewheelin' Bob Dylan *(1963)*, The Times They Are A-Changin' *(1964)*, Another Side Of Bob Dylan *(1964)*, Bringing It All Back Home *(1965)*, Highway 61 Revisited *(1965)*, Blonde On Blonde *(1966)*, Bob Dylan's Greatest Hits *(1967)*, John Wesley Hardling *(1967)*, Nashville Skyline *(1969)*, Self Portrait *(1970)*, New Morning *(1970)*, Bob Dylan's Greatest Hits Vol. 2 *(1971)*, Pat Garrett & Billy The Kid *(1973)*, Dylan *(1973)*, Planet Waves *(1974)*, Before The Flood *(1974)*, Blood On The Tracks *(1975)*, The Basement Tapes *(1975)*, Desire *(1976)*, Hard Rain *(1976)*, Bob Dylan At The Budokan *(1978)*, Street Legal *(1978)*, Slow Train Coming *(1979)*, Saved *(1980)*, Shot Of Love *(1981)*, Infidels *(1983)*, Real Live *(1984)*, Empire Burlesque *(1985)*, Biograph *(1985)*, Knocked Out Loaded *(1986)*, Down In The Groove *(1988)*, Oh Mercy *(1989)*, Dylan & The Dead *(com o Grateful Dead, 1989)*, Under The Red Sky *(1990)*, The Bootleg Series Vol. 1-3 *(1991)*, Good As I Been To You *(1992)*, The 30th Anniversary Concert Celebration *(com outros artistas, 1993)*, World Gone Wrong *(1993)*, Bob Dylan's Greatest Hits Vol. 3 *(1994)*, Unplugged *(1995)*, Time Out Of Mind *(1998)*.

INDÓCEIS PELO AEROSMITH

Publiquem a discografia completa do Aerosmith.

Éverton Sales - Alvarenga, MG

Aerosmith *(1973)*, Get Your Wings *(1974)*, Toys In The Attic *(1975)*, Rocks *(1976)*, Draw The Line *(1977)*, Live Bootleg *(1978)*, A Night In The Ruts *(1979)*, Aerosmith Greatest Hits *(1980)*, Rock In A Hard Place *(1982)*, Done With Mirrors *(1985)*, Classics Live! *(1985)*, Classics Live II *(1987)*, Permanent Vacation *(1987)*, Gems *(1988)*, Pump *(1989)*, Pandora's Box *(1991)*, Get A Grip *(1993)*, Big Ones *(1994)*, Box Of Fire *(1994, caixa com todos os álbuns da banda até* Classics Live II*)*, Nine Lives *(1997)*. *A Joe Perry Project, banda do guitarrista nos anos em que esteve afastado do Aerosmith, tem três discos:* Let The Music Do The Talking *(1980)*, I've Got The Rock'n'Rolls Again *(1981) e* Once A Rocker Always A Rocker *(1984)*.

Vi na MTV que o Steven Tyler se machucou em show no Alasca, e foi operado. Quer dizer que o Aerosmith não vem mais ao Brasil este ano?

Mônica Ferro - São Paulo, SP

Vai ser difícil. Steven rompeu ligamentos do joelho no dia 29 de abril. Operado, se recupera em casa, em Boston. O Aerosmith só volta a se apresentar em 28 de agosto, repondo os shows cancelados nos EUA. Mas o filme Armageddon, *que estréia no Brasil em setembro, tem quatro novas músicas do grupo na trilha.*

LAMENTO HARD ROCK

O hard rock está na pior. Whitesnake terminou se arrastando, David Coverdale é uma sombra dos bons tempos de Deep Purple. Page e Plant também se acomodaram. Ian Gilian não canta mais nada, uma pena. O guitarrista Steve Morse está salvando o Purple de virar uma banda de velhos ridículos... Mas o Aerosmith é o caso mais agudo. "Pink" é de rir. A banda que fez *Toys In The Attic, Rocks* e *Draw The Line* e estava junto a Van Halen, Deep Purple, Led Zeppelin e Black Sabbath entre as grandes de hard/heavy pode entrar agora no clube da MTV dos Hanson e de outros dejetos.

Luiz Henrique Gama – via e-mail

A HISTÓRIA SE REPETE

A crítica sobre o CD do Jimmy Page e Robert Plant lembra muito a receptividade da imprensa nas épocas de lançamento dos discos do Led. O pessoal não entendia a liberdade de criação dos caras e metia o pau! Apesar disso, os discos eram os preferidos na coleção de todo mundo! Escutem *Walking Into Clarksdale* umas duas vezes mais e vocês sentirão o zepelim decolando de novo!! Quem sabe não esquece nunca... e viva o classic rock!

Sergio Botinha – Belo Horizonte, MG

LEITOR PRÓDIGO

Antes de tudo, queria parabenizá-los pela ótima qualidade de SHOWBIZZ. Isso ficou ainda mais claro para mim depois que fiz a burrice de comprar uma revista especial do Led Zeppelin de outra editora, e ver que a única coisa que prestava eram as fotos. Textos mal elaborados, erros inaceitáveis e falta de criatividade eram algumas das más características da revista.

Vinícios Barboza – São José dos Campos, SP

Fã-clubes

ALANIS MORISSETTE

For You: Alanis Morissette
A/C Caroline ou Priscila
Rua Rangel Pestana, 340 ap. 201
CEP 86062-020
Londrina, PR

PLANET HEMP

Liberdade de Expressão
Av. Cora De Carvalho, 862
CEP 68900-040
Macapá, AP

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800

TROCA - ACORT

Procuro gravação do show do Oasis em São Paulo, transmitido pela rádio Brasil 2000 no dia 25/04/98, e a gravação do show da turnê *Be Here Now*, transmitido pela MTV, no dia 15/12/97. Quem tiver outros materiais, além da SHOWBIZZ de agosto de 1997, com o Oasis na capa, entre em contato comigo o mais rápido possível!
Carol Gallagher
Rua Prof. Torres Homem, 612/23
CEP 11025-021
Santos, SP

Gostaria de me corresponder com fanáticos nirvanamaníacos.
Fernanda Cobain
Rua Dr. Anis Fadue, 656
CEP 08685-020
Suzano, SP

Troco reportagens de várias bandas e atores por material do Hanson e do Nirvana.
Anelise da Silva
Rua Geral Papagaio, s/ nº.
CEP 88230-000
Canelinha, SC

Vendo a SHOWBIZZ de novembro de 1996 (ed. 136) com o Renato Russo na capa.
Valéria Daniel de Souza
tel.: (011) 3982-2313
Rua das Usinas, 731
CEP 02867-090
São Paulo, SP

Troco duas coletâneas e um CD ao vivo do Cure pelas 24 edições da BIZZ de 1984 e 1985.
Robson R.
Rua Floriano Peixoto, 248
CEP 15500-000
Votuporanga, SP

Vendo coleção com mais de 150 reportagens, 400 fotos e vários pôsteres de toda carreira dos Titãs. Também possuo reportagens de várias bandas nacionais e internacionais.
Guttenberg Henrique Silva
Rua José Cláudio Sales, 200
CEP 31760-400
Belo Horizonte, MG

Gostaria de me corresponder com pessoas que tenham material e/ ou gostem dos Chili Peppers e Jane's Addiction.
Felipe Trennepohl
Rua Alexandria, 138 E
CEP 89807-300
Chapecó, SC

Gostaria de me corresponder com pessoas que gostem da Legião Urbana e da Alanis Morissette.
Luciana de Azevedo
Rua João Goulart, 1983
CEP 78901-450
Porto Velho, RO

Procuro a gravação em vídeo do Hollywood Rock de 1994 com o Aerosmith, além de entrevistas e outros shows com a banda.
Amanda Guimarães
Rua das Laranjeiras, 363
CEP 09820-480
São Bernardo do Campo, SP

PARADA DO GATÃO

Vocês fizeram o Prêmio Bizz para os leitores votarem, mas somente eu votarei no Prêmio Cat *(gato)*, os rockstars mais lindos do mundo. Aí vai: 1 - Bono Vox, 2 - Eddie Vedder, 3 - Axl Rose, 4 - O vocalista dos Backstreet Boys (não sei o nome), 5 - Noel Gallagher.

Cristiane Martins – Taubaté, SP

KURT COBAIN, AUTOBIOGRÁFICO?

Sou fã de Nirvana há seis anos, e assim sendo não poderia deixar de notar os erros que vocês cometeram nos comentários sobre "Serve The Servants" na SHOWBIZZ Especial (*Edição 6, Abril de 1998*). A letra passa longe de Courtney Love. O próprio Cobain fez questão de dizer em sua última entrevista que nunca escreveu uma letra tão obviamente autobiográfica. A história que Kurt narra na música é sobre sua infância, o legendário divórcio citado é o divórcio de seus pais, quando tinha 8 anos de idade. Mas tudo bem, vocês estão perdoados, pois quatro anos após a morte de Kurt vocês continuam falando sobre ele.

Vivian Gonçalves – São Paulo, SP

Cara Vivian,

agradecemos a correção. Realmente, a letra de "Serve The Servants", incluída no disco In Utero, *de 1993, faz alusões à infância de Kurt Cobain. Mas não se pode esquecer o quanto ele sentia prazer em confundir os que tentavam "ler" além dos versos que escrevia. Tomar a canção como mero retrato da vida de menino de Kurt também cai no "obviamente autobiográfico" que ele repudiou, não é mesmo?*

Kurt Cobain na visão da leitora Vivian Gonçalves

Editora Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
SHOWBIZZ
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO

Revista Showbizz, Edição 155, Junho de 1998

ANER

IVC

Samuel surfa sobre a plateia, na Suíça, ao velho estilo Iggy Pop

Daúde participa do novo disco do Skank

FHC cumprimenta os garotos nacionais

Sono no aeroporto de Cumbica

Haroldo, contra-regra do Faustão

SKANK REFORÇADO

Chama-se *Siderado* o disco que o Skank está terminando em Abbey Road, em Londres. "É o nome de uma música, coisa do Chico Amaral (*letrista e saxofonista do grupo*). Eu nem sabia direito o que significava e adorei quando ele explicou que queria dizer atônito, perplexo", explica Samuel Rosa. Produzido por Paul Ralphes (ex-baixista da Bliss, conhecida pelo hit "I Hear You Call ") e John Shaw, engenheiro do grupo inglês UB40, o disco inclui duas participações especiais. A percussão inventiva do grupo mineiro Uakti anima "No Meio Do Mar" e Daúde canta em "Don Blas" com Samuel Rosa. "Pensamos em chamar uma mulher para uma parte mais alta da melodia. E ela foi ótima, gravou um improviso também", conta o vocalista.

Em *Siderado*, Samuel tem como parceiros Rodrigo Leão (do Professor Antena), em "Saideira", Marcelo Yúca, do Rappa, em "Do Bem", e Nando Reis, em "Resposta". Esta última, já estourada, é uma balada tocada ao violão, diferente de tudo que o Skank já fez. "O Nando botou letra e mandou uma fita ao violão. Veio tão boa que a gente nem quis fazer arranjo pra banda. Mas o disco não tem mais nada assim. Vai na linha meio ragga, meio rockabilly de 'Zé Trindade' e 'Sem Terra', músicas de *O Samba Poconé* que não fizeram sucesso."

VIDA DE BANDA

Samuel surfando sobre uma platéia suíça, Haroldo dando entrevistas com a Torre de Pisa ao fundo, flagrantes de camarim, encontros do grupo com figuras fundamentais da cultura brasileira, como Jorge Ben Jor, Fernando Henrique, Pelé e Russo (o contra-regra do Faustão)... Tudo isso está em *Skank Na Estrada* (ed. DBA/Melhoramentos, 136 páginas, 45 reais), livro de fotos que mostra a banda em suas viagens. A intimidade é total, afinal, a lente é de Fernando Furtado, o quinto Skank. Mineiro, 33 anos, fotógrafo antes de ser empresário do grupo, ele registrou cenas bizarras: entre elas, uma da trupe dormindo no chão do aeroporto de Cumbica. "O Chico Buarque, que por acaso desembarcou naquela hora, ficou horrorizado", conta Fernando.

Titãs cantam Roberto Carlos

O novo disco dos Titãs traz seis releituras de músicas deles mesmos, uma versão de "É Preciso Saber Viver", de Roberto Carlos, e um *medley* de canções que falam sobre polícia – entre elas, o samba "Sr. Delegado", de Geraldo Pereira. O esperado sucessor de *Acústico* tem produção de Liminha e Eumir Deodato está escrevendo os arranjos de cordas e sopros. Conhecido por trabalhos com Frank Sinatra, Tom Jobim, Kool & The Gang, Björk e pela versão que fez de "Also Sprach Zaratustra" (do compositor austríaco Richard Strauss) em 1972, o maestro carioca também está botando o dedo no novo disco de Carlinhos Brown que está sendo produzido por Marisa Monte (com Tom Capone na parada).

CRAQUES DOS ANOS DOURADOS

O comercial da Nike com a seleção deve muito a três craques que não aparecem: o pianista Luis Eça, o saxofonista e flautista Bebeto e o baterista Helcio Milito. Juntos, eles, o Tamba Trio, tocam a versão de "Mas Que Nada" (Jorge Ben), que encanta o público de todos os países em que a peça publicitária está sendo exibida. A gravação, de 1963, pode ser encontrada no recém-lançado CD duplo *Tamba Trio Classics*. Apresentada por texto de Tárik de Souza, a coletânea também traz faixas da segunda formação do grupo, com Ohana na bateria. Mesmo sem Helcio, inventor da tamba (kit de percussão feito sob medida para a bossa nova), o trio fez bonito até 1966, data das gravações mais novas deste *Classics*.

Luis Eça

Bebeto

Helcio Milito

Canções para Kurt

Courtney Love lembra o marido no novo disco

Depois de quatro anos de espera, o disco novo de **COURTNEY LOVE** foi adiado outra vez – para setembro. Mas agora sabe-se que os fãs do Nirvana vão poder divertir-se com três músicas que trazem referências, discretas ou escancaradas, a Kurt Cobain: "Playing Your Song", "Hit So Hard" e a acústica "Northern Star". Cada vez mais obcecada em dar bons exemplos à juventude, Courtney dá entrevistas falando de suas preocupações para se tornar uma "responsável cidadã". Para a pequena Frances Bean Cobain, Courtney escreveu a suave "Heaven Tonight", que evoca imagens de cavalos galopando na pradaria. Com pouca modéstia, ela define a música como "um triunfo do pop".

Recados e referências

"Playing Your Song"
"E, oh, eles compraram e venderam tudo, nada restou/ Eles levaram tudo, construíram um shopping/ E agora estão tocando a sua música"

"Hit So Hard"
"Ele bateu tão forte/ Que eu vi estrelas/ Ele bateu tão forte/ Que eu vi Deus"

"Northern Star"
"Eu quero você e benditos sejam os vencidos/ E eu te imploro/ Nenhuma tristeza, nenhuma solidão é digna de você/ Aí, rasguem fora o coração dele, frio como gelo, ele é meu"

ESTRANHA EQUAÇÃO DA FELICIDADE

É surpreendente, mas foi assim, passando por quatro perdas, que Billy Corgan, líder do Smashing Pumpkins, deixou a angústia que marcava os trabalhos do grupo. O recém-lançado álbum *Adore* mostra que ele está bem resolvido

Mãe
Martha Corgan abandonou a família quando Billy tinha 5 anos. Ele só a perdoou há três anos, quando ela descobriu que tinha um câncer terminal. Em *Adore*, "For Martha" e "Once Upon A Time" exorcizam a situação.

Baterista
Jimmy Chamberlin era o grande amigo de Billy na banda, mas o vocalista não hesitou em demiti-lo após a morte do tecladista Jonathan Melvoin, por overdose. Jimmy era seu companheiro de vício.

Mulher
Foi ela, Chris, quem pediu o divórcio, no segundo semestre de 1996, deixando Billy Corgan na pior. Ele garante, porém, que o assunto não vazou para o disco. "Não sou Bob Dylan", espeta.

Rock
Billy Corgan encheu o saco do gênero e passou uma temporada curtindo canções folk caseirinhas, voz e violão. Os trabalhos em *Adore* foram interrompidos durante oito meses.

Geri não é mais uma spice girl, mas deixou "muito amor" para as ex-colegas

"Tô fora!"

Geri dá adeus às Spice Girls, mas o grupo continua firme (ou quase firme)

"Infelizmente confirmo que deixei as Spice Girls. Isso devido às diferenças que existem entre nós. Tenho certeza de que o grupo vai continuar com o seu sucesso e desejo tudo de melhor para elas. Muito amor." Foi com essas palavras, numa nota oficial divulgada no finalzinho de maio, que a ruiva Geri Halliwell anunciou que não é mais uma *spice girl*. Na mensagem, ela diz também que não tem planos imediatos para sua carreira, mas garante: "Eu voltarei..."

Do outro lado, as ex-companheiras Victoria, Emma, Mel C e Mel B, também em nota oficial, dizem que estão muito tristes com a decisão de Geri e que a apoiarão em qualquer coisa que ela resolver fazer. Para todos os efeitos, a curta e simpática declaração serviu para evitar comentários sobre os verdadeiros motivos da saída da ruiva. Com uma personalidade mais marcante do que a das outras quatro *spicies*, Geri era considerada meio mandona dentro do grupo e as brigas entre as integrantes eram freqüentes.

As Spice Girls deram um tempo na turnê que vinham fazendo e já começaram a trabalhar no próximo álbum. Logo depois do pronunciamento de Geri, Mel C seguiu para Dublin, onde começou a gravar os vocais do novo disco.

Sobrevivente do rock

Wayne Kramer, ex-MC5, pioneiro do barulho

Aos 50 anos de idade, o guitarrista **WAYNE KRAMER** fez do álbum *Citizen Wayne* um balanço de sua história no rock. Ex-integrante do grupo MC5 – pioneiro do heavy metal e do punk –, Kramer se mostrou interessado em tocar no Brasil. "Mas só em lugares pequenos", adianta.

Em *Citizen Wayne*, você olha para seu passado sem amargura. O que você pensou ao fazer esse álbum?
Foi uma tentativa de contar a vida maluca que eu tive. Acho que muita gente não conhece essa trajetória.

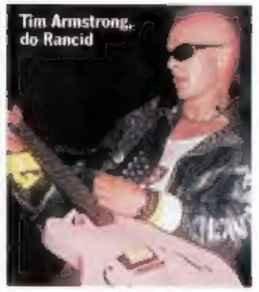
Por que você não gravou mais nada depois do fim do MC5?
O fim do MC5 foi muito doloroso. Éramos um problema para a gravadora, por nosso ativismo político e porque éramos loucos *(risos)*. Nosso empresário foi para a prisão por causa de dois cigarros de maconha. Depois disso nunca mais fomos os mesmos. Mas toquei ao lado de Johnny Thunders na banda Gang War e participei de alguns discos do (Was) Not Was.

Que importância você acha que o MC5 tem para o rock?
Foi como o big bang para o que depois se tornou heavy metal e punk rock. Na época, a música que ouvíamos no rádio era tão mediocre, tão ruim, que nós tínhamos que inventar algo. Criamos um novo som para um novo tempo.

Martelo no Hanson

Os Hanson vão ajudar a levantar fundos para pesquisas sobre Aids e câncer de forma inédita. Para um leilão beneficente via Internet, o U2 doou uma guitarra autografada e o Kiss ofertou um troféu de ouro: os Hanson estão leiloando o direito de ser *roadie* do trio por um dia. Os fãs têm feito lances altíssimos. Confira no site: auctionline.tjmartellfoundation.org
Os três irmãos foram parar no clipe "La Di Da", de Ringo Starr. No vídeo, o ex-beatle aparece sentado num banco, assistindo aos Hanson serem perseguidos por adolescentes histéricas – como acontecia com ele no tempo da beatlemania.

Leilão: quem pagar mais, trabalha para o Hanson de graça



Tim Armstrong, do Rancid

VIAGEM PUNK

O **RANCID**, conhecido pelo hit "Time Bomb" (do disco *...And Out Come The Wolves*, de 1995), está de volta com *Life Won't Wait*. Produzido pelos próprios integrantes, o trabalho foi gravado em São Francisco, Los Angeles, Nova York, Nova Orleans e na Jamaica. Viajaram, hein? Dicky Barrett, do Mighty Mighty Bosstones, faz backing vocals em "Cash, Culture & Violence". Segundo especulações internautas (não confirmadas pela gravadora), *Life Won't Wait* seria um álbum duplo. O disco sai na segunda quinzena de julho, mas o Rancid já começou a turnê.

Velhos e novos bumbuns

Muito antes de Carla Perez, ela já havia conquistado seu espaço na música popular usando os glúteos. Também precursora da *latinidad* no pop brasileiro ("Conga Conga Conga"), só agora **GRETCHEN** pode ser apreciada em CD. A EMI raspou dos arquivos do selo Copacabana hits como "Dance With Me" e "Freak Le Boom Boom" e jogou num disco da série *Seleção De Ouro*. Enquanto isso, Mister Sam, antigo produtor e inventor de Gretchen, responsável por outras pérolas *trash* dos anos 70, ataca novamente. Depois de fazer o Dominó (aquele mesmo!) estourar na França, ele colocou **LADY LU** no topo das paradas argentinas. O hit da moça? "Todos A Bailar". Mas você precisa ouvir mesmo é "Safado". "Ela tem 21 anos e é escultural. Vai ser um sucesso que nem a Gretchen", empolga-se Sam, aproveitando para dizer que Lady Lu já está "licenciada" para EUA, México, Espanha e vários outros países. Com licença...

Lady Lu estourou na Argentina

Gretchen: glúteos agora em CD

VENENOSAS

"Não vamos dividir quarto nos hotéis. Gastaremos mais com a hospedagem, mas não vamos ter de pagar por mobílias destruídas."
Boy George, sobre excursionar novamente com o ex-namorado Jon Moss, baterista do Culture Club

"Se eu fosse invisível por 24 horas, entrava na Casa Branca para ver o que Bill Clinton e Hillary fazem."
Madonna

"Eu não escuto meus discos. Imagina se eu ouvir tudo aquilo e concluir que é um monte de lixo."
Nick Cave, no semanário inglês *New Musical Express*

"Tony Iommi e eu estamos compondo, mas ainda não decidimos gravar. Não quero fazer que nem Robert Plant e Jimmy Page fizeram em *Walking Into Clarksdale*."
Ozzy Osbourne, sobre um possível disco do Black Sabbath com material inédito

"Não tiro, não tiro, não tiro. Eu sou rebelde, seu filho da p*"**

Caetano Veloso, durante o show *Livro Vivo*, no Canecão (Rio), quando um fã gritou para ele tirar a gravata

Dançar para não DANÇAR

por PAULO CAVALCANTI

O grupo brasileiro mais identificado com o rock sucumbiu à dance music. *Puro Êxtase*, novo álbum do BARÃO VERMELHO, muda de vez o som da banda. Roberto Frejat (guitarra, vocais) e Guto Goffi (bateria) justificam a transformação falando em desafio criativo e sobrevivência

Peninha, Rodrigo Santos, Roberto Frejat, Guto Goffi e Fernando Magalhães: vestidos para o sucesso

Por que fazer um disco tão diferente?
Guto Goffi – A gente queria dar uma mudança no som do Barão e fazer um trabalho mais comercial, radiofônico. Então chamamos o Memê, que veio de explosões com Gabriel O Pensador e Claudinho e Buchecha. Queríamos vender mais e estávamos cansados da camisa-de-força de ser o grupo rock'n'roll, com casaco de couro. Não queríamos que essa imagem fosse eterna.

Que público vocês querem atingir?
Guto – O público do Barão, ampliado. O que tínhamos de fazer na linguagem do rock com guitarra já fizemos. Agora queremos ficar com a música eletrônica. O lance do momento é a compatibilidade da música com a máquina. Nos escritórios a gente já vive isso. Queremos fazer produtos com expressão dentro do mercado. Viajamos com dezoito pessoas e precisamos que nossos trabalhos vendam bastante.

Como vocês encaram esta virada radical na personalidade do grupo?
Roberto Frejat – A nossa personalidade é muito forte para a gente mudar de repente. Não é bem esse o caso. Seria como ir para o Marrocos e mudar de sexo!

A mudança não descaracteriza o grupo?
Guto – Acho que o pessoal vai encarar de uma forma positiva. Para começar, o disco só tem composições da gente. Foi um trabalho leve, alto-astral, sem letras sofridas. A gente não está preocupado com o fã antigo que quer ver o Frejat usando cabelo comprido e botas. Não queremos ficar presos a fórmulas. Se você se conforma com algo que dá certo, acaba estagnado.

Vocês ouviram techno para fazer *Puro Êxtase*?
Frejat – Sim, tem elementos de techno que atraem a gente: a textura e a ousadia nos timbres. Já o formato e o conceito do techno são muito distantes do que poderíamos usar. Ouvimos Prodigy, mas nosso disco tem um lado de canção que eles não usam.

Em *Puro Êxtase* há uma cover de "Cena de Cinema", do Lobão. Por que essa escolha?
Guto – Foi sugestão do Memê. Ele achou que a gente tinha que regravar uma música em função do último disco (Álbum, *só com regravações, vendeu 400 mil cópias – de longe, o recorde do Barão*). O Memê ia fazer um álbum solo e queria o Frejat para cantar "Cena de Cinema". Ao invés disso, ele sugeriu que a gente a incluísse em *Puro Êxtase*. Ela é a faixa mais eletrônica e modernosa do disco.

Como foi trabalhar com o Memê?
Guto – Ele tem uma importância grande na indústria. Os trabalhos que faz chegam ao milhão. Memê veio para interferir e a gente entendeu o recado. No meu caso, sobrou menos espaço para a bateria e a percussão. Ele falava: "Cuidado com o computador, ele pode derrubar você". Foi um ponto de honra driblar a bateria eletrônica e tocar no CD inteiro.

Quantas músicas de *Puro Êxtase* estão no show?
Guto - Pelo menos umas cinco. As faixas mais lentas estão fora. "Quando Você Não Está Por Perto", por exemplo, ainda não dá para tocar ao vivo. Só entra se fizer sucesso no rádio. "Cena de Cinema" vai entrar numa fita pré-gravada, abrindo o show.

Como vocês se definem no atual momento do pop-rock brasileiro?
Frejat – Somos representantes da década de 80 que se tornaram atuais. Isso é um mérito nosso. São poucos os artistas que alcançam essa longevidade num mercado competitivo, rápido e desintegrador.

EXCELENTE DISCOS
QUER SUA BANDA!
Mande sua Demo para
Av. das Nações Unidas, 7221
6º andar CEP 05422-970
São Paulo - SP
aos cuidados do
Departamento
Artístico
EXCELENTE
uma marca da
Abril Music

TODOS OS HOMENS DE AXL ROSE

Dono do nome Guns N' Roses, Axl grava o novo disco da [illegible]

À PROCURA DE UM SOM DIFERENTE PARA O GUNS N' ROSES, O VOCALISTA CONVOCA, TESTA, APROVA E DEMITE MÚSICOS CONSAGRADOS... E O NOVO DISCO DA BANDA VIRA NOVELA

por DANIEL OLIVEIRA

Brigas, processos, mudanças e muitos boatos. Bem-vindo ao mundo do Guns N' Roses, ou melhor, de Axl Rose. Longe dos fãs e da imprensa há mais de quatro anos, ele passa a maior parte do tempo trancafiado em sua mansão em Los Angeles e num badalado estúdio daquela cidade, onde prepara o sucessor de *The Spaghetti Incident* (1993).

Desde então, Axl só foi visto em público duas vezes: ano passado, num show do Radiohead, na mesma LA. E em fevereiro último, no aeroporto Sky Harbour, em Phoenix (Arizona, EUA), quando foi preso ao recusar que sua bagagem fosse revistada pela segurança. Essa ausência tem causado tanta curiosidade que até um musical saturizando sua biografia foi montado na Broadway: *White Trash Wins Lotto* (Lixo branco ganha na loteria).

Bryn Bridenthal, gerente de imprensa da Geffen (gravadora do Guns), adianta: "Axl tem lido bastante e aprendido a tocar guitarra. Haverá um álbum quando ele disser que está pronto". »

QUEM ENTROU, SAIU E FOI SAÍDO NO GUNS N' ROSES

BILBY CLARKE

Gilby Clarke foi o primeiro a dançar. Lançou o álbum solo *Pawnshop Guitars* (1995) e entrou na mira de Axl Rose. "Axl me disse que gostaria de mudar a direção musical do Guns. E que o que eu e Slash fazíamos não funcionaria." Slash também pulou fora, em solidariedade ao parceiro. Gilby processou a banda em 1996 por deturpação de (seu) nome e de (sua) imagem e no ano passado lançou o segundo álbum solo, *The Hangover*.

SLASH

O músico ataca Axl sem escrúpulos: "Ensaiei doze vezes para o próximo álbum do Guns. Depois, disse para Axl: 'Quer saber? Fique sozinho!'" Slash excursionou com o projeto Blues Ball, que faz covers de rock e de blues: tocou no disco de estréia da banda Insane Clown Posse e participou do álbum ao vivo de Alice Cooper em três músicas. Agora, procura um vocalista para o próximo álbum da banda Snakepit.

DUFF McKAGAN

Duff falou de Axl e do Guns com motivação: "Há uma excitação no grupo que eu não via há muito tempo!" Mas no ano passado ele voltou a trabalhar com sua primeira banda, Ten Minute Warning, que lançou um álbum homônimo pela gravadora Sub Pop. A produção foi de Jack Endino. "É uma entidade totalmente diferente, mas é do cacete, com uma abrangência que vai de funk até Burt Bacharach."

MATT SORUM

Em julho de 1996, Sorum informou o mundo sobre os trabalhos no Guns: "Estamos ensaiando para entrar na rota. Axl está muito bem, de bom humor. Aprendeu a tocar guitarra e compôs músicas ótimas". Hoje Axl não está certo quanto à participação de Sorum no próximo disco do Guns. Recentemente o baterista atuou no filme independente *The Sound Man*, produzido no final do ano passado.

IZZY STRADLIN

O guitarrista acaba de lançar seu segundo álbum solo, *117°*. E fala numa boa sobre seus últimos dias no Guns: "As coisas estavam fora de controle. Fiquei com cada vez menos poder de decisão e me senti aliviado quando saí da banda". Izzy anunciou que está compondo com Slash. Duff e o baterista Taz Bentley (que também tocou no álbum *117°*). Seria a vingança dos ex-integrantes do Guns N' Roses contra Axl?

STEVEN ADLER

O baterista escreve *No Bed Of Roses*, um livro em que conta sua batalha contra as drogas. "A vida rápida das drogas, mulheres e rock me pegou." Sóbrio, Steven também agita uma banda nova, Freaks In The Room. O passado *gunner* rendeu a Adler a idéia de vender mimos pelo correio: peles de bateria autografadas, bonés, camisas e bermudas. Os interessados devem escrever para: Adler Enterprises, P.O. Box 261486, Encino, CA 91426, EUA.

DAVE ABBRUZZESE

Axl também pensou em colocar uma pitada grunge no som da banda. Convocou o ex-baterista do Pearl Jam, Dave Abbruzzese, mas a famigerada "química" não deu certo. "Me reuni com a banda, conversamos, passamos tempos juntos, mas não houve nada concreto. Foram apenas testes", resume Dave.

ZAKK WYLDE

Axl Rose tentou preencher a vaga de Slash com o guitarrista da banda de Ozzy Osbourne. Zakk compôs alguma coisa para o álbum novo, mas descartou a oportunidade. "Ser guitarrista era o máximo que poderia acontecer para mim no Guns. Eu também gostaria de cantar."

IGOR CAVALERA

Axl entrou numa fase definida como "espiritual" e convidou o baterista Igor Cavalera pra entrar no Guns. Fiel ao metal porrada do Sepultura, ele descartou o convite. "Eu disse que até poderia fazer alguma participação no disco com alguma batida ou lance tribal. Mas quanto a deixar o Sepultura e tocar no Guns N' Roses, sem chance."

MOBY

Tudo indicava que o produtor e compositor de techno e de rock Moby comandaria a mesa de produção do novo disco do Guns. Quando o trabalho para o álbum ia decolar, Moby sentiu que aquilo era uma roubada e decidiu pular fora. "Mesmo tendo paixão pelo Guns N' Roses, não posso ser exclusivo da banda. Eles trabalham muito devagar e duvido que o álbum saia logo."

Diante do esfacelamento da formação tradicional do Guns, Axl encheu o grupo de gente nova. De banda que gravou a versão de "Sympathy For The Devil", dos Rolling Stones, para a trilha do filme *Entrevista com o Vampiro*, apenas o tecladista Dizzy Reed permaneceu. Axl chamou o gótico Rob Finck (ex-Nine Inch Nails e membro da banda *drag queen* Impotent Sea Snakes) e o amigo de longa data Paul Huge para as guitarras. Os postos de baixo e bateria ainda estão abertos. Ainda existem chances de o baixista Duff McKagan e o baterista Matt Sorum reassumirem seus postos. Outros boatos porém, dão conta que Tommy Stinson (baixo, ex-The Replacements), Josh Freese (bateria, ex-Infectious Grooves Devo e Juliana Hatfield) e Chris Vrenna (também bateria, ex-Nine Inch Nails) garantiram suas entradas no Guns.

O especialista em música eletrônica Moby, convocado para produzir o disco, abandonou o barco. "Axl Rose me convidou porque havia gostado de *Animal Rights*, meu disco anterior que tinha uma pegada mais rock. Mas ele é bem enrolado", conta.

Moby pediu as contas. Fala-se agora em Youth (do grupo pós-punk Killing Joke e que trabalhou em *Urban Hymns*, do The Verve), Scott Litt (R.E.M., Days Of The New) e Steve Lillywhite (U2, Rolling Stones) para assumir o projeto.

Há um ano, Axl teve de lidar com a perda de um amigo: West Arkeen, coautor de "It's So Easy", "The Garden" e líder da banda Outpatience (*confira resenha na seção Play*), morreu num acidente mal explicado. Ele se recuperava de queimaduras de segundo e terceiro grau, causadas pela explosão de uma churrasqueira, e acabou morto por overdose dos medicamentos que tomava para aplacar a dor.

Apesar de todos os problemas, os empresários do grupo dizem que o novo disco sai no segundo semestre.

ENCANTO RADICAL

De Claudinho & Buchecha a Caetano Veloso, todos dizem que eles são os tais. Meio milhão de discos vendidos, sucesso nas FMs, o Brasil se rende às rimas fortes dos Racionais

por SÉRGIO MARTINS

Pedro Paulo Soares Pereira, 27 anos, o Mano Brown: autor das principais letras dos Racionais MC's

A cena se repete todo fim de semana. Num baile da periferia de São Paulo, os primeiros acordes de "Jorge Da Capadócia" levam cerca de 2 mil pessoas ao delírio. Sozinho no camarim (na verdade, um espaço limitado por compensados de madeira), Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira, 27 anos, acaba de engolir o último naco de seu sanduíche de queijo. Solta na cadeira, faz pequenos movimentos com o pescoço e com os braços. Se benze e segundos depois incendeia a platéia com discursos inflamados e crônicas do dia-a-dia no subúrbio de São Paulo. "Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista", costuma dizer. »

Na MTV, na Joven Pan e até em discurso no Senado. Os Racionais MC's estão em toda parte – menos na TV Globo

Os versos de Brown e de seus companheiros (os rappers Ice Blue e Edy Rock e o DJ KLJay) são acompanhados com total reverência, sem o pula-pula ou os passinhos coreografados característicos de shows de outros gêneros musicais. O público vai da histeria completa ao mais puro silêncio, sempre atento ao que Mano tem a dizer. "No começo eu estranhava, achava que eles não estavam curtindo. Depois é que me contaram 'Mano, eles prestam atenção na letra'."

As músicas do quarteto são bem construídos retratos de uma periferia desassistida pelas autoridades. "Para entender o que está acontecendo com aquelas pessoas marginalizadas é necessário ouvir os Racionais MC's", professa o senador Eduardo Suplicy, do PT de São Paulo. Ano passado, discursando para protestar contra a impunidade no caso do índio pataxó incendiado em Brasília, o político chegou a ler a letra de "Homem Na Estrada" (do LP *Raio X Brasil*, de 1993) na tribuna do Senado. "Foi uma maneira de denunciar a violência contra os mais pobres", explica Suplicy.

Os temas podem ser sombrios, mas a popularidade dos Racionais MC's é grande. Lançado pelo Cosa Nostra, selo deles mesmos, o CD *Sobrevivendo No Inferno* já contabiliza 500 mil cópias vendidas. É um número superior ao dos últimos lançamentos de Raimundos e de Charlie Brown Jr., grupos contratados por grandes gravadores e com execução garantida nas rádios – que atingiram, respectivamente, as marcas de 200 mil e 180 mil comercializadas. Equivale à soma dos números brasileiros dos últimos lançamentos de Oasis, Rolling Stones e U2.

Arthur Fontes, cineasta da Conspiração Filmes, conceituada produtora carioca, planeja filmar o dia-a-dia dos Racionais. "Estive numa apresentação deles no Imperator (*Rio*) e fiquei impressionado com o povo cantando aquelas letras quilométricas e sem refrão. Adoração igual, só nos shows da Legião Urbana" compara. "Eu, carioca, da praia, fiquei com vontade de conhecer o Capão Redondo (*bairro paulistano*) e falar com as mães daqueles rappers. As músicas deles são tudo que Caetano Veloso quis fazer com 'Haiti' e não conseguiu", elogia.

O próprio cantor e compositor baiano está entre os novos admiradores do grupo. Depois de ouvir "Fórmula Magica Da Paz" (sucesso dos Racionais) na Nation, casa noturna de São Paulo, ele pediu para convidarem Mano Brown para seu show *Livro Vivo* no Palace. "Caetano me disse que a musica dele era um salto gigantesco no rap popular, que a poesia é de uma contundência extraordinária porque descreve tudo da vida, do drama terrível daquela comunidade à qual eles pertencem, na periferia de São Paulo", revela Gilberto Gil. "Respeito, acho o Caetano um cara inteligente", devolve Brown.

O clipe de "Diário De Um Detento", estrelado por Mano Brown e Ice Blue, está entre os primeiros lugares na parada da MTV. A música, uma narrativa claustrofóbica de seis minutos e meio de duração, considerada longa demais para os padrões radiofônicos, teve ótima execução nas rádios 105 FM, Jovem Pan 2 (São Paulo) e Cidade (Rio).

Os elogios ao trabalho dos Racionais vêm de todos os lados da musica brasileira. "Mano Brown é um grande comentarista político do gueto, traz a galera para a realidade. Acho maravilhosa essa opção deles pela independência", aplaude Da Gama, guitarrista do Cidade Negra, banda de reggae da Baixada Fluminense.

Claudinho & Buchecha, dupla de funkeiros do morro do Salgueiro, em São Gonçalo (RJ), tem os Racionais como seus maiores ídolos. "É importante mostrar certos aspectos da realidade sem hipocrisia", justifica Claudinho. "O toque contra as drogas é o que mais admiro no trabalho deles", seleciona Buchecha.

O pagodeiro Netinho, cantor do Negritude Jr., é amigo pessoal dos rappers. Mano Brown deverá compor a trilha sonora de »

Ice Blue e Mano Brown no Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo, onde moram: uma parceria que dura desde a infância

A VIOLÊNCIA VERBAL, DISCO A DISCO

HOLOCAUSTO URBANO (1990)

"Pânico Na Zona Sul"
"Quando o dia escurece, só quem é de lá sabe o que acontece/ .../ Justiceiros são chamados, por eles mesmos/ Matam o mano no branco, tiros a esmo..."

"Hey Boy"
"Hey boy, o que você está fazendo aqui?/ Meu bairro não é seu lugar e você vai se ferir/ .../ Se eu não fosse esperto tiravam tudo de mim/ Minha pele, minha vida, enfim .."

ESCOLHA O SEU CAMINHO (1992)

"Voz Ativa"
"Precisamos de um líder de crédito popular/ Como Malcolm X em outros tempos foi na América/ Que seja negro até os ossos/ E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços/ Nossos irmãos estão desnorteados entre o prazer e o dinheiro/ .../ A juventude negra agora tem voz ativa".

A mensagem entre manos e mauricinhos

Peguei o CD emprestado com conhecidos. Os Racionais mostram bem a realidade dos negros, do país. Tenho vontade de ver um show, mas acho perigoso.
Gustavo Dias, 13 anos, estudante do 1º grau

"Não sou playboyzinho, gosto do som. Meu amigo é loiro e foi recebido no show deles com olhares tortos. Sofreu com o mesmo preconceito que o branco tem em relação ao negro. Mas não vejo discriminação nos Racionais."
Cauê Souza, 21 anos, estudante de Publicidade

"Não é a minha realidade, não vivo isso, mas isso existe. É legal mostrar o lado deles, que eles existem. Se um cara da periferia não for astro, não tem perspectiva."
Primo Lourenço Dias, 15 anos, estudante do 2º grau

"Escuto há muito tempo. Tinha um vinil deles, com aquela 'Mulheres Vulgares'. Gosto por causa da mensagem de periferia, né, meu? Todo lugar tem um pouco de periferia, todo bairro tem favela."
Thiago Gusmão, 22 anos, *roadie* (ajudante de palco) do Raça Negra

"Escuto com os amigos, conhecer pelo último disco. Não lembro de nenhum pedaço das letras, são muito grandes."
Genival da Cruz, 19 anos, estudante do 2º grau

Vou a todos os shows deles. Escuto o CD todo fim de semana. Meio de semana é correria, né? Adoro 'Diário De Um Detento' é a que eu mais escuto."
Manuel Messias, 22 anos, repositor de estoque

O vocalista Guilherme, Mano Brown, o amigo Quindim e o radialista Éder: os Racionais não brecam seu bairro por lugar algum

"Playboy gosta de coisa boa. Carro importado, comida fina. Se eles gostam da gente é porque somos bons" (Ice Blue)

Negritude – O Drama Urbano, filme produzido pelo grupo paulistano. Ele vai interpretar um traficante, mas não se sente ainda seguro para atuar, comenta Netinho. O cantor também conta com o rap de Brown para uma das próximas canções do Negritude. Chama-se 'Em Qualquer Bairro, Do País' e uma canção-declaração de amor levada mais romântica, até demais.

Os playboys (forma pejorativa com que os Racionais se referem aos brancos de classe média alta para cima) também não ficam imunes ao grupo. "Eles gostam do que é bom. Carro importado, comida boa. Se curtem a gente é porque somos bons", simplifica Ice Blue. Por conta disso, os Racionais esporadicamente se apresentam para um público de poder aquisitivo maior, em lugares como o Imperator, no Rio de Janeiro. O cachê que na periferia fica entre 5 mil e 10 mil reais por apresentação, costuma dobrar ou até mesmo triplicar nessas ocasiões. Tem é de pagar mais. Eles não babam pelos grupos de samba? Que paguem o mesmo pela gente", desafia KLJay. "O boy coloca um CD dos Racionais no seu carro importado e se sente parte da bandidagem."

Ser Racionais MC's significa adotar normas bastante próprias. O grupo rejeita álcool e drogas nos camarins, apenas frutas, sanduíches e refrigerantes são bem-vindos.

Pensam que somos muito loucos. Já ofereceram drogas várias vezes e teve show que nem água tinha, queriam servir só uísque pra gente", conta Brown.

A postura antidrogas, expressa em sucessos como "Capítulo 4, Versículo 3" e "Fim De Semana No Parque" é unanimemente aplaudida. Entretanto, o rapper Thaíde, um dos mais respeitados nomes da cultura hip hop nacional, aponta que os Racionais estão certos em quase tudo que dizem, "menos em duas ou três coisas". Ele não revela quais são essas coisas mas é fácil deduzir uma delas. Assim como os líderes negros americanos Malcolm X e Louis Farrakhan, KLJay não vê com bons olhos casamentos entre brancos e pretos (antes de morrer, em 1965, Malcolm reviu sua posição). "A loirinha só procura a gente quando já rodou na mão dos boys", conta. Ver um mano com uma loira é algo que me faz chorar por dentro."

O sambista e especialista em cultura afro-brasileira Nei Lopes diz que esse é um posicionamento há muito superado entre os ativistas negros. "Briga entre raças no Brasil soa como imitação de americanos. Hoje a afirmação da negritude passa por outros caminhos que não os da segregação. Conquistas legislativas, por exemplo", Gilberto Gil vê imaturidade na posição de KLJay. "São caprichos dos jovens."

As entrevistas à imprensa escrita são poucas e escolhidas a dedo. "Eles têm medo de que as pessoas distorçam suas palavras", socorre Primo Preto, ex-VJ da MTV e amigo dos rappers. O grupo tem suas razões: anos atrás foi envolvido pelo jornal paulistano *Notícias Populares* numa intriga com o Pavilhão 9, banda de rap comandada por RhoSSi, preto criado no Grajaú, Zona Sul de São Paulo. "Foi uma invenção da mídia, já fizemos as pazes", conta RhoSSi, hoje, sepultando uma discussão boba sobre tatuagens.

Televisão, nem pensar. Momentos antes de uma entrevista coletiva, em dezembro de 1997, eles gentilmente pediram aos repórteres da Globo e do SBT que se retirassem. "Nunca vamos nos apresentar numa emissora que apoiou a ditadura. Muito menos no *Faustão*, comandado por um apresentador que *tira* (*debocha de*) seus convidados", diz KLJay.

SHOWBIZZ passou seis meses tentando entrevistar os Racionais. Na penúltima semana de maio, conversou com KLJay. Três dias mais tarde, Mano Brown concordou em falar. O rapper passa os dias no Jardim Alvorada, bairro pobre da Zona Sul. É ali que mora com a mãe, dona Ana Soares Pereira; a mulher Eliane; e o filho, Kaire Jorge. O sucesso em nada atrapalha sua rotina. Troca ideia com outros manos e dá conselhos para o pessoal. "Não mata o pombo, esse bicho tem doença", ralha com um amigo que iria transformar a ave em tira-gosto. Ao ouvir do rapaz que ele não tinha intenção de acabar com o animal, Brown solta uma lição digna do rap: "Quem mata é Deus, você só aguarda o serviço dele."

Ele não troca suas raízes por nada deste mundo. "Tem gente que vende 100 mil discos e sai da periferia. Ganha milhões e depois vem aqui distribuir migalhas para o pessoal. Eu fico por aqui e ajudo como posso." A influência do rapper foi vital na construção de um campo de futebol localizado a poucos metros de sua casa. Brown desfruta muito pouco do presente, porque ainda se recupera de uma contusão na rótula – que o obrigou a andar de cadeira de rodas por quase dois meses. "O índice de violência abaixa quando se tem lazer", explica ele, com planos de abordar o esporte numa de suas próximas composições. O personagem da futura letra, já escolhido, é um velho »

RAIO X BRASIL (1993)

"Homem Na Estrada"
"Me digam quem é feliz, quem não se desespera/ Ver o seu filho nascer no berço da miséria/ .../ Te chamarão para sempre de ex-presidiário/ Não confio em polícia, raça do ca*****/ Vão invadindo seu barraco/ .../ Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia/ Filhos da p***, comedores de carniça..."

"Fim De Semana No Parque"
"Malicioso e realista sou eu, Mano Brown/ Me dê bons motivos para eu não ser/ Olha meu povo nas favelas e vocês vão ver/ Daqui eu vejo uma caranga do ano/ Toda equipada, com um fiozinho guiando/ Com seus filhos ao lado estão indo ao parque/ .../ Automaticamente, eu imagino/ A molecada da área, como é que tá?/ Eles também gostariam de ter bicicleta, ver seu pai fazendo cooper tipo atleta/ .../ Olha quanto boy, olha quanta mina/ Afoga essa vaca dentro da piscina/ .../ Tem comida de kart, dá pra ver/ É igualzinho ao que vi ontem na TV/ Olha só esse clube aqui da hora/ Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora..."

* Copias vendidas no Brasil

Mano Brown, Ice Blue, KLJay e Edy Rock, os Racionais: a dura realidade da periferia temperada com alguns discursos politicamente i

"Até há pouco ainda não tínhamos consciência disso... Nós somos os pretos mais perigosos do Brasil e vamos mudar muita coisa por aqui"

conhecido. Geovane Lima Caetano, irmão do vocalista Guilherme (que canta "Jorge Da Capadócia" em *Sobrevivendo No Inferno*), que morreu assassinado no ano passado com um tiro no coração. "Eu tinha ido arranjado um teste para ele no Santos. Ia se apresentar numa terça-feira. No sábado Geovane se envolveu num assalto e foi preso. Passou nove meses na cadeia e nunca mais foi o mesmo", revolta-se Brown.

Como qualquer morador da periferia Mano Brown está sujeito a ser parado pela polícia. E toma suas precauções. "Nunca ando sozinho. Estou sempre com dois ou três manos." Numa dessas batidas o carro dos Racionais emparelhou com o ônibus da Gaviões Da Fiel. "Eles ficaram tão revoltados que começaram a cantar 'Homem Na Estrada', *música que conta a história de um ex-presidiário*", revela. "Daí os policiais deixaram a gente e foram bater nos torcedores do Corinthians."

Em agosto os Racionais partem para a sua primeira excursão internacional. "Vamos representar o Brasil num festival em Munique na Alemanha. A intenção é dar uma passada na França, que tem uma cena rap muito forte", diz KLJay.

"O nome Mano Brown será tão famoso quanto o de Roberto Carlos", prevê o DJ. Ele ainda se chamava Kleber Geraldo Lelis Simões e trabalhava como carregador de mala no Terminal Rodoviário do Tietê (São Paulo) quando, no final dos anos 80, conheceu Brown. "Fizemos nossa primeira composição no Ponto Chic do Largo do Paissandu (*lanchonete no centro paulistano*)", lembra. "Era B-Boys (*dançarinos*). Somos B-Boys. B-Boys." Para completar o grupo, KLJay chamou o companheiro da Zona Norte Advaldo Pereira Alves, o Edy Rock. Brown recrutou o amigo Paulo Eduardo Salvador, o Ice Blue ("o apelido vem de 'Nego Blue', música do Jorge Ben. Ele andava sempre arrumadinho", explica Mano).

Logo nos primeiros ensaios, na casa de Edy Rock, KLJay teve a certeza de que havia escolhido o parceiro certo. "O meu excunhado dizia que Brown devia ter nascido nos E.U.A." Os Racionais assinaram contrato com o selo independente Zimbabwe e participaram da coletânea *Consciência Black*, de 1988. Três anos depois, roubavam a cena numa apresentação do Public Enemy na pista de Atletismo do Ibirapuera em São Paulo. "A gente conheceu os caras no hotel e eles nos nossos discos para eles", encurta KLJay. A contragosto dos organizadores – que tentaram barrar a entrada do quarteto –, interpretaram "Pânico Na Zona Sul" e "Tempos Difíceis", ambas do LP *Holocausto Urbano*.

A trajetória de Mano Brown se assemelha com a de um ídolo seu, o astro do reggae Bob Marley. Ambos são filhos de mãe negra e pai branco (o de Brown foi um italiano que nem viu o rapper nascer) e torcem – no caso do brasileiro, desesperadamente – pelo Santos Futebol Clube. Marley relatou em suas letras o dia-a-dia no gueto de Trenchtown, na Jamaica. Mano trabalha em versos o que acontece com sua gente na periferia. "Diário De Um Detento" foi uma carta entregue pelo presidiário Josenil há dois anos, quando os Racionais foram jogar bola com os presos da Casa de Detenção. O Guina, bandido que encomendou o assassinato de um desafeto em "Tô Ouvindo Alguém Me Chamar", ainda mora no bairro. "Só o nome é que é fictício, não quero me sujar", ressalva Brown.

Bob Marley comprou uma BMW com a boa leva de dinheiro que ganhou. "São as iniciais de Bob Marley & The Wailers", justificou. Mano tem uma caminhonete GMC que usa para levar os companheiros no jogo do Santos. "A gravadora me deu uma grana e me deu esse carro. Não ligo para marca. Eu antes andava de Opala, mas, de tanto sair com o pessoal, tive problemas com a suspensão do carro." Brown foi muito pobre. "Morei em casa com telhado furado, dava para ver o céu." Hoje tem um apartamento próprio de Cohab. O corpanzil de 1,80 metro e cerca de 90 quilos era cultivado em sessões esporádicas de musculação. "Fazia na academia de um chegado, mas deixei pra lá. Não gostava quando uns caras ficavam de fresco na espelho, olhando para os músculos e gemendo."

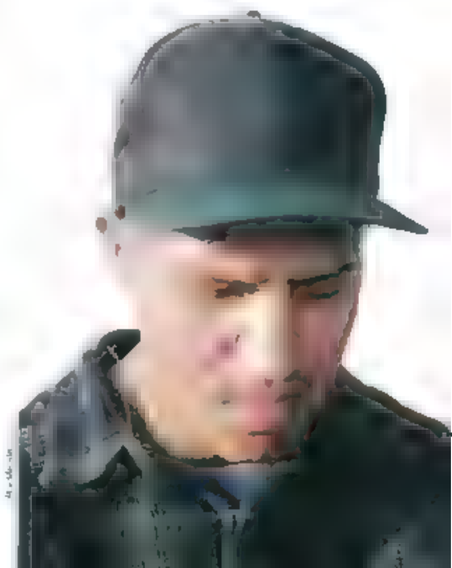
O rapper só viajou de avião no ano passado, quando os Racionais tocaram em Porto Alegre e em Belo Horizonte. "Prefiro ônibus, a gente pára na estrada, come, compra toalhas do clube preferido." Tem poucos sonhos de consumo. "Quero comprar uma casa para minha mãe. É um sonho dela."

Brown ri quando é chamado de poeta e alertado sobre o carisma que possui. "Às vezes eu não consigo nem dar uns toques para os manos daqui!" Mas o público não pensa dessa maneira. Chegou a atacar a polícia com paus e pedras quando os Racionais foram presos no meio de um show no Vale do Anhangabaú (centro de São Paulo) em 1994 – os policiais se sentiram ofendidos com os versos de "Homem Na Estrada", que diziam: "Não confio em polícia, raça do c**." A melhor definição de Brown e dos Racionais acaba saindo da boca de KLJay: "Somos os pretos mais perigosos do país e vamos mudar muita coisa por aqui. Há pouco ainda não tínhamos consciência disso."

SOBREVIVENDO NO INFERNO
(1997)

"Diário De Um Detento"
"Aqui estou, mais um dia/ Sob o olhar sarcástico do vigia/ Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de um HK/ Metralhadora alemã ou de Israel/ Estraçalha ladrão que nem papel/ .../ Amanheceu, 2 de outubro/ .../ De madrugada senti um calafrio/ Não era do vento, não era do frio/ Acerto de conta tem todo dia/ Ia ter outro logo mais, eu sabia/ .../ Ratatatá Fleury e sua gangue/ Vão dormir numa piscina de sangue/ Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia 3 de outubro, diário de um detento."

"Fórmula Mágica Da Paz"
Essa po*** é um campo minado/ Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui/ Mas a minha área é tudo que tenho/ A minha vida é aqui .."



REVOLUÇÃO MANGUE

por VITOR PAOLOZZI

MESMO ÓRFÃOS DE CHICO SCIENCE, OS TAMBORES DA NAÇÃO ZUMBI TRANSFORMAM DE VEZ A MÚSICA JOVEM BRASILEIRA E INFLUENCIAM O ROCK INTERNACIONAL

S

co
mang
Man
199
trad
talís
meio
ência
asas de
e conti
Recife
"C
do

»

INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO PERNAMBUCANOS ESTÃO SENDO EXPORTADOS PARA O BRASIL INTEIRO E PARA A EUROPA: TODOS QUEREM A FORÇA PRIMAL DO MARACATU

Chico com a Nação num show para a TV Cultura, em 1995

As circunstâncias que envolvem o desaparecimento inesperado e brutal de um artista jovem naturalmente respondem por uma boa parcela do fenômeno em torno de Chico ("a morte nos dá asas onde tínhamos ombros", já dizia Jim Morrison, outro que partiu cedo) mas não bastam como explicação. Por trás da inevitável idolatria mórbida, há uma contínua expansão do processo pelo qual Chico Science & Nação Zumbi mudaram a ordem das coisas na música brasileira.

Em pouco tempo, Chico marcou até a primeira divisão dos astros nacionais. Pouco antes de sofrer o acidente automobilístico fatal, já havia combinado de escrever músicas para Marina Lima, Gilberto Gil e Paralamas do Sucesso. Elba Ramalho acrescentou a seus shows as músicas "Praieira" e "Mateus Enter", Gilberto Gil fez um dueto com Chico na faixa "Macô", em *Afrociberdelia*, segundo álbum da Nação. Arnaldo Antunes cantou com ele em "Inclassificáveis" incluída no CD *Silêncio*, e Fernanda Abreu fez o mesmo na regravação de "Rio 40 Graus". Max Cavalera *(ver boxe na pág. 38)* multiplicou o peso de seu novo grupo, Soulfly, com os tambores do maracatu e a guitarra de Lúcio Maia.

Além de tocar "Manguetown" em seus shows, os Paralamas do Sucesso incluíram em *Hey Na Na* "Scream Poetry", uma letra que Chico Science havia deixado para Herbert Vianna musicar. O trio carioca já havia visto de perto a força dos "caranguejos com cérebro" quando virou segunda atração em uma série de shows conjuntos na Europa, como Herbert admitiu ano passado à *SHOWBIZZ*: "Houve lugares em que eles nem nos conheciam. Vinham por causa do Chico".

COURO DE BODE E ESPUMA, OS SEGREDOS DO RITMO

Para o baterista João Barone, a força do manguebit está no maracatu: "Tem um gostinho de alguma coisa que você já ouviu em algum lugar, mas ao mesmo tempo é novo, diferente". O guitarrista John, do Pato Fu, que fez muitos shows em dobradinha com Chico, conta que a Nação o impressionou "Substituíram o bumbo e a caixa da bateria por tambores. E não usam as divisões comuns do rock, levam o tempo quatro por quatro para o maracatu".

Os tambores são a marca registrada da Nação Zumbi e sua ampla disseminação atual é outro exemplo que ilustra a importância do manguebit. O percussionista Maurelíano Ribeiro, fabricante dos tambores usados pela banda de Chico Science, já atendeu a encomendas de Max Cavalera e de músicos que acompanham Elba Ramalho e Lenine. Ultimamente, recebe pedidos de diversas partes do Brasil e até da Alemanha. Segundo Maurelíano, um ex-integrante da Nação Zumbi que atualmente toca na Via Sat – uma das bandas de Recife que mais fielmente segue o caminho aberto por Chico Science –, os tambores tradicionais não são muito adequados para um casamento do maracatu com o pop. Além de muito pesados (são feitos de tronco de macaíba) produzem uma ressonância excessiva para apresentações em ambientes fechados. Para resolver esses problemas, Maurelíano resolveu fazer uma adaptação, construindo tambores a partir de compensado de madeira. Mais leves e com espuma por dentro, junto do couro de bode, os instrumentos ganharam uma ressonância mais curta e pesada.

Colocar a vibração que os tambores emitem ao vivo dentro de um CD foi um dos maiores desafios de Liminha, tido como o melhor produtor pop do Brasil, ao coordenar o primeiro álbum da Nação, *Da Lama Ao Caos*. "Eles devem ter levado um susto quando eu cheguei e falei: 'Isso aqui está fora do ritmo'. Na gravação se os tambores não batem exatamente juntos, o som fica sem pressão. E os caras deram o sangue para fazer direito".

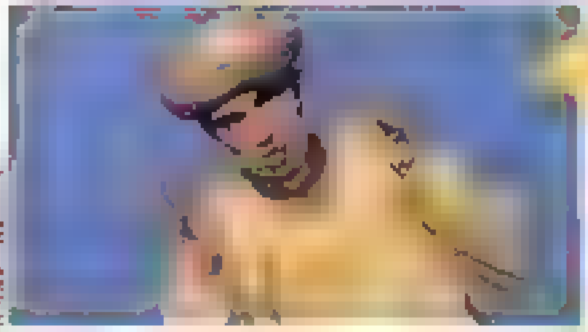
PARA OS ESTRANGEIROS, É "ROCK BRASILEIRO DE AMPLO ALCANCE"

Liminha reconhece o disco como um marco em sua carreira. "Tive a sorte de ser o primeiro a gravar Chico Science. Foi um dos trabalhos mais importantes dos anos 90. Não só pela qualidade musical e das letras, como pela repercussão que teve lá fora", lembra.

Da Lama Ao Caos foi escolhido um dos dez melhores discos de 1995 pelo *New York Times* e um renomado crítico do jornal, Jon Pareles, definiu o som de Chico como "o rock brasileiro de alcance mais amplo desde a Tropicália".

Por falar nisso, faíscas de polêmica se acenderam quando, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, Caetano Veloso disse que a Nação vinha de um "desejo de repro »

MOBILIZADOS



PEDRO LUÍS E A PAREDE

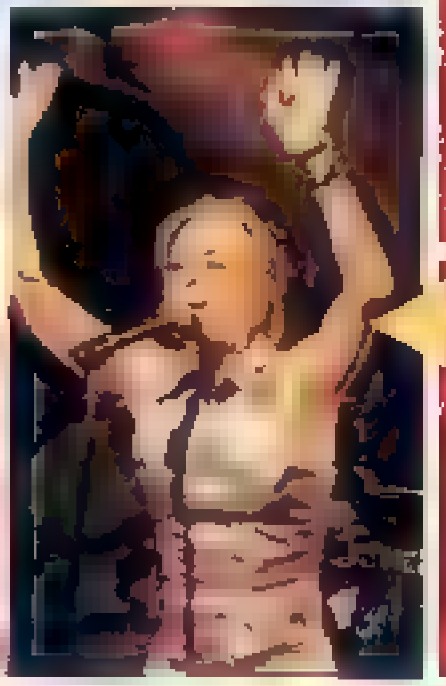
[illegible]

[illegible]

MORAES MOREIRA

[illegible]

[illegible]



[illegible]

"O MANGUEBIT É IGUALZINHO À TROPICÁLIA, SÓ QUE TOTALMENTE DIFERENTE"

TOM ZÉ

duzir o Olodum em Pernambuco." O guitarrista Lúcio Maia rebateu. "Nao foi ele que inventou o maracatu". Tropicalista como Caetano, Tom Zé prefere contemporizar, reposicionando exageros inferidos a partir da frase de Pareles: "O manguebit é igualzinho à Tropicália, mas completamente diferente. Os dois tem a coisa da raiz conversando com o pop mas o Tropicalismo vai além".

SEM VERGONHA DE SER BRASILEIRO

De qualquer modo, a aprovação internacional serviu para fazer com que muitos perdessem a vergonha de admitir que gostavam do ritmos brasileiros. O cantor Silvério, do Cascabulho, banda recifense que segue um trabalho mais "de raiz", "*jackson-do-pandeirista*", testemunha: "Passei três anos inibido, com receio de mostrar uma musica que expressava o que nós éramos. O manguebit foi importante porque disse: 'Faça o que você quer, que dá certo'. Me tirou o medo de tocar forró, coco, maracatu, candomblé com pitadas de jazz e pop".

O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO DE BANDAS

Com a morte de Chico Science, imaginou-se que o movimento manguebit poderia se desintegrar. Aconteceu o contrário: mais e mais leves de grupos do Recife estão lançando discos ou em vias de assinar com gravadoras. Paulo André, ex-empresário da Nação Zumbi e sócio do músico Zé da Flauta no selo Mangroove, dimensiona a cena musical da cidade: "Para mim, a coisa está só começando. Num festival em 1993 apareceram para fazer inscrição umas setenta bandas. Hoje, com o crescimento do festival Abril Pro Rock e a repercussão internacional do Chico, deve haver 200 bandas em Recife no segmento pop/rock. Pelo menos 20% com algum talento".

No meio dessa multidão não faltam imitadores, claro. O produtor Carlos Eduardo Miranda, entretanto, diz que, na maioria dos casos, não se pode falar em oportunismo: "São pessoas de uma mesma geração, que têm as mesmas influências musicais. Um dia alguém vem e faz o primeiro samba. Aí chega um cara e faz o segundo samba. Vão dizer que estava imitando? É um gênero novo".

Seja qual for o nome que se dê aos seguidores ou diluidores do manguebit, o que predomina na cena musical de Pernambuco é a variedade. "Não existe o ritmo manguebit. Não é como axé ou pagode. O som de uma banda é diferente da outra. E o que é legal é que elas interagem. Você põe no palco e elas combinam", acredita Guty, produtor do mundo livre s/a, que organizou em março o festival "Mangue em Movimento" em São Paulo, com shows de doze bandas.

O sucesso do evento abriu perspectivas para mais eventos do gênero em outros Estados do país. Nomes como Eddie, Cascabulho, Véio Mangaba e as Pastorinhas Endiabradas, Querosene Jacaré, Otto Maximiliano, Dona Margarida Pereira & os Fulanos, Faces do Subúrbio, além dos mais conhecidos Mestre Ambrósio e mundo livre s/a, vão frequentar mais intensamente o circuito de shows das regiões Sudeste e Sul nos próximos meses.

Há também a geração espontânea de frutos em outros cantos do país. Em Bauru, São Paulo, surgiu a banda Mercado de Peixe, considerada por Fred 04 como uma "prima do manguebit". Tocando »

VIDA APÓS CHICO

Definido pelo grupo como uma homenagem a Chico Science, o álbum duplo *CSNZ* traz faixas ao vivo e remixes, além de quatro músicas novas. Os tambores, que em *Afrociberdelia* haviam ganhado a companhia de uma bateria, parecem ter dado um passinho para trás na mixagem e cedido espaço para instrumentos de sopro: há um naipe de metais em "Malungo" e uma flauta em "Nos Quintais do Mundo", que é cantada em ioruba pelo percussionista Toca Ogam.

As quatro inéditas abrem o primeiro CD de *CSNZ*, chamado de "Dia". Depois vêm cinco faixas gravadas ao vivo, com a participação de Chico Science, e uma versão de "Samba Makossa" feita pelo Planet Hemp. Já o CD "Noite" traz dez remixes de musicas de *Da Lama Ao Caos* e *Afrociberdelia*, editados por autoridades como David Byrne, Mad Professor, Goldie, DJ Soul Slinger, Arto Lindsay e Mario Caldato.

As músicas ao vivo foram todas retiradas do show da Nação Zumbi no festival Abril Pro Rock de 1996. "Não era 100%, tanto pela performance quanto pela qualidade do som. Mas a gente não quis consertar no estudio. Tudo o que está lá é o que foi tocado", conta Lucio Maia, explicando ausências como "Macô" e "Maracatu Atômico".

Quando lançou *Afrociberdelia*, a gravadora Sony decidiu, sem sequer consultar o grupo, incluir três remixes de "Maracatu Atômico". Desta vez, a Nação Zumbi coordenou (com o produtor Eduardo BID) os remixes, que, afinal, ocupam um CD inteiro. Os responsáveis, "pessoas que Chico curtia", tiveram total liberdade para criar. A unica surpresa desagradável que essa rédea solta ocasionou foi o título que Goldie escolheu para seu remix, "Chico - Death of a Rockstar" ("Chico, morte de um astro do rock"), considerado de mau gosto.

Agora os musicos da Nação querem oferecer aos fãs a oportunidade de fazer seus remixes. Eles planejam colocar na Internet o áudio de instrumentos e vozes de algumas faixas para quem quiser montar a sua própria versão (por enquanto, eles só têm e-mail: (malungo@nacaozumbi.com.br)

Nome aos (mangue)boys da Nação: de pé, da esquerda para a direita, Pupillo, Jorge Du Peixe, Toca Ogam (à frente), Lucio Maia (de camisa abóbora), Gilmar Bola Oito e Dengue. Abaixados: Gira e Marquinhos

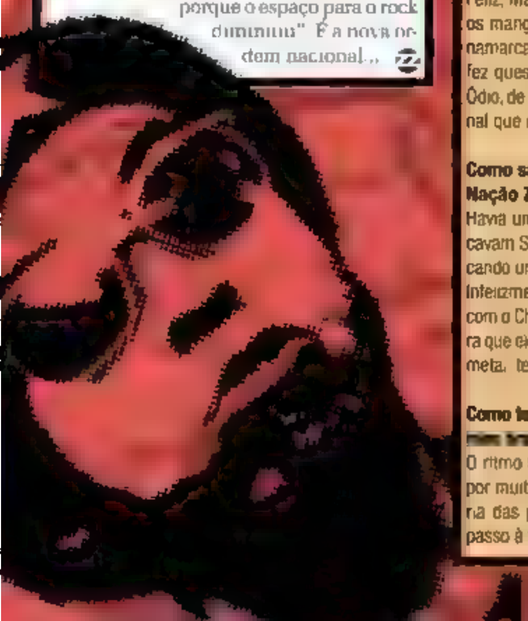
musicas proprias e covers dos pernambucanos, a Mercado de Peixe acopla berimbau, pandeiro, tamborim, agogô, congas e um órgão Hammond

UMA NOVA CULTURA JOVEM BRASILEIRA

Esse vírus que se alastra é um atestado de que a chacoalhada que a Nação Zumbi deu no *status quo* musical do país foi mais profunda. Sua contribuição mais importante ultrapassa a justaposição do maracatu com rock, funk, rap e hip hop. Tanto que, de Paralamas a Elba Ramalho, passando por bandas novas como Funk Fuckers, todo artista com alguma relação com o manguebit enxerga em comum a identidade com um conceito que funde sem nenhuma cerimônia brasileiro e estrangeiro. E que era definido por Chico Science como "musicracia [musica + democracia,

Sem dúvida, eles abriram a porta, não só para minha carreira, mas para um monte de gente que nem tem a ver sonoramente mas que usa essa mistura", diz o carioca Pedro Luis. Um dos mais elogiados nomes da nova geração, ele se apresenta junto com A Parede (três percussionistas que cumprem o que o nome promete, criando uma parede rítmica com conceitos primos" da Nação) e considera uma honra absoluta" ter seu trabalho comparado ao manguebit.

Para Edu K, que produziu dois remixes de "Maracatu Atomico" em *Afrociberdelia*, isso é reflexo da nova mentalidade detonada por Chico Science: "Existe uma cultura brasileira jovem surgindo. A galera hoje vai a casas de forró, de pagode. Acho ótimo, mas ao mesmo tempo ruim, porque o espaço para o rock diminuiu". É a nova ordem nacional...



MAX CAVALERA USA AS ARMAS DO MARACATU

Max quer excursionar pela Europa com a Nação Zumbi

Não podena ser melhor a receptividade à primeira turnê do Soulfly, grupo que incorporou os tambores da Nação Zumbi e a guitarra de Lucio Maia em seu disco de estreia. Casas lotadas em Los Angeles, Londres e Amsterdã; presenças especiais na platéia, como Ozzy Osbourne e Jello Biafra – que subiu ao palco em São Francisco para cantar "California Uber Alles", hino punk de sua antiga banda Dead Kennedys. Feliz, Max Cavalera planeja novos encontros com os manguebeats. Falando de Copenhague, na Dinamarca, antes de desligar o telefone, ele ainda fez questão de recomendar a banda Devotos do Ódio, de Recife, revelada a partir da atenção nacional que o manguebit atraiu.

Como surgiu o contato com Chico Science & Nação Zumbi?
Havia uma apreciação mutua. Soube que eles tocavam Sepultura no show deles e a gente tava tocando um trecho de "Monologo Ao Pé Do Ouvido". Infelizmente tive pouca chance de conversar, beber com o Chico. O lance era mais no musical. A mistura que ele criou mesmo sobre mim, vindo do heavy metal, teve uma bruta influência.

Como tem sido a reação à incorporação de ritmos brasileiros em seu trabalho?
O ritmo foi entendido por todo mundo, analisado por muitas revistas, em críticas do disco. A maioria das pessoas achou uma superevolução, um passo à frente do que eu tinha feito no Sepultura. Na Holanda foi impressionante. O pessoal tava cantando "...Zumbi, o senhor das guerras". Em português. Eu fiquei de cara.

E o que acham os fãs puristas, radicais?
Eles não vão muito a show. O radical já parou de ouvir Sepultura na época do *Chaos A.D.* O Soulfly é mais para quem tem a cabeça aberta. Vai da moleca de 12 anos até velho de 40.

Como ficam os tambores ao vivo, no palco?
Estamos fazendo com a batena, num arranjo diferente. As musicas que têm muito tambor, como "Umbabarauma", pretendemos tocar só depois. Estamos esperando para quando tiver a percussão da Nação. Mas nos EUA tocamos com o Meia-Noite, que é um percussionista que já trabalhou com o David Bowie e toca com o Sérgio Mendes. Ele deve sair em turnê com a gente.

E a participação do Lucio Maia no CD?
O Lucio é um grande guitarrista. O que tem de gente aqui falando bem do trabalho dele.

Você chegou a convidá-lo para ser integrante permanente do Soulfly?
Falei: "Se tiver disponibilidade de fazer os dois, faz, se não, faça o que você quer fazer". Sinto falta dele na turnê e quero trazer toda a Nação para cá. Com o sucesso, na próxima turnê, em novembro, a gente vai poder trazer a galera toda e mostrar o trabalho deles na Europa e nos EUA.

Gibson USA

É fácil comprar sua Gibson!
Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...

TEL. (011) 3061 3131

BIG FAT MUSIC
TEL. (021) 238-7188 236-3280

CASA BEVILACQUA
TEL. (011) 3064-1108 240-6418

TEL. (013) 225-4660

P.A.
TEL. (011) 3061-0404
TEL. (011) 444-5877

Barão Vermelho

puro êxtase

Só ouvindo!

wea

Frank Black quer conhecer a gastronomia brasileira e a cena rock nacional

Fome de Brasil

FRANK BLACK, EX-LÍDER DO PIXIES, DESEMBARCA POR AQUI EM AGOSTO, LOUCO PARA CONHECER A NOSSA FEIJOADA

por MARCELO OROZCO

O homem que deu o último sopro de vida ao rock amansou. Aos 33 anos, o americano Frank Black parou com as músicas nervosas e o barulho melódico de quando se chamava Black Francis e liderava os Pixies. Gravou seu quarto álbum solo ao vivo em estúdio com um som quase de garagem, básico, e faz questão de dizer que não acompanha as bandas atuais. Mora tranqüilo em Los Angeles com sua namorada Jean e tem tempo até para ser uma espécie de brasilianista amador. »

SHOWBiZZ

PIXIES

FRANK NÃO QUER SABER DE NOVIDADES DO ROCK: GRAVOU UMA FITA DEMO EM DOIS CANAIS E LANÇOU EM DISCO ASSIM MESMO

Nesse interesse pelo país, há gratidão. Afinal, seu novo álbum, *Frank Black & The Catholics*, saiu no Brasil antes que nos EUA. Com shows marcados para agosto aqui, o guitarrista começa a entrevista cantarolando ao telefone melodia de "Aquarela Do Brasil" e fala que sua maior referência é gastronômica. "Fui a um restaurante brasileiro em Boston quando os Pixies estavam começando. Gostei. Comi palmito e uma raiz que parece batata .. mandioca, não é? Se for ao Brasil pretendo ir a um restaurante típico. Não precisa ser caro."

O obeso mais boa-praça do rock quer saber o que comer por aqui. Uma feijoada é obrigatoria. "Fei-jôu-ada ? É para comer no café, no almoço ou na janta?", pergunta ele, invertendo a entrevista. Ao saber que é uma tijolada estomacal com feijão preto e carne de porco, Black tira a conclusão: "É para o almoço e ir dormir depois. Parece bom."

Fora a gororoba, ele quer conhecer lugares de rock no Brasil.

Alias, rock é a palavra-chave para Black. O guitarrista já botou letras e referências em espanhol em várias músicas, mas sempre com guitarra distorcida. Nada de rumba, salsa ou qualquer outro folclore. Ou seja, o interesse pelo Brasil não é do tipo para-conhecer-a-nossa-batucada. "Tenho até uma fita do Sergio Mendes no nosso ônibus de turnê, junto com outras de Frank Sinatra, Doors, Barry White. Mas é mais porque ele fez parte do pop dos anos 60. Uns brasileiros já me disseram que o Sérgio Mendes significa mais nos EUA do que no Brasil", confessa Black.

A trilha sonora do ônibus e as inspirações que ele cita para *Frank Black & The Catholics* mostram que o homem não tem mais ambições de virar o rock de cabeça para baixo como na época dos Pixies. Ouve o que quer e não se interessa pela próxima "novidade". Suas influências não estão na parada atual.

"O disco foi gravado ao vivo no estúdio em dois canais porque quis fazer igual ao primeiro do Reverend Horton Heat, *Smoke 'Em If You Got 'Em* (de 1990), com rockabilly e punk, que acho fantastico. A música 'All My Ghosts' foi inspirada pelo som e atitude de um clipe que vi do Social Distortion. 'Suffering' é meio The Who, com aquela dor que eles conseguiam transformar em música. E 'The Man Who Was Too Loud' é para Jonathan Richman *(ex-Modern Lovers)*, que abandonou a guitarra para fazer shows bem intimistas", enumera Frank.

Palmas para o disco novo etc. Mas o assunto tem que esbarrar em Pixies, a banda das bandas que acabou por incompatibilidade de gênios e talentos entre Black e a baixista Kim Deal (que depois fundou as Breeders). Como Black compunha praticamente tudo, Deal se desinteressou e tirou a razão de existir do quarteto de Boston que fez cinco álbuns em que é difícil achar alguma faixa menos do que boa. A coletânea *Death To The Pixies* (lançada por aqui pela Natasha Records), no ano passado, foi recebida de joelhos pela crítica do mundo inteiro e motivou o relançamento dos discos da carreira dos Pixies.

Black se estende muito pouco sobre a ex-banda, mas não foge do assunto. Até promete um tratamento especial à eventual platéia brasileira, mudando seu repertório atual. "Costumo tocar só duas músicas dos Pixies em meus shows, 'Holiday Song' e 'Wave Of Mutilation'. Mas, se for ao Brasil, vou tocar algumas canções a mais porque sei que é por elas que sou conhecido aí e foi com elas que começei minha carreira." Entre essas a mais, pode pintar "Debaser", a pedrada que inspirou Kurt Cobain e o Nirvana a compor "Smells Like Teen Spirit". Vai ser a oportunidade de conferir ao vivo a primeira encarnação da música que deu a cara do rock dos anos 90.

Frank Black e seus Catholics: com esta banda, ele gravou um disco em dois canais, ao vivo no estúdio

O RONALDINHO VAI DEFENDER O BRASIL COM UNHAS E DENTES. NO CASO, MAIS DENTES DO QUE UNHAS.

Não perca na PLACAR: 70 páginas da Copa de Ronaldinho e mais tabela completa dos jogos.

PLACAR

Apenas R$ 5,10.
JÁ NAS BANCAS.

LIXO NO CAPRICHO

GARBAGE PASSA UM ANO TRANCADO EM ESTÚDIO LAPIDANDO O SOM ELETRONICAMENTE SUJO DE SEU SEGUNDO DISCO

por LETÍCIA CALMON

Em 1983, em Madison, cidade do Wisconsin conhecida como "capital americana dos latinos", os três integrantes de um grupo chamado Spooner resolveram abrir um estúdio. Entre as viquinhas da lunática região, Steve Marker, Duke Erikson e Butch Vig passavam os dias ensaiando e gravando demos. O Spooner não deu certo e a Firetown, banda que formaram depois, também não vingou. Mas o estudiozinho esperto (nome: Smart) foi ganhando fama e, a partir do final dos anos 80, conquistando clientes do então emergente [illegible] alternativo dos EUA.

Quinze anos depois, muito menos cabelo nas cabeças, os três amigos continuam trancados no mesmo lugar. Só que agora com uma grande diferença: juntamente com a cantora escocesa Shirley Manson, eles integram o Garbage, quarteto que vendeu 4 milhões de cópias de seu álbum de estréia (*Garbage*, lançado em 1995). O Smart ainda é o segundo lar dos músicos. Foi lá que eles passaram um ano trancados preparando o segundo álbum, *Version 2.0*, e é lá que escolheram receber os jornalistas para falar sobre o trabalho.

Após ano e meio rolando o mundo em turnê, Butch e seus colegas pareciam estar com saudade do casulo. Recusaram-se a participar das trilhas sonoras dos últimos filmes de Batman e James Bond para ficar lá, burilando o disco. "Se não tivéssemos uma data de lançamento predeterminada, provavelmente nunca pararíamos de mexer nas faixas", conta Steve. A apropriadamente intitulada "I Think I'm Paranoid" ("acho que estou paranóico"), por exemplo, tem nada menos que 120 canais de som.

Foi preciso que Shirley, depois de um ano morando num hotelzinho de Madison (que não era exatamente um cinco estrelas), tivesse um ataque e exigisse que o álbum começasse a ser mixado imediatamente. "Eu estava começando a dizer palavrões tipicamente americanos. Imagina se eu me torno uma Sheena Easton (*cantora escocesa famosa no começo dos anos 80, pelo hit "For Your Eyes Only", que foi para os EUA e sumiu de vista*)?", indigna-se a espevitada cantora. »

Butch Vig, Duke Erikson, Shirley Manson e Steve Marker são o Garbage

"EMBAIXO DOS MIL EFEITOS ELETRÔNICOS, EXISTEM CANÇÕES QUE PODEM SER TOCADAS AO VIOLÃO"

Butch Vig

Em *Version 2.0*, ela escreveu todas as letras, quase todas autobiográficas. "Queria um álbum mais tocante, direto e emocional", justifica. Shirley foi fundo e inseriu sexo, mau comportamento, paixões descontroladas e uma pitada de perversão – exatamente o que havia no álbum de estreia. "Só que agora é de verdade. Consegui exorcizar sentimentos, humilhações e problemas por que passei há muito tempo."

O novo disco traz texturas sonoras densas e efeitos de profundidade altamente trabalhados, usou muita tecnologia de ponta. Mas não tem nada de techno ou drum n bass, as duas tendências mais exploradas por artistas em desesperada busca de contemporaneidade. Afinal, isto é a banda de Butch Vig, ex-produtor do Nirvana e Smashing Pumpkins. "Somos um grupo de rock que escreve canções pop e depois tenta injetar samples e batidas eletrônicas. Mas sempre compomos músicas que podem ser tocadas ao violão", explica ele.

Depois do sucesso do disco de estréia, Butch confessa que a responsabilidade o deixa nervoso: "Ficamos totalmente paranóicos, com medo que esse disco seja um fiasco". Shirley não pensa diferente: "Já estou com aquela sensação de perda antecipadamente deprimida. Quando a indústria da música me expelir, quem consegue voltar à minha vida normal. Mas acho que ainda não estou preparada para isso". Puro charme de quem fez um trabalho fadado ao sucesso.

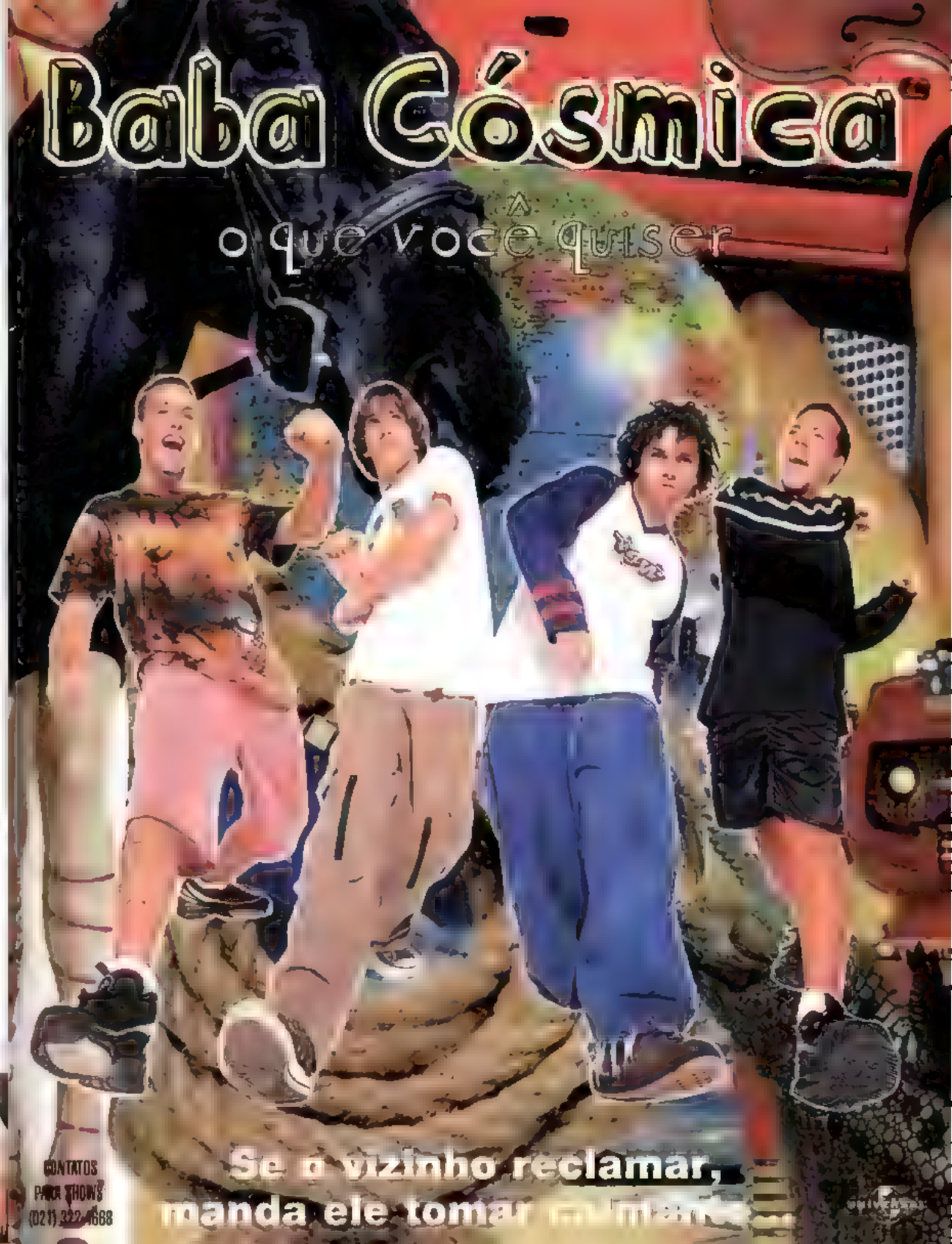
TIETAGENS EXPLICÍTAS

"Push It", primeiro single de *Version 2.0*, cita "Don't Worry Baby", clássico dos Beach Boys. O coro com o título da velha canção de 1963 ecoa quando Shirley canta "*don't worry baby, no need to fight / don't worry baby, we'll be alright*" ("não se preocupe, baby, não é preciso brigar / não se preocupe, baby, vamos ficar bem"). O Garbage se preocupou em mandar a gravação para Brian Wilson, o grande compositor dos Beach Boys, para resolver possíveis problemas de *copyright* e autorização. Wilson não só deu sua bênção, como pediu para ficar com a fita. Adorou a música.

O mesmo aconteceu com Chrissie Hynde, vocalista do Pretenders, a quem Shirley, grande fã, se refere como "a mulher que literalmente salvou minha vida quando eu era adolescente". A faixa "Special" cita Chrissie carinhosamente. "Estava querendo improvisar no fim da música e 'Talk Of The Town' (do álbum *The Pretenders*, de 1980) caiu como uma luva", conta a cantora do Garbage. Perguntada sobre a homenagem, a inspiradora respondeu com um fax hilariante: "Eu, Chrissie Hynde, juro solenemente que o Garbage pode samplear qualquer dos meus vocais e sons – ou até meu traseiro".

Brian Wilson, ex-Beach Boys, gostou de ter sua música citada

Chrissie Hynde autorizou até o que o Garbage não pediu



A VEZ DO POP DO CONTRA

Com um disco cheio de hits, mas sem concessões, o Pato Fu periga fazer muito sucesso

por PEDRO SÓ e GIOVANA HALLACK

No começo dos anos 90, quando o rock voltou a ocupar o topo das paradas, o Pato Fu surgiu investindo em experimentalismos e tecnologia. Agora, no fim da década, quando até os mais retrógados roqueiros estão se afeiçoando por samplers, sequenciadores e baterias eletrônicas, o grupo mineiro ataca cada vez mais pop. "Porque nós somos do contra", justifica o guitarrista John.

E é. Fernanda Takai (vocais), Ricardo Koctus (baixo) e Xande (bateria) chegam ao quarto disco, *Televisão De Cachorro*, seguindo a tradição Pato Fu de surpreender sempre. "Depois dos três primeiros CDs que gravamos, temos alibi para fazer qualquer coisa: músicas tristes, sérias, engraçadas, barulhentas ou pop, com muitos elementos de computadores ou não. Nossa única bandeira é a música", desconversa John.

Televisão contou com a assinatura do produtor Dudu Marote (o homem que ajudou a forjar o som dos milionários *Calango* e *O Samba Poccone*, do Skank) e mostra uma banda mais "perdão pelo clichê", amadurecida. "O Dudu é um poço de referências. Deixava a gente ficar rascunhando e depois dizia: 'Tudo bem, agora vamos fazer a obra'", conta Ricardo.

Fernanda faz praticamente todos os vocais. "Foi uma coisa que aconteceu gradualmente, de disco para disco. Ao invés de gravar todas as bases e depois colocar todos os vocais, fizemos uma música de cada vez. Assim, com a voz mais descansada, pude usar vários timbres diferentes", conta ela.

O repertório tem várias regravações: "A Tempestade" (do grupo Fandango Maskavo Roots, também parte do repertório do Skank ao vivo), "Nunca Diga" (da banda gaúcha Graforréia Xilarmônica) e "Space Ballads" (dos colegas mineiros do Yellowfante). Mas o destaque entre elas é a versão de "Eu Sei", da Legião Urbana (*ver boxe à direita*).

Na mesma onda anos 80, há uma citação de "In between Days", do Cure, em "Tempestade" (e também a introdução de "Um Dia, Um Ladrão", que homenageia "Police On My Back", música de Eddy Grant gravada pelo Clash no álbum *Sandinista*, de 1980). "Ah, tá tendo revival? Eu não sabia", surpreende-se John. "Grande fã de Devo, ele mata no peito e teoriza: 'Bem, acho que a cada dez anos a gente renega o que aconteceu na década passada e resgata o que aconteceu na retrasada'. Passamos por uma volta aos 70, com o uso de certos timbres e a mania do valvulado. Agora deve ser a vez dos 80".

Com "Nunca Diga" tocando bem nas rádios e uma penca de possíveis hits na fila ("Canção Pra Você Viver Mais" e "Eu Sei" são os mais óbvios), não seria também a vez do Pato Fu? John é quem responde: "A gente não tem medo de ser feliz. Somos uma banda pop. *Playbacks*, programas de TV, tudo isso faz parte da cultura pop e nós tamos nessa. Que venham muitos programas do Gugu".

Ricardo Koctus (*na baixo*), Fernanda Takai, o produtor Dudu Marote e John no estúdio Bebop, em São Paulo, gravando *Televisão De Cachorro*

Mutante é a tia!

O Pato Fu agradece, mas esclarece à população: o clichê "Mutantes dos anos 90" já encheu. "As comparações são altamente elogiosas, mas a coisa virou uma bula para quem vai ouvir a gente", explica John. Fernanda, que nunca teve um disco do grupo de Rita Lee na vida, encontrou com a "tia" do rock nacional e ouviu de sua própria boca: "Nossas vozes não têm nada a ver. Esse povo tá doido!"

Rita Lee mutante: diferente de Fernanda do Pato Fu

IRONIA CORAJOSA

Nos anos 80, Rubinho Troll (*na foto acima, à direita*) era colega de John (*de óculos*) no grupo mineiro Sexo Explícito. Foi ele quem pegou "Alfômega" (clássico tropicalista de Gilberto Gil), jogou uma nova letra, sem nada a ver com a original, e criou "A Necrofilia Da Arte" (*confira a letra abaixo*). "A paródia era hit nos shows, mas nunca tinha sido gravada", lembra John. Quando o Pato Fu decidiu incluí-la no novo disco, consultou Gil, que "achou legal, autorizou e ainda deu parceria para o Rubinho" (hoje morando em Londres). "A gente só atualizou, incluindo Elvis e Kurt Cobain", completa o guitarrista.

A Necrofilia Da Arte
(Gilberto Gil - Rubinho Troll)

A necrofilia da arte
Tem adeptos em toda parte
A necrofilia da arte
Traz barato artigos de morte
Se o Lennon morreu, eu amo ele
Se o Marley se foi, eu me flagelo
Elvis morreu mas eu não vivo sem ele
Kurt Cobain se foi e eu o venero
A necrofilia da arte
Dá meu endereço a quem não gosto
A necrofilia da arte
Faz compreender quem não conhece
Zunfus Trunchus que eu nem conhecia
Virou meu star no outro dia

A ironia da letra tem tudo a ver com o Pato Fu, um grupo que hesitou antes de gravar a versão de "Eu Sei", da Legião Urbana, que tocava nos shows há anos. "A gente achava: 'Pô, vão dizer que somos oportunistas'. Mas, afinal de contas, o Renato (*Russo*) era nosso amigo mesmo e até o fã-clube dele nos pediu para gravar. Quando o Dado (*Villa Lobos*) quis fazer uma coletânea – que acabou não rolando – com outros grupos tocando Legião, deixamos de frescura", explica John.

"Do Nosso Sofá, Assistimos A Uma Verdadeira Revolução"

Pedro C. M. Alvarenga
administrador de empresas,
Marina H. L. Alvarenga, dentista, e a filha,
Ana Carolina, assinantes da TVA

A Ana Carolina, a Marina e o Pedro Alvarenga nem se lembram mais de como eram as coisas antes da revolução. Até pouco tempo eles não tinham acesso às novidades, tinham pouca diversão. Não tinham nem mesmo liberdade de escolha, sendo que assistiam às mesmas coisas todos os dias. Mas a ela chegou. Mais uma revolução baseada em três princípios, que desta vez foram Liberdade, Qualidade e Variedade. Acabou a ditadura da televisão e começou a diversão.

A Marina e o Pedro já podem observar tudo da sala de TV. Ao lado da sua filha, Ana Carolina, eles acompanham os lances dos esportes, os grandes filmes, as últimas notícias. Nada escapa da sala deles. É lá que foi instalada a TVA. E é graças a ela que eles têm acesso a tudo que gostam e diversão que não acaba mais.

TVA faz parte da vida da família Alvarenga. É de qualquer pessoa que não se contenta com a rotina e com pouca informação. Não importa o gosto ou a idade, com a TVA, o que não falta para o assinante e variedade de programação. Filmes, esportes, desenhos, notícias, músicas, o melhor das artes, senados, entrevistas exclusivas. É tanta coisa que, se o assinante quiser, nenhum dia vai ser igual ao outro. A não ser por um detalhe: a qualidade.

TVA faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem acha que liberdade é só o nome de uma grande estátua.

Faz parte da vida de quem assiste TV, além da TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros. Integram o Grupo Abril, faz parte da vida de quem lê revistas, são quase 200 títulos diferentes, faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 2 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão e até um satélite exclusivo. Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida.

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · FLUIR · DIGISAT · VIP · CAPRICHO · fistel · SHOWBIZZ · Abril Vídeo · DATA LISTAS · HBO · GAMES · Arquitetura Construção · MusiClub · contigo · ESCOLA · Brava Brasil · AD · EURO CHANNEL · CARAS · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA

CHEGOU FLUIR
ESPECIAL SURF & MÚSICA

A música sempre rolou junto com as ondas do surf.
Para absolutamente todas as gerações de surfistas existe uma trilha sonora.
Isso prova que a vida sem tubos e solos de guitarra não vale nada.

Grátis
CD
Casca-Grossa

Com
NOFX
No Use For a Name
Lagwagon, e mais
14 bandas da hora

REVISTA FLUIR
SURF E FLUIR

Nas bancas

Usina de desespero

Sem apelar para falsos modernismos, os Smashing Pumpkins surpreendem com Adore

SMASHING PUMPKINS
Adore

Foram tres anos de espera. Nesse tempo, milhares de megabytes entupiram a Internet com rumores sobre o fim da banda. Uma historia mal contada sobre a morte do teciadista Jonathan Melvoin por overdose de heroína culminou na demissão do baterista Jimmy Chamberlin. Depois vieram mais brigas internas, campeonatos de egocentrismo e demonstrações públicas de ciume envolvendo trabalhos solos.

Provavelmente, um dos maiores talentos que Billy Corgan e cia. possuem é o de provocar ansiedade, angustia e desespero. E não só por meio da música. Para os fãs, aguardar um novo disco do Smashing Pumpkins é expenência traumatizante.

Reprisando a novelinha que antecedeu *Mellon Collie & The Infinite Sadness*, *Adore* chega só agora. Mas para mostrar que os quatro meninos com camisas de flanela cresceram muito desde que surgiram, pelos idos de 1991

A ausência de peso no novo trabalho é a primeira coisa a ser notada quando começa "To Sheila", em que ha predominância de piano e violões dedilhados. *Adore* tambem é riquissimo em experimentalismos, com os Pumpkins usando e abusando dos recursos de estudio. O baixo de D'Arcy às vezes soa como se estivesse submerso, mas convive harmoniosamente com a sisudez de violões, pianos e violinos. E o mais alternativo dos samurais, James Iha, continua dando mostras da sua já conhecida criatividade na guitarra em meio aos sintetizadores.

Aos poucos, a atmosfera melnante revela um Billy Corgan mais intimista que o usual. Jogando alto com letras melancólicas, transforma a voz em fio condutor de ansiedade, abandonando definitivamente a acidez que dava a "prazerosa" sensação de ter 500 agulhas tatuando corações como nos tempos de "Zero" e "Bullet With Butterfly Wings", de *Mellon Collie*.

Canções simples como os proprios nomes ("Tear", "Pete", "For Martha") caem como uma luva na nova proposta da banda - que ganhou muito com a entrada do baterista veterano Kenny Aronoff, conhecido pelos serviços prestados à banda de John Cougar Mellencamp. "Kenny é inacreditavel. É maravilhoso estar tocando com alguém mais velho e musicalmente superior a nós", revela o propno Billy Corgan, mostrando sinais de estar curado de sua conhecida arrogancia

Os pontos altos de *Adore* são, sem duvida, "Ava Adore", o primeiro single a ser extraido do disco, além de "Apple & Oranges" e "Perfect". Estas duas ultimas trilham as pegadas da melhor fase dos ingleses do New Order e roubam as fichas de quem apostou na volta do Smashing Pumpkins como mais uma vitima da moda, entorpecida e maravilhada com o sem-numero de possibilidades criativas que o universo techo proporciona.

Renato Yada

IRA!
Você Não Sabe Quem Eu Sou

O rock eternamente adolescente do grupo paulistano agora misturado com sons eletrônicos

Há quinze anos Edgard Scandurra vem sendo o melhor guitarrista de rock do Brasil. Mais que isso, provou tocar bem qualquer instrumento, até os usados na música eletrônica – gênero que ele abraçou em *Benzina*, seu segundo disco solo, do ano passado. É com essa tarimba toda de músico completo e não bitolado em esquemas previsíveis, que Scandurra impõe ao novo disco um sonzaço, coisa que dá realmente gosto ouvir. A mixagem feita em Hollywood, valoriza essa pegada cortante.

Seria perfeito caso a maioria das músicas de *Você Não Sabe Quem Eu Sou* não fosse tão incipiente. Aquilo que o rock mais precisa, o *punch*, a veia, a alta voltagem sobra no som do Ira! O que falta nele é conteúdo – e nenhum tipo de música sobrevive sem isso. É inacreditável que alguém, em meio a boas releituras para The Who ("Eu Não Sei Explicar") e Jupiter Maçã ("Miss Lexotan 6mg") se leve a sério cantando versos como "Nos jornais/ Há notícias mais e boas". E o Ira! ainda se leva.

5

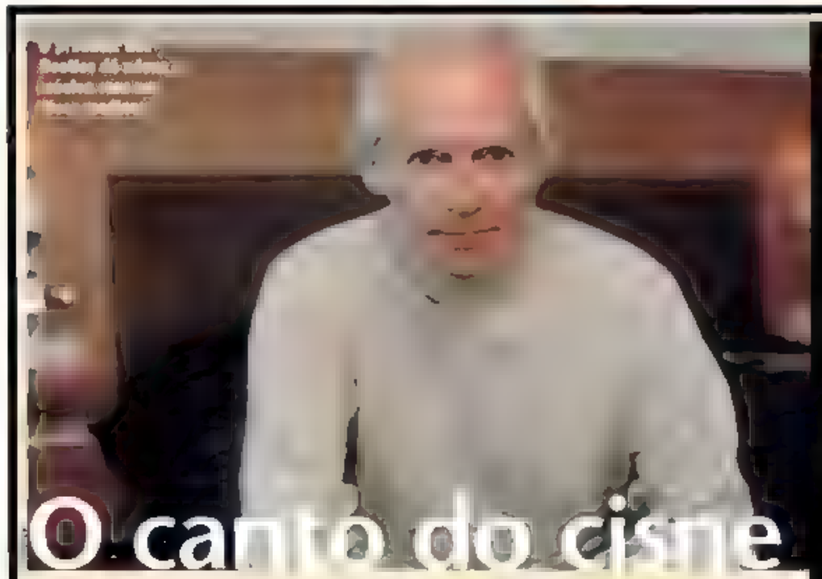
SIMPLY RED
Blue

O grupo do cantor Mick Hucknall passeia por reggaes e soul music de qualidade

A frente do Simply Red, o cantor escoces Mick Hucknall interpreta jazz, soul, funk e disco com categoria e conhecimento de grandes nomes do gênero. O problema é que Hucknall é ruivo, podre de rico e mora em Londres. É seu grupo é visto como "som de yuppie" por aqueles que celebram o estilo de vida decadente de alguns mestres da canção soul (Marvin Gaye, por exemplo, morto pelo próprio pai). Uma pena. Em *Blue*, os músicos do Simply Red (reduzido ao batenista Gota Yashiro e o tecladista Andry Wright) se esmeram nas belas composições do vocalista (a faixa-título "Love Has Said Goodbye Again") e apresentam em cores negras canções de brancos como Neil Young ("Mellow My Mind") e The Hollies ("The Air That I Breathe"). Hucknall encarna um autêntico canário jamaicano ao interpretar "Night Nurse" (de Gregory Isaacs) e "Ghetto Girl" (de Dennis Brown) com o acompanhamento precioso de Sly & Robbie, a sessão rítmica mais celebrada da história do reggae. Quem gosta de soul music vai adorar *Blue*. Os yuppies também.

8

Sérgio Martins



O canto do cisne

GEORGE MARTIN
In My Life

Tem gente que duvida que o maestro e produtor Sir George Martin seja um gênio. Mas ele gravou com os Beatles durante anos e é realmente um mestre: as orquestrações e a produção são as poucas coisas que salvam este *In My Life*.

George escolheu gente avessa à música para interpretar canções do quarteto inglês. O que deu na cabeça dele para chamar o ator Jim Carrey para "cantar" "I'm The Walrus"? Robin Williams (junto com o cantor de jazz Bobby McFerrin) trucidando "Come Together"? Goldie Hawn traçando "A Hard Day's Night"? Quem quer ouvir Sean Connery declamando "In My Life"?

As canções são tão maravilhosas e os arranjos tão brilhantes, que a gente esquece desafinações e interpretações "idiossincráticas". Até mesmo Celine Dion, com "Here, There And Everywhere" ficou palatável. O ponto alto fica por conta de Jeff Beck (velho conhecido de Martin, que produziu *Blow By Blow*, melhor disco do guitarrista) em "A Day In The Life". A categoria de Beck faz até a orquestração parecer supérflua. Resumindo: não é o disco final que Martin, 70 anos, merecia. Mas também não é tão ruim.

5

Paulo Cavalcanti

O Quinto Elemento

Como surgiu *In My Life*?

Eu queria fazer um álbum final. Para isso chamei alguns amigos, como Phil Collins e Jeff Beck, e gente que eu admirava – caso de Goldie Hawn e Jim Carrey. Com tantas músicas sensacionais no catálogo dos Beatles, foi difícil selecionar o repertório. Optei por algumas que tinham recebido poucas versões cover.

Por que fazer o disco com atores?

Não é a primeira vez que trabalho com atores interpretando Beatles. Nos anos 60, produzi uma versão de Peter Sellers fazendo "A Hard Day's Night" e foi um sucesso. Neste disco, achei que ninguém melhor do que Sean Connery para declamar a letra de "In My Life". É uma voz forte, digna.

Como foi gravar com Celine Dion, a cantora que vende mais discos na atualidade?

Ela é deliciosa. Eu a encontrei nos EUA e pedi para que entrasse no meu álbum. Celine colocou uma condição: que eu produzisse uma música para o disco dela, que acabou sendo "Let's Talk About Love", de Carole King. Foi ela mesma quem escolheu cantar "Here, There And Everywhere". Hoje, depois do estouro do tema de *Titanic*, acho que ela vendeu mais do que qualquer coisa dos Beatles.

PAULA TOLLER
Paula Toller

A cantora da Kid Abelha voa sozinho entre sambas e Guns N' Roses

Da elegância de "E O Mundo Não Se Acabou" de Assis Valente, a suave inspiração de "Oito Anos", o disco é superior a tudo que Paula fez com sua banda. Ela não tenta alcançar algum registro que não seja o seu, pequeno e bem trabalhado. O som emoldurado por uma orquestra de cordas inglesa, lembra o pop de Neneh Cherry. É nesse híbrido de pop internacional e samba-canção que Paula se situa melhor, conseguindo interpretações de grande delicadeza, como em "Onde Está A Honestidade" de Noel Rosa. Ousada e cool, ela reinventa "Patience", sucesso teen do Guns N' Roses. E fecha da melhor maneira possível, com um rasgante orquestral em cima da beleza pura que é "Cantar" de Godofredo Guedes. Boa menina.

8

Jotabê Medeiros

LOU REED
Perfect Night: Live In London

Sonolento show de engendrar o cantor gravado em 1997

Este é um registro muito inferior a *Rock n' Roll Animal*, de 1974, o disco ao vivo clássico que todo fã de Lou Reed e de rock deve conhecer. A tal "noite perfeita" enganosamente prometida no título também fica muito abaixo do que o ex-líder do velvet Underground mostrou no Brasil, em 1996. Um clima sonolento caracteriza os arranjos, que raramente incluem pouco mais do que voz e violão. Lou pode ter melhorado [illegible] mas o tom monocórdio de sua voz não segura um roteiro surpreendentemente baseado em canções lentas e frágeis. Autor de dezenas de obras-primas, ele repescou "The Original Wrapper", ridícula tentativa de fazer rap do álbum *Mistrial* (1986) e "Sex With Your Parents (Motherfucker), talvez a maior bobagem política – que já escreveu. A clássica "Vicious" aparece desfigurada, ao (por estilo Bob Dylan de "rearranjo". As três músicas inéditas (todas de *Timerocker*, ópera que Lou fez com Robert Wilson), seguem a abordagem minimalista-com-vocais-narrados de *Songs For Drella* (álbum de 1990), mas não conta com o brilho que John Cale, ex-colega de Velvet, emprestava àquele trabalho. Num disco com cara de formalidade contratual, Lou Reed só brilha quando retoma para si "I'll Be Your Mirror" (que Andy Warhol não deixou ele cantar na época do Velvet, incumbindo Nico dos vocais na gravação) e quando revista o excelente, mas pouco comentado álbum *Coney Island Baby*, de 1976, nas faixas "Coney Island Baby" e "Kicks". É pouco, mas é Lou.

6

Pedro Só

OLIVE
Extra Virgin

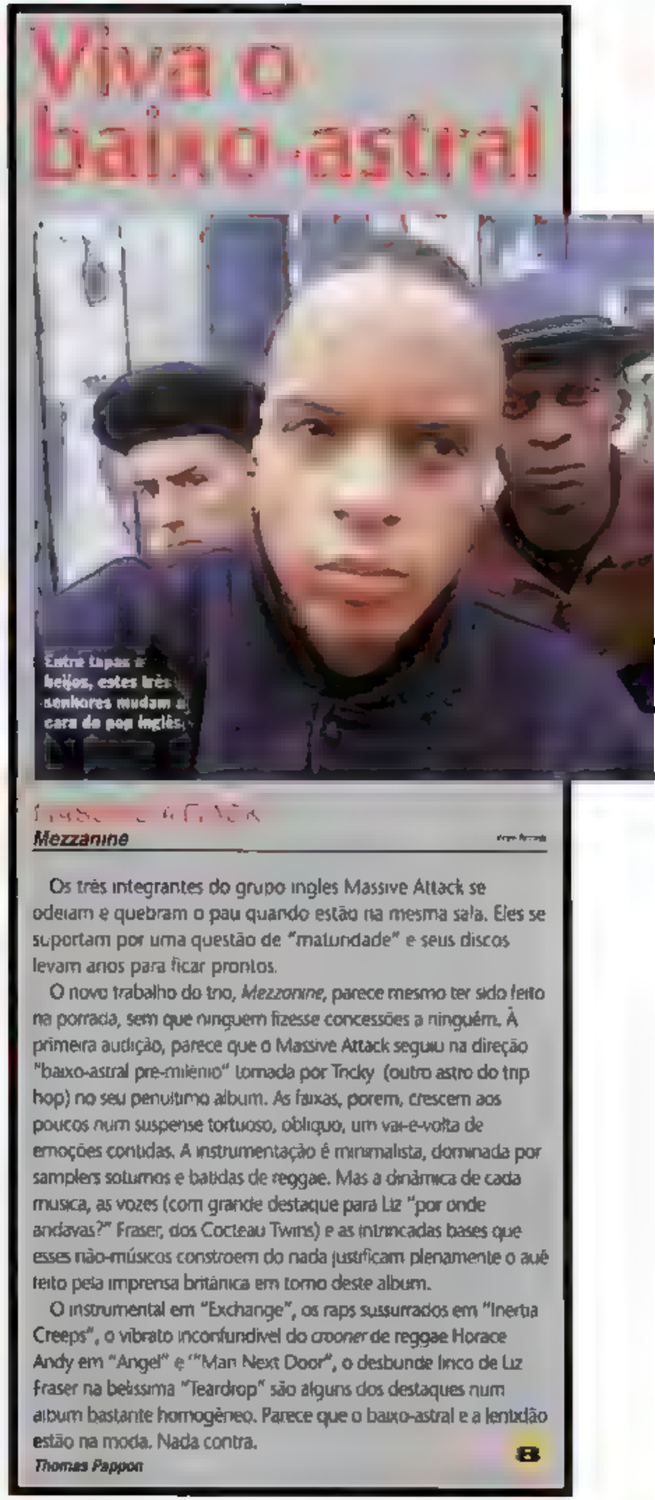
Disco de estréia do grupo inglês entre o rock e o trip da música eletrônica

O Olive é estranho. Não faz dance típica de FMs, mas não possui a classe de um M People. Suas letras recheadas de amores difíceis, não alcançam a profundidade do Massive Attack. Enfim, o grupo passeia pelo perigoso terreno que separa o joio do trigo da música eletrônica. Dois de seus integrantes trabalharam no Duduti Columbo: um deles, o tecladista Tim Kellett, também foi do Simply Red) e o guitarrista convidado para tocar em cinco faixas do CD é o brasileiro Heitor TP.

Extra Virgin, puxado pelo sucesso "You're Not Alone", merece ser escutado por três outros motivos: o refrão grudento de "Miracle", a batida deliciosa de "Outlaw" e uma outra versão de "You're Not Alone" que vem como bônus-surpresa depois da última faixa.

6

Luciano Vianna



[illegible]
Mezzanine

Os três integrantes do grupo inglês Massive Attack se odeiam e quebram o pau quando estão na mesma sala. Eles se suportam por uma questão de "maturidade" e seus discos levam anos para ficar prontos.

O novo trabalho do trio, *Mezzanine*, parece mesmo ter sido feito na porrada, sem que ninguém fizesse concessões a ninguém. À primeira audição, parece que o Massive Attack seguiu na direção "baixo-astral pré-milênio" tomada por Tricky (outro astro do trip hop) no seu penúltimo álbum. As faixas, porem, crescem aos poucos num suspense tortuoso, obliquo, um vai-e-volta de emoções contidas. A instrumentação é minimalista, dominada por samplers soturnos e batidas de reggae. Mas a dinâmica de cada música, as vozes (com grande destaque para Liz "por onde andavas?" Fraser, dos Cocteau Twins) e as intrincadas bases que esses não-músicos constroem do nada justificam plenamente o auê feito pela imprensa britânica em torno deste álbum.

O instrumental em "Exchange", os raps sussurrados em "Inertia Creeps", o vibrato inconfundível do *crooner* de reggae Horace Andy em "Angel" e "Man Next Door", o desbunde lírico de Liz Fraser na belíssima "Teardrop" são alguns dos destaques num álbum bastante homogêneo. Parece que o baixo-astral e a lentidão estão na moda. Nada contra.

8

Thomas Pappon

Casamento feito no céu

PARALAMAS DO SUCESSO
Hey Na Na

"Hoje o tempo voa, amor/ Escorre pelas mãos." Da época em que Luiu Santos ponderava (em "Tempos Modernos") sobre a inexorabilidade da passagem dos anos até a interpretação de Claudinho & Buchecha para a mesma máxima, muita coisa mudou no pop brasileiro. Vide os Paralamas.

O trio passou de nome emergente da cena carioca de rock dos anos 80 à melhor banda brasileira. Com o correr dos anos, seu reggae/pop/ska juvenil de início de carreira se tornou uma assinatura forte e reconhecível. O Paralamas versão 1998 combina de maneira exemplar o tino pop e o apetite por experimentação em *Hey Na Na*, um álbum enxuto que medita sobre a passagem do tempo ("Por Sempre Andar", "O Trem Da Juventude", ambas de balanço e melodia. Marcos Valle-escos) e analisa o saldo dos anos ("Depois Da Queda, O Coice"). As dores do tesão adolescente não correspondido da safra "Óculos" foram substituídas por uma visão muito mais complicada, senão generosa, do amor e do desamor ("Um Dia Em Provença"). No departamento de parcerias notáveis, Herbert Vianna e Bi Ribeiro colocaram música numa letra inédita do saudoso Chico Science ("Scream Poetry").

Esse encontro histórico, porém, não ofusca o grande barato do disco: a convocação do produtor Chico Neves. As duas partes vestem-se qual luva de encomenda. A banda buscava uma sonoridade fora do padrão pop convencional: achou um comparsa cuja maior qualidade talvez seja criar para o artista uma moldura dentro da qual tudo soe novo, refrescante, diferente, inesperado. Por sua vez, Neves está trabalhando com um trio para lá de azeitado e envenenado, que desempenha com a harmonia e a convicção de gigantes do seu universo. Um casamento feito no céu.

José Emílio Rondeau **8**

DAVID LEE ROTH
The Best Of

Coletânea com os altos e baixos da vida pós-Van Halen do cantor

Na capa deste *The Best Of*, David Lee Roth faz pose diante do espelho. Nada mais fiel. Vocalista de técnica discutível, ele foi um dos melhores representantes do narcisismo do rock em estado puro, se apresentando com calças rasgadas nos fundilhos (nos tempos do Van Halen) e escalando a Estátua da Liberdade para promover sua carreira solo.

Este disco é uma nova tentativa de Roth, hoje no ostracismo, de levantar algum dinheiro. Solo desde 1985, David intercalou bons e maus momentos, sempre acompanhado de ótimos músicos (o guitarrista Steve Vai, o baixista Billy Sheehan e os teclados do bluesman Edgar Winter) e produtores consagrados – Bob Rock, o mesmo de Bon Jovi e Metallica, e Nile Rodgers, de Madonna e David Bowie. Faixas como "California Girls", "Yankee Rose" e "Goin' Crazy!" são repletas do bom humor que hoje faz muita falta ao Van Halen.

Sérgio Martins **7**

ARETHA FRANKLIN
A Rose Is Still A Rose

A dama do soul volta ao disco produzida por nomes da moda

Há sete anos na seca, a filha do reverendo C.L. Franklin volta ao disco junto com uma galera de produtores da moda: Sean "Puff" Combs (Notorious B.I.G.), Lauryn Hill (Fugees) e Jermaine Dupri (Mariah Carey). Empastelaram a Lady Soul? Ainda não foi desta vez, embora a madame já tenha perdido no começo da carreira até encontrar uma cara sonora. Agora fica difícil desiguná-la, mesmo aderindo à modernidade do *charm* mais banal ("Never Leave You Again") e/ou, previsível (a faixa-título), adoçado por violinos.

Aos 55 anos, ela está cantando cada vez melhor, apesar da mesmice dos enredos românticos. Abusa das escalas agudas nas baladonas ("How Many Times") e faz seleta com sutileza ("In the Morning") e amarrota nos balanços funkeados arrasta-povo ("Watch My Back", "Here We Go Again") em que ainda mostra as garras de fera. Solta o bicho, madame.

Fábio de Souza **6**

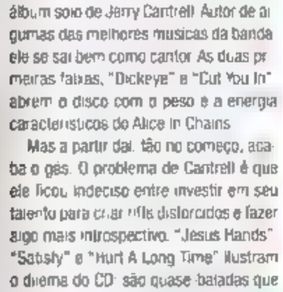
JERRY CANTRELL
Boggy Depot

O guitarrista do Alice in Chains mata a saudade dos fãs

Inativo há dois anos, o Alice in Chains parece estar no meio de um lento processo de dissolução. O mais forte sinal disso é o lançamento de *Boggy Depot*, álbum solo de Jerry Cantrell. Autor de algumas das melhores músicas da banda, ele se sai bem como cantor. As duas primeiras faixas, "Dickeye" e "Cut You In", abrem o disco com o peso e a energia característicos do Alice in Chains.

Mas a partir daí, tão no começo, acaba o gás. O problema de Cantrell é que ele ficou indeciso entre investir em seu talento para criar riffs distorcidos e fazer algo mais introspectivo. "Jesus Hands", "Sobsty" e "Hurt A Long Time" ilustram o dilema do CD: são quase baladas que têm seu ritmo interrompido por breves ameaças de rock.

Vitor Paolozzi **4**



PATU FU
Televisão de Cachorro

O quarteto mineiro ataca novo disco, com produção de Liminha, ex-Ira!

Embora não seja necessariamente uma vantagem, este disco tem começo, meio e fim. Exatamente nessa ordem o que pode, isso sim, ser um benefício. A primeira faixa, "A Necrofilia Da Arte", é um índice do que está por vir: riffs pesados contrastando com a voz deliciosamente suave de Fernanda Takai; guitarra baixo e bateria combinados com efeitos eletrônicos, boas letras ("Se o Lennon morreu, eu amo ele/ Se Marley se foi, eu me flagelo") e referências tão oportunas quanto improváveis – no caso, "Antimega" de Gilberto Gil que também fala com graça da morte.

Daí para frente, as músicas vão destacando uma ou outra dessas características da banda. Como os vocais de Fernanda em "Vivo Num Morro" e "Canção Pra Você Viver Mais". Ou a mania de colocar a parafernália eletrônica a serviço do (pop-)rock, em "O Mundo Não Mudou". E ainda as composições divertidas do guitarrista John e as citações insuspeitadas, como "Inbetween Days" (do Cure) na cover de "Tempestade", do Maskavo Roots. Outra marca registrada do Pato Fu é escolher bem o que regravar – no caso, "Eu Sei", da Legião Urbana. Encerram, educadamente, com a canção de ninar "Boa Noite". Mineiro é gente fina mesmo.

Fernando Lusa **7**

TIM MAIA
Ao Vivo 2

Um dos melhores concertos do show no Metropolitan, RJ

Tim Maia, o cantor que mais comparece a shows no Brasil. É piada, e a brincadeira soa ainda mais irônica quando dita pelo próprio Tim. A frase está registrada para a posteridade no último álbum do síndico, que deve saber que lá animar as reuniões de condomínio no céu. Só no ano passado ele lançou seis discos por sua gravadora, a Vitória Régia – a "única que paga aos domingos e depois das 21h", como costumava dizer.

Gravado no Metropolitan em 23 de novembro do ano passado, *Ao Vivo 2* é um discaço. Pela simples razão de que Tim não somente compareceu ao show como cantou tudinho. O repertório vai das seminais "Azul Da Cor Do Mar" e "Primavera" até a recente "Essa Tal Felicidade", de 1993. Era um show típico de Tim que, aliás, fazia sempre a mesma apresentação. Do repertório cada vez mais romântico e menos soul, vale destacar as antigas "Gostava Tanto De Você", "Não Quero Dinheiro (Só Quero Amar)", "Você" e "A Festa Do Santo Reis" – todas gravadas entre 1970 e 1973, quando Tim lançou seus quatro primeiros e melhores discos. O álbum ao vivo tem seu charme. Apesar de uma ou outra baba, como "Telefone" e "Paixão Antiga", o síndico sabia como poucos fazer barulho sem incomodar a vizinhança. Deixa saudade.

Mauro Ferreira **8**

Rápido & Rasteiro — PUNK ROCK

A gravadora Motor Music acaba de lançar o segundo fruto de sua parceria com a Fat Wreck Chords (selo de Fat Mike, o vocalista do **NoFX** e mentor do projeto Me First & The Gimme Gimmes). **Physical Fatness – Fat Music Vol. 3** conta com praticamente o mesmo time que integra os outros volumes da coletânea. São dezoito pancadas do melhor do hardcore com destaques para **DICKIES**, **HI-STANDARD** e **SNUFF**. • O falecido colaborador (ex-)Guns N' Roses, **WEST ARKEEN**, responsável por "It's So Easy" e "Patience" entre outros sucessos, deixou de herança **Anxious Disease** (Paradoxx), o registro de sua banda formada em 1995, **THE OUTPATIENCE**. Conta com a participação de quase todos os membros do Guns (inclusive Axl). • A banda sueca **NO FUN AT ALL** (nome originado do cruzamento da música "No Fun", dos Sex Pistols, com a banda Sick Of It All) não faz feio no seu terceiro álbum **The Big Knockover** (Paradoxx) e demonstra devoção eterna à banda mais influente do punk rock, Bad Religion. • **Melt** (Universal) nos apresenta o pop do **ARTIFICIAL JOY CLUB**, a resposta canadense do Garbage e a outras bandas de meninas desbocadas. Letras espertas recheadas de cultura pop ("Steve Austin & eu temos bocas biônicas. A dele salva o mundo, a minha só vomita para todos os lados" cospe em "I Say") ganham formas interessantes vindas da boca da marota vocalista Sal.

Confissões com leveza

TORI AMOS
From The Choirgirl Hotel

IMPORTADO

Não confunda esta falsa ruiva com as gralhas que infestam hoje as paradas dos EUA. Tori chegou bem antes, com voz de sereia e lindas canções confessionais barroqueadas ao piano.

Americana, ela precisou ir morar na Inglaterra para ser compreendida (e também para tentar que esquecessem seu pessimo disco de estréia, embutido de rock farofa). Combinando o misterio e, por vezes, o registro vocal da britânica Kate Bush, com um discurso ousadamente feminino, lançou uma obra-prima em 1992, *Little Earthquakes*. Nascido de catarses ao piano, o disco trazia tiradas como "bem, você me faz gozar/ mas isso por acaso faz de você Jesus?" e uma musica, "Me And A Gun", em que a voz nua da artista cantava sua experiência real num estupro. Alanis Morissette diz que esta obra mudou sua vida. Mas seria injusto culpar Tori pelo estilo *Marcio* (o programa de TV brasileiro) de letras vigente entre as americanas. Ela é mais sofisticada musical e liricamente, embora nem sempre sutil ao expor as intimidades.

Neste seu quinto album, criado a partir de uma experiência dolorosa (um aborto natural), as alusões ao acontecimento se espalham desconexas até caírem, brutais e cheias de culpa, na penultima faixa, "Playboy Mommy" ("Mamãe Playboy"). "De salto alto, bato no chão, caio de cara, não uso a cabeça, e então vejo o bebê. Tres das canções, "Spark", "Black-Dove" e "Jackie's Strength", recuperam o tom intimista perdido nos dois álbuns anteriores, *Under The Pink* e *Boys For Pele*, e proporcionam o enlevo etereo que é a especialidade de Tori. Sobrevoando o perigoso terreno do trip hop e do som eletrônico ambient que Madonna tão bem explorou em seu ultimo disco, ela inova e triunfa. Esta filha de pastor metodista ousa ser funky, arfa, sussurra e até simula um orgasmo entre mil efeitos de eco. Sempre leve e magica como uma fada, sem histeria nem chilique.

Pedro Só

8

DRUGSTORE
White Magic For Lovers

Grupo apoiado pela brasileira Isabel Monteiro

Quando o Drugstore lançou seu primeiro album, em 1995, a imprensa britanica falou em "veneno delicioso", uma musica de um glamour morbido irresistivel. E chamou a baixista-cantora Isabel Monteiro, nascida e criada em Sao Paulo - de uma combinação "da sexualidade vampiresca de Nico com a fatalidade feminina de Marianne Faithfull". Entre os que foram seduzidos por Isabel está Thom Yorke, cantor do Radiohead, que faz dueto numa das faixas deste segundo álbum do grupo ("El Presidente", que, de acordo com Isabel, é sobre Salvador Allende, o presidente chileno morto num golpe militar em 1973).

As noticias boas acabam aí. *White Magic...* é um disco fraco. No forno há três anos, ele já estava destinado ao fracasso antes do lançamento, por culpa do "fator Stone Roses" se problemas extra-musicais atrasam a sequência da "grande sensação" (chata) e benção. O disco tem faixas memoráveis como "Say Hello", "Sober" e "Space Girls". O guitarrista Daron Robinson é bem legal, Isabel (que compos 90% das musicas) canta bem - e tem Yorke e Michael Stipe entre seus fãs - mas as composições cheiram a coisa reciclada. Não é com *White Magic*, que o Drugstore vai entrar na primeira divisão do rock britânico.

Thomas Pappon

5

ALCEU VALENÇA
Forró De Todos Os Tempos

O homem que plugou a música pernambucana da safra de raiz

O veterano Alceu Valença dá uma trequa na ala experimental de sua carreira quase trintona e volta ao básico. Nada forçado para quem começou ainda nos festivais pedindo a benção ao "Padim Jackson do Pandeiro em "Papagaio Do Futuro". Mesmo com eventual perfumaria de teclados, o *seo* Alceu faz de *Forró De Todos Os Tempos* uma festa ajudado às participações especiais de Lenine e Nana Vasconcellos. Com prática de mestre do pastoril, o pernambucano de São Bento do Una arremessa parcerias novas com neo-forrozeiros como Alcymar Monteiro, Araçáfio Araujo, Lula Cortes ("Eu Quero Ver Você Dizer Que Eu Sou Ruim", "O Tempo E O Vento", "Forró Calanqueado") e recicla os mestres do passado de João do Vale ("O Canto Da Ema") a Jackson do Pandeiro ("Cantiga Do Sapo"), passando pelo rei do baião, Luiz Gonzaga ("Baião", "O Xote Das Meninas", "Vem Morena").

Autor do quebralingua "Rima Com Rima", Alceu acena aos recém-chegados Aurinha, Selma do Coco, Bia de Olinda e João de Uma em "Coco do Rala Coco". Convoca mais gente de raiz para contrabalançar a diluição indigesta dos Mastruz com Leite, Rapadura com Caviar, Limão com Mel da vida. Haja sal de frutas.

Tarik de Souza

8

FRANK BLACK & THE CATHOLICS
Frank Black & The Catholics

Ex-Pixies faz som de garagem em rascunho

Então foi para isso que ele dissolveu os Pixies, grupo mais brilhante da segunda metade dos anos 80? Chegando ao quarto álbum de sua carreira solo, o cantor e guitarrista Frank Black apresenta como saldo dezenas de decepções e um punhado de boas gravações ("White Noise Maker", a cover de "Hang On To You Ego", de Brian Wilson). Nada de antológico, porem, consta deste novo trabalho.

Gravado em dois canais, em três dias, o album é um rascunho com versões preguiçosamente arranjadas. Fitas demo podem ser geniais, principalmente quando a idéia é fazer rock de garagem. Aqui porem, fica evidente a falta de rigor. Na ânsia de evitar a repetição, grandes artistas se perdem: parece ser esse o caso de Frank, que tem seus motivos para não seguir usando a fórmula consagrada no Pixies (até porque os ex-companheiros Joey Santiago e Kim Deal fizeram uma falta danada), mas tambem nao esta se aventurando por nada de novo.

A banalidade do repertório é salva por alguns momentos na cola do Crazy Horse (banda de apoio de Neil Young) e por letras que misturam nonsense com referências cultas. Em "Back To Rome", Frank canta "sinto muito pelos visigodos", lembrando o povo bárbaro que arrasou a capital do império Romano no seculo 5. Em "Steak N'Sabre" ele menciona Trobriand (arquipélago do Pacifico onde o polonês Bronislaw Malinowski escreveu, no começo do seculo, o famoso tratado *A Vida Sexual Dos Selvagens*) e traduz assim o conceito antropológico de relativização: "É um tipo diferente de mundo". Em que mundo anda a cabeça deste ex-gênio?

PS

6

OCEAN COLOUR SCENE
Marchin' Already

Terceiro album da banda mais nostálgica do Reino Unido

Moseley Shoals, trabalho anterior desta banda inglesa, tinha muito mais *punch*. As muitas baladas sub-McCartney remetem a bons grupos que imitavam os Beatles nos anos 70 (Badfinger e Big Star) e até funcionam direitinho, mas falta personalidade. Só "Half A Dream Away", com o trombone ska do veterano Rico Rodriguez, mostra algo de criativo. O resto soa "deja ouvi" bem tocado, comumente cantado por Simon Fowler e produzido como se 1968 realmente não tivesse acabado.

Para os fãs do pop dos anos 60, uma curiosidade: duas participações especiais de PP Arnold, cantora americana que cativou os Rolling Stones e fez sucesso com "The First Cut Is The Deepest".

PS

6

VÁRIOS
120 Minutes Live

Gravações ao vivo exibidas no programa da MTV americana

Criado pelo apresentador Fausto Silva nos anos 80, quando comandava a perola trash *Perdidos Na Norte* o bordão "quem sabe faz ao vivo" cai como uma luva neste disco. Aqui não tem truque: basta uma guitarra plugada e o talento do artista. Bjork entende a mensagem e proporciona uma bela versão acustica de "Aeroplane" (de *Debut*, primeiro album solo da islandesa) acompanhada pelo percussionista Talvin Singh - um dos responsaveis pelo movimento pop asiatico que hoje toma a Europa. A serie "banquinho e violão" é completada pelo canto orgasmatico da americana PJ Harvey em "C'Mon Billy") e pelo rock zen de Perry Farrell e seu Porno For Pyros em "Kimberly Austin".

O programa também recebeu o Oasis (na melhor versão de "Supersonic" já mais tocada), acolheu a melancolia do Radiohead em "Fake Plastic Trees" e deu boas-vindas à nerdice do quarteto Weezer – que interpreta "Come Undone".

Entre os veteranos, os Sex Pistols decepcionam com "Pretty Vacant", e Lou Reed faz o ouvinte chegar às lágrimas na inédita "Crazy Mary" – ao lado da cantora folk Victoria Williams.

Sérgio Martins

6

ALI FARKA TOURE
The Source

O guitarrista do Mali troca música africana com blues

No Mali, país onde vive, Ali Farka Toure é um fazendeiro. No resto do mundo ele é apreciado como um musico singular. Já tocou ao lado de Ry Cooder, Jorge Ben Jor (no Heineken Concerts deste ano) e Taj Mahal, sempre com resultados fabulosos.

The Source, CD de 1992 que só agora chega às lojas em versão nacional, é impressionante pela maneira como condensa duas culturas - a americana e a africana. Soa como se Toure tivesse nascido numa comunidade muçulmana erguida à beira do Rio Mississippi. Sua guitarra, tocada de modo intuitivo, é blues puro. Mesmo assim, encaixa-se com perfeição ao som das tablas que a acompanham. Um exemplo dessa miscibilidade é a faixa "Rouky", em que Toure soa exatamente como John Lee Hooker só que um Hooker convertido ao islamismo.

Celso Masson

7

CD's POR ENCOMENDA
STUDDIO MUSIC SHOPPING
CD's • LD'S • VHS e Acessorios
Qualquer titulo por encomenda, nacionais e importados.
Enviamos para todo o Brasil via correio e na cidade de São Paulo, conforme a região entregamos sem custo de frete.
Consulte-nos!
Tel/Fax: (011) 6128-0041
E-mail: luizmor@mandic.com.br.
Visite Nosso Pagina
pessoal.mandic.com.br/luizmor/studdio.htm

A mais completa em novidades e raridades
sempre os ultimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS
ACEITAMOS CARTÃO
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD's
Tel/Fax:
(011) 223-5300

MILTON NASCIMENTO
Tambores De Minas

Registro ao vivo do show [illegible] Nascimento

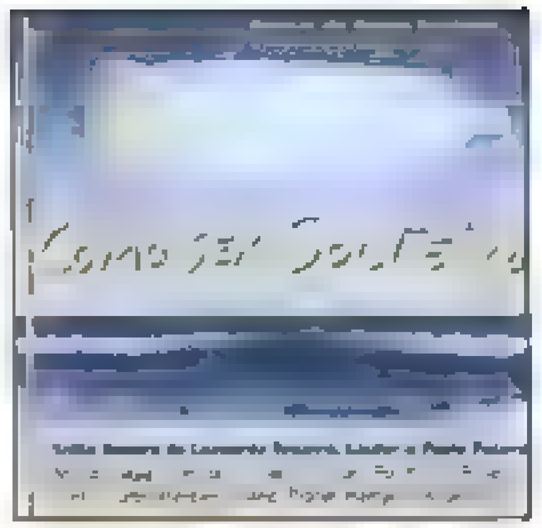
Caçado pela mídia preconceituosa por causa de uma doença, Milton Nascimento quase sucumbiu. Foi amber as feridas nos palcos da vida onde o artista deve estar e o resultado é este CD quase duplo (dezessete faixas) originário do show *Tambores De Minas*, por sua vez baseado no disco *Nascimento* que lhe valeu o Grammy de *world music*.

Esses desdobramentos disco/show-disco-do-show costumam ser marketing. Só que do outro lado do microfone está o nosso Ray Charles, aquela voz de bronze que arrepia até frade de pedra. Logo de cara ele rebate a reprise de "O Que Foi Feito Devera" por Elis Regina em "O Que Foi Feito De Vera" e corta para um pop kitsch ("Cavaleiros Do Céu"), desaguado no folk "Caux Bento". Além de lustrar canções esquecidas ("Leo", parceria com Chico Buarque do *Clube da Esquina*) e regravar com mais garra petardos do disco anterior ("Os Tambores De Minas", "E Agora Rapaz" e "Guardanapos De Papel", em que é ajudado pelo coro de montagem teatral do show), ele reinjeta adrenalina em velhos canos ("Ponta De Areia", levado na sanfoninha, seu instrumento primal e mais "Caçador De Mim", "San Vicente" e "Canções E Momentos"). Toma de assalto épicos alheios como "Corsário", da dupla João Bosco/Aldir Blanc, além de reafirmar o hino dos sem terra "Levantados do Chão" (com Chico Buarque).

Reaprumado, com a voz nos trinques, Milton é covardia.

8

Tárik de Souza



VÁRIOS
Como Ser Solteiro

Trilha do filme com Toni Garrido [illegible] e outras vezes do Rio

Essa trilha, assinada por Leonardo Teixeira, Carlos Lauder (parceiro de Fausto Fawcett) e Paulo Futura, é tão boa quanto o filme. Com uma vantagem: não tem as *inside jokes* de *Como Ser Solteiro*, incompreensíveis para os desafortunados que não nasceram no Rio de Janeiro.

Você não precisa frequentar o Baixo Gávea para gostar de "Tema Do Solteiro", com Toni Garrido (Cidade Negra). Também não é pré-requisito ser local do Posto 9 para balançar com "Lata's Groove", batucada do Funk N' Lata e de seu mentor, o percussionista Ivo Meirelles. Muito menos haver crescido no Bairro Peixoto para apreciar o samba cantado por Falcão, do grupo de reggae O Rappa, "Para Meu Querido Cacá".

Outra qualidade da trilha é a integridade. Ao contrário de tantas outras que aparecem por aí, essa se restringe a músicas que de fato tocam no filme – a única exceção é "Sozinho De Novo", na voz de Dado. Uma pequena licença que não se compara àquela picaretagem de trilhas inspiradas nos filmes, em que não se reconhece (quase) nada do que se ouviu no cinema. Se for para comparar com alguma trilha, certamente será com a de *Menino Do Rio* (o filme do verão de 1982, estrelado por André di Biase). Os temas de *Como Ser Solteiro* podem não trazer clássicos como "De Repente Califórnia", de Lulu Santos, e "Garota Dourada", sucesso do esquecido Rádio Táxi, mas pelo menos dão aquela vontade de ser promovido a carioca.

8

Fernando Luna

Paula Cole desfila suas emoções em *Lilith Fair*

Sexualidade em falta

VÁRIAS
Lilith Fair – A Celebration Of Women In Music

Se você não for mulher nem estiver desesperado para impressionar a namorada com uma demonstração de sensibilidade, passe batido por este disco. Isso aqui é coisa de fêmea. Espadas, fora!

Lilith Fair – A Celebration Of Women In Music foi feito para meninas neo-hippies de cabelos longos e vestidos floridos, daquelas que colecionam diferentes tipos de chá, tocam violão e olham você com um misto de beatitude e superioridade. Culpa do homem americano médio, um chaçao de egoísmo ímpar que leva as mulheres a tomar essa atitude. Aliás, mesmo que você seja mulher, é provável que não goste desta seleção de 25 faixas gravadas ao vivo durante a turnê feminina montada por Sarah McLachlan. E o problema é evidente: uniformidade. A escalação deste Clube da Luluzinha parece saída de uma fôrma quase idêntica e tediosíssima. Paula Cole, Sarah McLachlan, Fiona Apple, Tara McLean, é tudo a mesma coisa, tudo intercambiável. Chato pra dedéu.

Falta o quê? Variedade (a bem da verdade, isto já está sendo corrigido na atual fase da turnê, com a inclusão de Erykah Badu e Missy Elliott no elenco). E falta sexo. Melhor, sexualidade. Todas as moças aqui presentes deixaram em casa os respectivos ovários. Onde estão Liz Phair e PJ Harvey quando precisamos delas?

4

José Emílio Rondeau

BERNARD BUTLER
People Move On

O ex-guitarrista do Suede lança disco com influências de folk

Bernard Butler, considerado o melhor guitarrista em atividade pela imprensa britânica, é um tipo fechado, tímido e difícil. Saiu brigado do Suede e depois trocou tapas com David McAlmont, com quem tinha formado o duo McAlmont & Butler. O jeito foi começar a cantar para tentar uma carreira solo. *People Move On*, em que ele toca tudo, exceto a bateria e as cordas orquestradas, é uma sólida estreia enquanto cantor/compositor. Suas músicas, na maioria baladas românticas conduzidas por violões e guitarras, têm um forte sabor de anos 60 e 70, de Burt Bacharach, do Neil Young na fase *After The Gold Rush* e de baladeiros introvertidos, como J.J.Cale e Tim Hardin.

Butler não teve pudores em abrir a alma, mas há momentos que beiram a autopiedade patética – e que fazem algumas canções soar como "Changes", do Black Sabbath – não fossem tão estranhas as progressões harmônicas desse guitarrista sensacional. E só a faixa "Stay" tem ecos do Suede. Ouça à luz de velas.

8

Thomas Pappon

KRISTIN HERSH
Strange Angels

Novo disco da ex-líder das Throwing Muses, com belas baladas e canções acústicas

Em seu segundo álbum solo (e primeiro após o fim definitivo de sua banda Throwing Muses), Kristin Hersh consegue uma tranquilidade acústica, madura e límpida que seria até improvável para quem já passou por tanta tempestade.

Vamos contar: os primeiros anos do Throwing Muses (entre 1985 e 1991) se caracterizaram por uma silenciosa rivalidade entre Kristin e sua meia-irmã Tanya Donnelly (que depois saiu para formar as Breeders, liderou o Belly e hoje está solo também). Kristin também sofreu um problema psíquico de dupla personalidade, o ex-marido queria sumir com o filho do casal e, há poucos meses, finalmente o Muses declarou falência.

Tanta coisa seria bastante para Kristin sair gritando e socando uma guitarra como antes. Mas ela aparece com apenas um violão melodioso, uns violoncelos e pianos ocasionais (como no paraíso chamado "Some Catch Flies"), muito lirismo e a voz forte de menina adulta.

Uma psicose ou outra nas letras se justifica porque nada é fácil para Kristin, e o rádio nunca vai tocar mesmo. Mas ela consegue ser uma das grandes mulheres do rock ser *pin-up* durona ou espalhafatosa. Prefere ser uma pessoa antes de tudo.

8

Marcelo Orozco

OMC
How Bizarre

Pop híbrido com rap e violão vindo da Nova Zelândia

Bizarro é pouco. Um grupo que na verdade é um homem só, neozelandês, mestiço de duas etnias, maori e niuea. "How Bizarre", a música que toca no rádio, tem acordeão, trompete mariachi, violão e vocal falado à moda rap. Outra canção, "Breaking My Heart", mistura batidas hip hop com a magistral viola caipira do astro country Glen Campbell (que também estraçalha na guitarra pedal steel de "Right On"). A primeira faixa, "On The Run", chupa a linha de baixo de "The Walk", do Cure, costura uma guitarra surf e joga um rap com sotaque esquisito por cima. A última, "She Loves Italian", evoca o tecnopop pré-anos 80 do Ultravox e de David Bowie. É uma Oceania de surpresas do início ao fim. OMC, Otara Millionaires Club, era um grupo de rap de Otara, subúrbio pobre de Auckland, na Nova Zelândia. Um de seus vocalistas, Pauly Fuemana, tocou o barco sozinho a partir de 1995, juntando-se ao produtor e multiinstrumentista Alan Jansson. Deu nisso. Infelizmente nem todo rapper evolui assim.

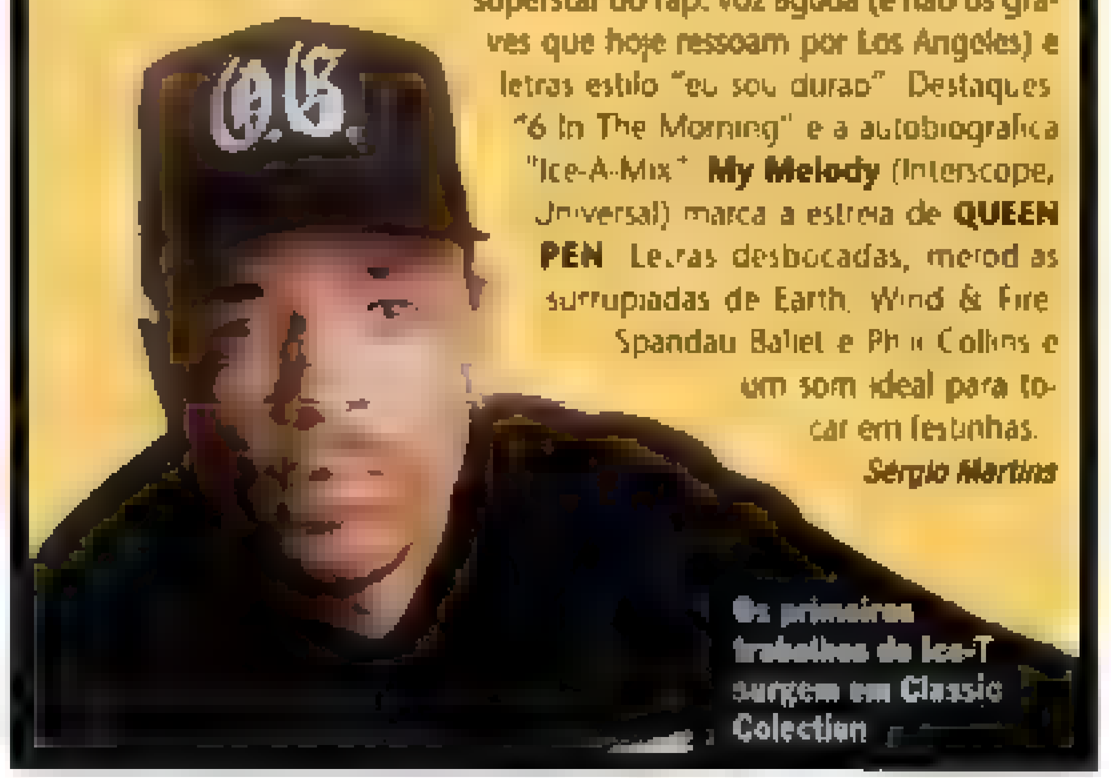
7

Pedro Só

Rápido & Rasteiro RAP

Lançado em 1992 pelo extinto selo Bullet, **1º Ato**, disco de estreia do **PAVILHÃO 9**, ressurge do gueto graças ao selo Cia. Paulista de Hip Hop. É de longe o melhor trabalho do trio, na época formado por Pivet, Rhossi e Camburão. Som radical, batidas fortes e a imortal versão de "Otários Fardados". O mesmo selo também recuperou **Ex Detento**, *debut* solo do rapper **PIVETI**. É um trabalho desigual, mas vale a conferida no inglês macarrônico de "All I Steal Is All I Get" e "Roubou Minha Base", recado malcriado para ex-camaradas. * **One Million Strong** (Atração Discos) foi feito para uma causa nada nobre – gente como **THE RZA** (líder do grupo de rap Wu-Tang Clan), **CHUCK D** (do Public Enemy) e **SNOOP DOGGY DOGG** dá seu apoio ao separatista racial Louis Farrakhan. Há boas composições do grupo **BONE-THUGS-N-HARMONY** ("No Surrender") e de **NOTORIOUS B.I.G.** e **2PAC SHAKUR** ("Runnin'"), mestres que sucumbiram à violência de suas próprias letras. * **The Classic Collection** (Rhino/Continental) é uma coletânea dos trabalhos iniciais do rapper **ICE-T**. O Ice deste CD ainda está a quilômetros de distância do superstar do rap: voz aguda (e não os graves que hoje ressoam por Los Angeles) e letras estilo "eu sou durão". Destaques: "6 In The Morning" e a autobiográfica "Ice-A-Mix". * **My Melody** (Interscope/Universal) marca a estreia de **QUEEN PEN**. Letras desbocadas, melodias surrupiadas de Earth, Wind & Fire, Spandau Ballet e Phil Collins e um som ideal para tocar em festinhas.

Sérgio Martins



Os primeiros trabalhos de Ice-T surgem em Classic Colection

RADIOHEAD
Air Bag / How Am I Driving?

Mini-LP do elogiado grupo inglês

Alguns críticos consideram os singles uma extensão do álbum oficial do artista. O mini-LP (que pode ser considerado uma espécie de single mais caprichado) *Airbag / How Am I Driving?*, do Radiohead, recém-lançado exclusivamente nos EUA para aproveitar a turnê americana da banda, é o melhor exemplo dessa teoria.

É um disquinho com pouco mais de 25 minutos que sai por menos de 9 dólares lá fora. Além da música homônima (uma das melhores de *OK Computer*, vencedor do Prêmio Bizz 97 na categoria Disco do Ano), *Air Bag* traz outras pérolas do grupo britânico. Como "Pearly*", "Melatonin" e "A Reminder", que haviam saído apenas em lados B de compactos na Inglaterra e no Japão.

São seis músicas inéditas para os americanos que, se fossem colocadas em *OK Computer*, não iriam comprometer a genialidade do álbum. As composições desse lançamento especial possuem as mesmas guitarras densas, climas envolventes e poesia presente em todos os outros três discos da banda. Desde já é aposta certeira para a lista dos melhores discos do ano.

8

Luciano Vianna

DONA MARGARIDA PEREIRA E OS FULANOS
Musicaprapularbrasileira

Independente

O sco de estre a da banda recifense. Rock sem misturas

Oba! Mais um grupo interessante do Recife. Vamos poder ouvir outra fusão interessante de ritmos regionais nordestinos com diversos estilos mundiais. Que beleza essa tal de globalização, não?

É, mas os rapazes do Dona Margarida torceram os narizes para a ciranda de coco maracatu, forró e coisas do tipo para cair de cabeça no que eles chamam de "hip-hop-distorcido-pelo-groove-industrial-hardcore eletrônico-mais-funk experimental". Pretensão à parte, o disco de estreia da banda, *Musicaprapularbrasileira*, mostra que nem só de fusão vive o movimento manguebit. Letras interessantes e um instrumental vigoroso – que parece uma mistura de Planet Hemp e Sonic Youth – dão uma ideia do bom futuro que nos reserva o pessoal.

O petardo, apesar de ser independente, não soa capenga. Pelo contrário. É bem produzido (uma mãozinha de Acioli 9) e seguro. Pode conter sem medo músicas como "Monotonologo" (com um belo vocal feminino), "Primeira Mensagem" e "Amazonas Na Lua" – esta, a melhor do disco. O DMP e os Fulanos só escorrega quando aposta no hardcore. Do lixo ("V8"), mas é muito pouco erro para quem está começando.

7

Rodrigo Salem

HALO BENDERS
The Rebels Not In

4 Ases/Sony

Novo traba ho do grupo de Calvin Johnson, dolo de Kurt Coba n

Feio, barrigudo e desafinado, Calvin Johnson definitivamente não nasceu para ser pop star. Mas foi um dos responsáveis pela explosão grunge no começo da década. Sua antiga banda, Beat Happening, motivou toda uma geração de garotos perdidos a pegar em guitarras e a atear fogo numa entediante cidade chamada Seattle. Entre os piromaníacos estava Kurt Cobain, que chegou a tatuar o logotipo da gravadora de Calvin (a K Records) em seu braço.

The Rebels Not In é o terceiro trabalho desse visionário à frente do grupo Halo Benders (os primeiros são *God Make No Junk* e *Don't Tell Me Now*). Mesmo com o passar dos anos, ele parece não ter aprendido a afinar a guitarra – e tampouco as cordas vocais. O resultado continua sendo belíssimo. São composições simples, de melodias assobiáveis, por vezes ingênuas, acompanhadas pelos comparsas que seguem fiéis ao antivirtuosismo de Calvin. Doug Martsch, o segundo vocalista e guitarrista, consegue ser ainda mais desafinado que o patrão. A novidade fica por conta de Steve Fisk – outro medalhão da cena grunge e produtor oficial da gravadora Sub Pop – pilotando teclados que parecem aqueles encontrados em catálogos de liquidação da Sears.

10

Renato Vada

bolsa de discos

		Abonico Smith	Carlos Marcelo	Hagamenon Brito	Jotabê Medeiros	Kid Vinil	Marcelo Fróes	Pedro Só	Sérgio Martins	Talola	Thales de Menezes
7.7	SOULFLY *Soulfly* *Roadrunner*	10	6	8	9	8	3	7	9	9	8
7.0	NAÇÃO ZUMBI *CSNZ* *Chaos/Sony Music*	7	•	•	6	7	7	8	8	6	7
6.7	AIR *Moon Safari* *Virgin Records*	6	9	9	6	8	8	3	7	6	5
6.7	JAMES IHA [illegible] *Universal/Virgin Records*	6	7	7	6	7	8	6	6	7	7
6.7	[illegible] *This is Hardcore* *Island/PolyGram*	8	5	7	6	10	•	6	8	4	7
6.3	MORCHEEBA *Big Calm* *Indochine/BMG*	6	7	10	7	8	5	6	7	7	3
6.2	PAGE & PLANT *Walking into Clarksdale* *Mercury/PolyGram*	6	6	5	3	8	9	6	8	8	3
6.1	LENNY KRAVITZ *5* *Virgin/Records*	7	•	•	8	5	4	6	7	8	4
5.6	CRIS BRAUN *Cidade Com Pessoas Como Eu* *Fatigas/BMG*	5	5	7	•	4	7	6	5	•	6
3.4	VAN HALEN *III* *BMG*	0	2	0	4	5	8	5.	0	5	5

Se os Independentes

Cia Paulista de Hip Hop – (011) 864-2602 • Atração Discos – (011) 813-6944 • CID – (021) 280-3838 • Cogumelo – (031) 273-4977 • Discovery – (061) 226-5404 / 224-4050 • Indie Records – (011) 541-9950 • Kustrup Discos – (021) 220-1623 e kuarup@unimet.com.br (e-mail) • Motor – (031) 261-9509 e motor@globalsite.com.br (e-mail) • RVC Music – (061) 323-1648 (fax) • Spicy Records – Caixa Postal 3811 CEP 01060-970 São Paulo, SP • Tamborete – (021) 493-3471 / 493-4488 • Jalé Maluá – (021) 610-4354 • Vitoria Regia – (021) 389-1583 • Voice Print – (011) 240-2656 ou voiceprint@invisivel.com.br • Wet Music – (011) 452-2144

102.9
PURA
ESSÊNCIA
DO SOM
radio CIDADE RIO
funcity

Teste

Você tem intimidade com o Queen?

No ano em que o grupo comemora 25 anos de existência, confira alguns dos segredos da turma de Freddie Mercury

1 Freddie Mercury já foi campeão de...
a) Peteca
b) Pingue-pongue
c) Criquete
d) Pelota basca
e) Bafo

2 O cantor se formou em Arte e Design. O que ele fazia para financiar os estudos?
a) Carregava caixas e engradados num armazém
b) Foi pianista e ensaiador de vários bontes
c) Foi ator de teatro infantil
d) Foi disc-jóquei, trabalho que recordou em "Radio Ga-Ga"
e) Nada: era sustentado pelos pais

3 Aliado a Brian May e Roger Taylor, Freddie formou o Queen no final dos anos 60. Escolheram como baixista...
a) John Paul Jones
b) Paulo Ricardo
c) John Deacon
d) Andy Rourke
e) John Taylor

4 O primeiro grande hit do grupo, "Killer Queen", pertence originalmente a que álbum?
a) *Queen*, de 1973
b) *Queen II*, de 1974
c) *Sheer Heart Attack*, de 1974
d) *A Night At The Opera*, de 1975
e) Foi um single incluído apenas no *Greatest Hits* de 1981

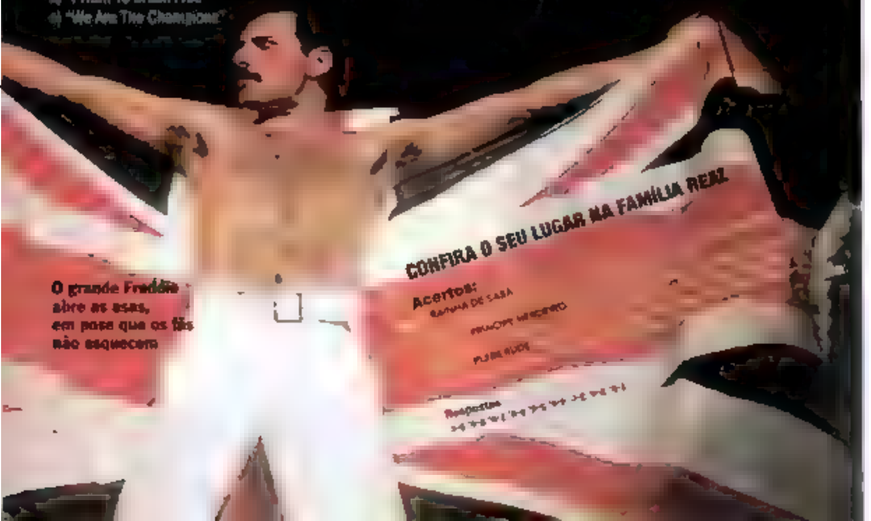
5 Em 1984, os integrantes da banda gravaram um clipe vestidos de mulher. O nome da música era...
a) "It's A Hard Life"
b) "God Save The Drag Queen"
c) "Zagallo is Gogó"
d) "I Want To Break Free"
e) "We Are The Champions"

6 O Queen veio ao Brasil pela primeira vez em 1981. Em que estádio e em que cidade acontecerem os shows?
a) Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas
b) Pinheirão, em Curitiba
c) Maracanã, no Rio de Janeiro
d) Morumbi, em São Paulo
e) Mineirão, no Rio de Janeiro

7 O grupo fez a trilha para qual filme de ficção científica?
a) *We Will Rocky, Um Lutador*
b) *Flash Gordon*
c) *Spaceballs*
d) *Barbarella & Bigodella*
e) *O Império Contra-Ataca*

8 O grupo voltou ao Brasil em 1985. Em que festival tocou?
a) Monsters of Rock
b) Hollywood Rock
c) Close-Up Festival
d) Abril Pro Rock
e) Rock in Rio

9 Freddie lançou um disco com Montserrat Caballé. Ele homenageou a cantora lírica com a canção...
a) "Granada"
b) "Seul"
c) "Barcelona"
d) "Sampa"
e) "Paris"



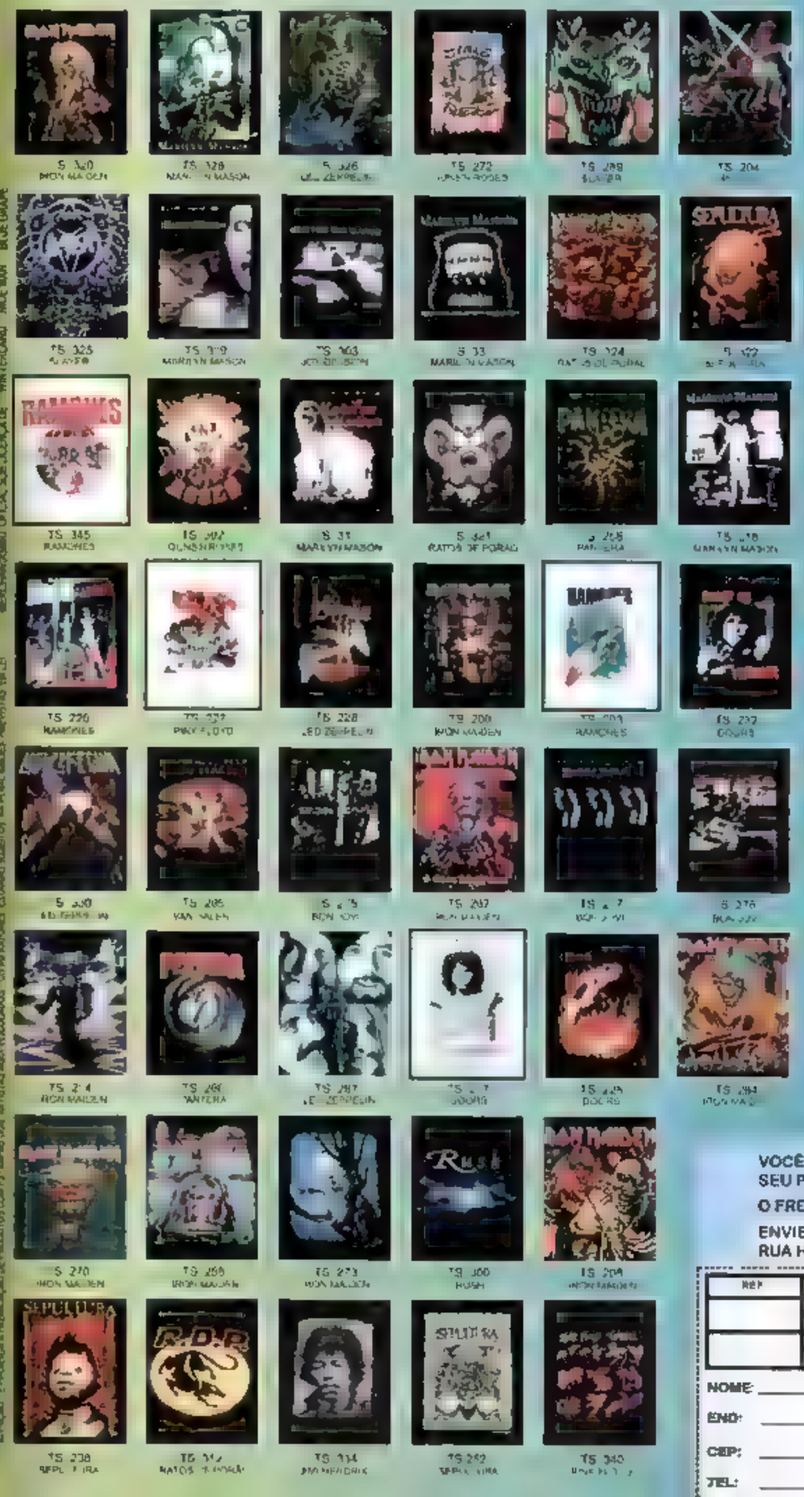
O grande Freddie abre as asas, em pose que os fãs não esquecem

Stamp Rockwear

EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA

PREÇO ESPECIAL R$ 19,50
VÁLIDO ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR



GANHE ESTA GUITARRA

NA COMPRA DE UMA CAMISETA VOCÊ RECEBE UM COPUM NUMERADO E CONCORRE A UMA GUITARRA FENDER STRATOCASTER AMERICANA LEGITIMA (ACOMPANHA CASE)

OS PEDIDOS DEVERÃO SER ENVIADOS ATÉ 14/08/98

O SORTEIO SERÁ REALIZADO ATRAVÉS DA EXTRAÇÃO DA LOTERIA FEDERAL DO DIA 02/09/98

SERÃO VÁLIDOS OS QUATRO ULTIMOS NUMEROS DO 1o PRÊMIO DA LOTERIA OU SEJA VOCÊ CONCORRE NA MILHAR

NA COMPRA DE DUAS CAMISETAS VOCÊ RECEBE DOIS CUPONS E ASSIM SUCESSIVAMENTE

O GANHADOR SERÁ INFORMADO POR TELEFONE OU TELEGRAMA

Tel. 011-2997344
Fax 011-2995456
e-mail: stamp@uol.com.br

TAMANHOS P M G
DESCONTO PARA REVENDEDORES

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE
ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP
RUA HELIODORA,321 - 02022-051 - SÃO PAULO/SP

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME: _____
END: _____
CEP: _____ CIDADE: _____ EST: _____
TEL: _____ [illegible]: _____

Letras traduzidas

ALANIS MORISSETTE

O NOVO SUCESSO DA CANTORA E COMPOSITORA, UM TIRA-GOSTO ANTES DE SEU NOVO DISCO

Esta canção foi composta por Alanis Morissette especialmente para a trilha sonora de *City Of Angels*, que estréia este mês no Brasil. Dirigido por Brad Silberling, o filme é a versão americana do cultuado e poético *Asas Do Desejo*, realizado pelo diretor alemão Wim Wenders em 1988. Produzida por Rob Cavallo, "Uninvited" tem o típico toque Alanis na letra: a excitação com o proibido e a malícia. A moça andou fazendo participações especiais em dois discos recém-lançados. No novo disco da Dave Matthews Band, *Before These Crowded Streets*, ela é coadjuvante nas faixas "Don't Drink The Water" e "Spoon". Em *Vertical Man*, do ex-beatle Ringo Starr, divide vocais com Steven Tyler (em "Drift Away"), com Joe Walsh, Scott Weiland e Tyler (em "Minefield") e com Paul McCartney – outra vez com Tyler –, em "I Was Walkin'". Alanis desmentiu boatos de que entraria em turnê já no mês que vem. *For You* (título provisório de seu próximo álbum) deve sair em setembro, o que empurraria os shows para o fim do ano. O produtor do disco é Glen Ballard, o mesmo de *Jagged Little Pill*.

© Todos os Direitos Reservados

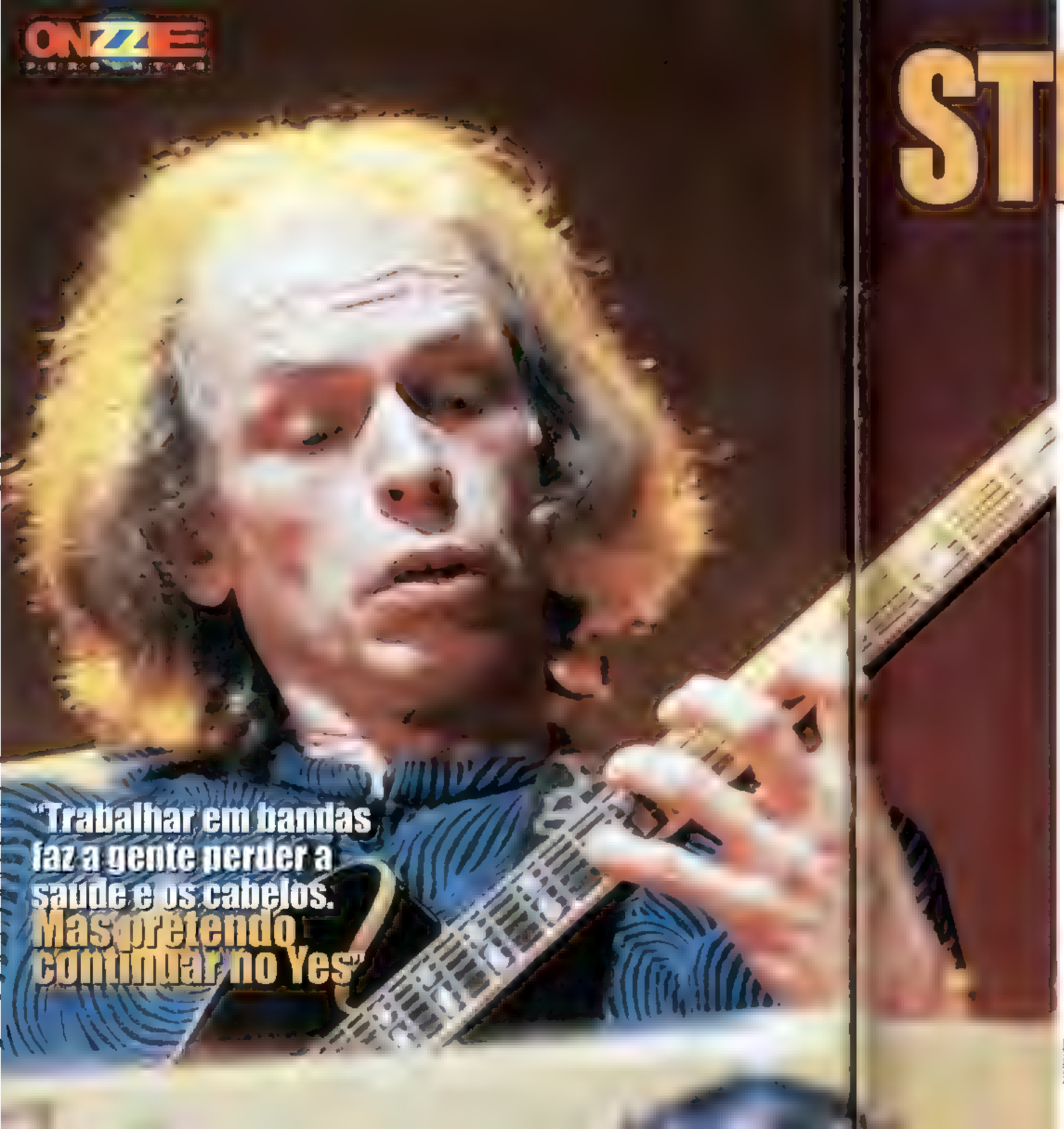
Uninvited
(Alanis Morissette)

Like anyone would be
I am flattered by your fascination with me
Like any hot blooded woman
I have simply wanted an object to crave
But you, you're not allowed
You're uninvited
An unfortunate slide
Must be strangely exciting
To watch the stoic squirm
Must be somewhat hard telling
To watch them burn me, shepherd
But you, you're not allowed
You're uninvited
An unfortunate slide
Like any unchartered territory
I must seem greatly intriguing
You speak of my love like
You have experienced one like mine before
But this is not allowed
You're uninvited
An unfortunate slide
I don't think you unworthy
I need a moment to deliberate

Sem Convite

Como qualquer uma se sentiria
Fico lisonjeada com seu fascínio por mim
Como toda mulher de sangue quente
Eu simplesmente quis um objeto para desejar
Mas você, você não é permitido
Você não tem convite
Triste desmoronamento
Deve ser estranhamente excitante
Assistir aos estóicos sofrendo
Deve ser meio difícil dizer
para vê-los me queimar, pastor
Mas você, você não é permitido
Você não tem convite
Triste desmoronamento
Como qualquer outra área extra-oficial
Eu devo parecer muito intrigante
Você fala do meu amor como
Se você já tivesse provado algum como o meu
Mas isso não é permitido
Você não tem convite
Triste desmoronamento
Não acho que você seja indigno
Preciso de um tempo para pensar

ESTAS SÃO ALGUMAS IMAGENS DE DARKNESS. AS OUTRAS VOCÊ PEGA NAS BANCAS.



STEVE HOWE

ÍDOLO DE VÁRIAS GERAÇÕES DE GUITARRISTAS, O MÚSICO DIZ QUE ESTÁ BEM ADAPTADO AO YES AGORA, MAS INSINUA QUE SEU SHOW SOLO É MELHOR

por SÉRGIO MARTINS

O Yes tem cinco grandes músicos e um cantor de estilo único. Qual é a maior dificuldade para trabalhar no grupo?
Bandas costumam testar sua paciência, acabam com sua saúde, seu cabelo... No caso do Yes, as discussões ocorrem muito mais por fatores extra-musical. No palco, sempre nos demos muito bem. Em todo caso, minhas diferenças foram superadas e pretendo continuar gravando com o grupo.

Numa dessas divergências, Jon Anderson e Rick Wakeman saíram da banda e vocês gravaram *Drama* (1980). O que acha do disco?
Muitas das minhas idéias sobre música estão em *Drama*, bem como as do (*baixista*) Chris Squire. Mas foi um álbum difícil de ser feito por causa das comparações sofridas por Geoff Downes (*teclados*) e Trevor Horn (*vocais*). Gosto do disco.

Por que o Yes não toca nada de *Drama* nos shows?
Jon Anderson não gosta de cantar nada que ele não tenha composto. Referências à música desse disco ficam restritas ao solo de Squire.

Além do Asia, houve outro projeto seu, o GTR, ao lado do guitarrista Steve Hackett, ex-Genesis. Gostou da experiência?
Era uma combinação interessante, Steve ficava com as partes clássicas de guitarra e cabia a mim tocar as passagens mais "engraçadas". Hackett não era bem uma pessoa "de banda", não se relacionava muito com os músicos e tampouco ficou satisfeito com o primeiro disco. Então abortamos o projeto.

O Yes já tinha vindo ao Brasil outras duas vezes, mas nunca com você na formação. Os shows acabaram tendo uma recepção mais calorosa...
Sabe, anos atrás eu me apresentei na Argentina e o Yes tinha tocado lá dias antes. As pessoas vieram me dizer que gostaram muito mais da minha performance! (*Risos*) Bem, eu adoraria voltar ao Brasil e mostrar meu trabalho solo.

Depois de trinta anos de carreira, você ainda tem aquela preocupação de estar sempre se superando?
Sim, não sou o tipo de músico que joga qualquer coisa para a platéia. Já assisti a concertos de guitarristas em que eles se saem bem na primeira parte e depois tocam qualquer nota. Nunca fiz isso, estaria enganando o público.

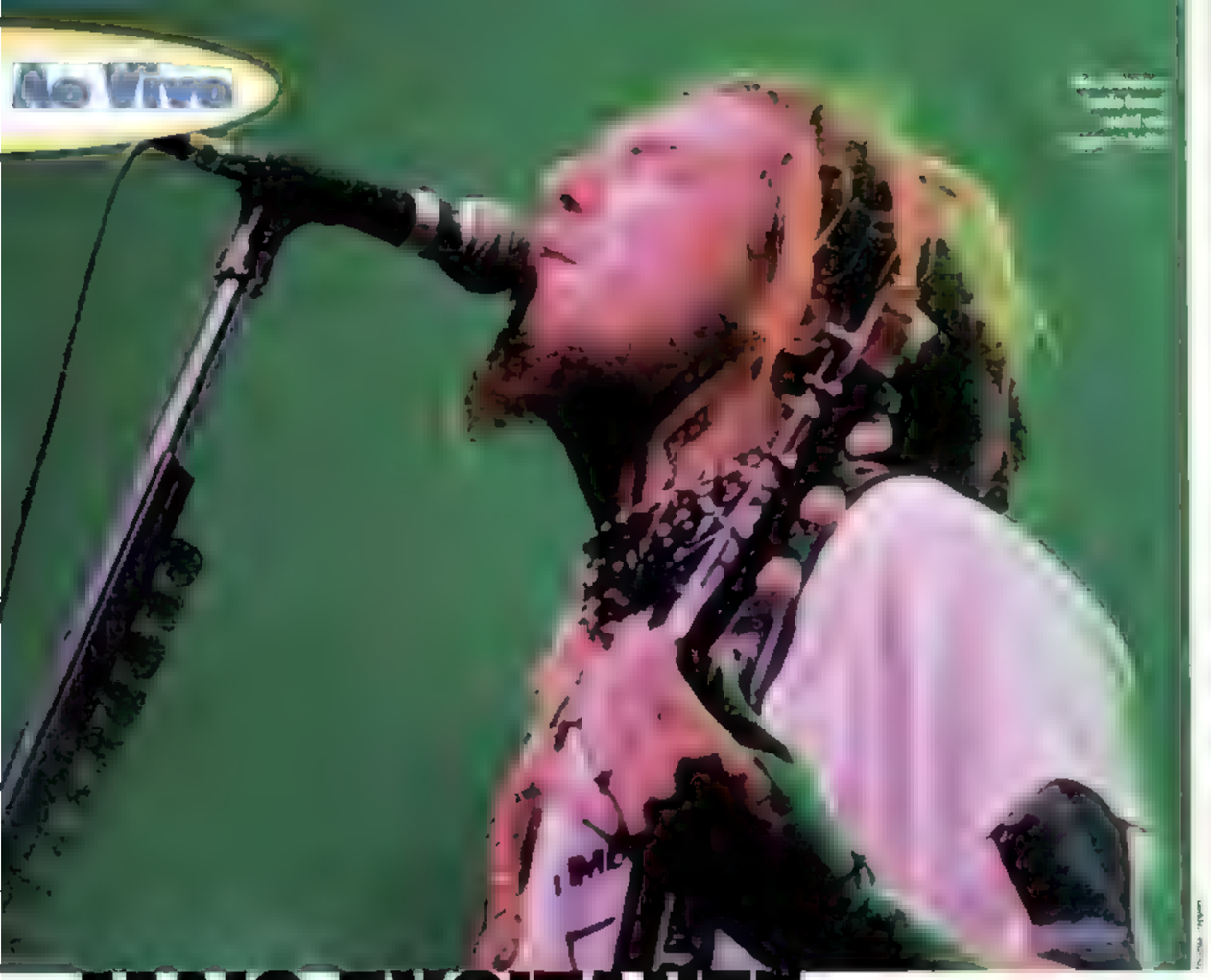
Quantas guitarras você possui?
Eu reduzi minha coleção de 175 para 95. Tinha um oceano de instrumentos e hoje me contento com um lago (*risos*). Uso diversas guitarras durante uma música porque assim consigo passar as mudanças de clima de cada canção.

Você participou, ao lado de Rick Wakeman, do primeiro disco de Lou Reed. Como foi?
Faz tanto tempo... Foi em *Transformer*, não? (*Na verdade, foi em* Lou Reed, *de 1972*.) No estúdio às vezes você dirige o artista, em outras adiciona uma ou outra idéia às composições. Lou Reed, porem, sabe exatamente o que quer, ele trouxe uma fita com a canção e disse que gostaria que ela soasse exatamente daquele jeito. Mas faz tanto tempo que não ouço esse disco.

Como é *Quantum Guitar*, seu trabalho solo mais recente?
Toquei todos os instrumentos e procurei valorizar a parte melódica da guitarra. Tem algumas influências e sonoridades dos anos 60 e trabalhei bastante os improvisos.

Você regravou "Walk Don't Run", do grupo de surf music The Ventures. A que ponto esse estilo musical o influenciou?
Gravei "Walk Don't Run" só porque é uma grande canção. Minha releitura tem toques de flamenco.

Seu filho, Dylan Howe, toca bateria no disco. Ele é um bom músico?
Dylan teve bons professores: um deles foi Bill Bruford (*primeiro baterista do Yes*). Além disso, é obcecado pela perfeição. Que nem eu.



MAIS EXCITANTE QUE VIAGRA

Soulfly – Astoria, Londres, 19/05

Nove horas da noite e a adrena, na corre solta. As bandas Cold e Limp Bizkit fazem os shows de abertura. O Limp Bizkit, com Fred Durst nos vocais (ele também cantou nos novos discos do Korn, um dos grupos mais elogiados do heavy contemporâneo, e do Soulfly) e o DJ Lethal, ex-House Of Pain, nos scratches, vem da Flórida e é uma das grandes promessas do metal/funk americano. A apresentação deles é boa, bastante pesada e com levadas de música funk. As 2,5 mil pessoas, em sua maioria adolescentes, estão elétricas. São quase todos fãs do Sepultura que vêm conferir a nova banda de Max Cavalera. Muitos sequer conhecem as músicas do Soulfly, cujo primeiro álbum foi lançado há menos de um mês.

Nove e meia. As luzes se apagam, o povo urra, os alto-falantes repetem constantemente sons de um órgão marcial com um canto estranho (seria indígena?). O grupo entra no palco e Max, vestindo camiseta da seleção inglesa, berra: "Hello Loooondoooon!"

O vocalista, o baixista Marcelo, o baterista Roy (animal, quase tão bom quanto o Igor) e o genial Logan Mader (guitarra, ex-Machine Head) fazem um senhor espetáculo de metal, juntando canções do Soulfly com clássicos do Sepultura ("Se não tocar Sepultura, eu sou linchado", contou Max antes do show). Mader entrou no grupo às pressas para substituir Lúcio Maia – que optou por se dedicar à Nação Zumbi. Seja como for, o background do novo guitarrista é bem mais pauleira que o de Maia.

O ponto alto do show é a entrada de Benji, o rastafari vocalista do grupo Dub War. Sua participação em "Quilombo" e "Prejudice" é sensacional. Reggae, metal e batuque, essa combinação excita mais que Viagra. O público canta, pula e balança a cabeça para frente e para trás obstinadamente. De vez em quando, alguém grita palavrões.

A popularidade do Sepultura é impressionante. Max saiu, montou um grupo novo com semideuses conhecidos e escolheu um nome horrível ("mosca da alma"?). Mesmo assim, o álbum homônimo do Soulfly entrou, direto no 16º lugar da parada britânica e no 87º da *Billboard* americana. A turnê mundial está agendada até o final de 1999. Mais: 600 fãs compareceram à sessão de autógrafos antes do show na Virgin Megastore, uma das maiores lojas de CDs de Londres, e todos os shows da turnê britânica estiveram lotados. Max Cavalera está de tribo nova. A grande vantagem é que nós, brasileiros, agora temos duas bandas no primeiro time do metal, em vez de apenas uma.

Thomas Pappon

LULU & GUITARRA, GUITARRA & LULU

Jakaré + Teatro Leblon, Rio de Janeiro – 21/05

O jeito jungle pra dormir, na veia, sou um *jungle addict*" (viciado), dizia Lulu Santos, no *backstage* do Morro da Urca, no Rio, onde abriu sua turnê *Liga Lá*, no fim do ano passado. Naquela noite, apesar dos computadores, a guitarra de Lulu surgiu na linha de frente até no hit "Hyperconectividade", do mais recente e computadorizado disco.

Maio de 1998. Para surpresa geral, Lulu interrompe a turnê *Liga Lá* e anuncia a estréia do Jakaré, trio com Dunga (baixo) e Marcelo Costa (bateria) num pequeno espaço no Leblon. O repertório? Totalmente alternativo ao que vinha tocando.

Com o som ligado em um volume deliciosamente alto, Lulu começa o show sozinho com a guitarra tocando "O Calhambeque". "O Calhambeque"? Sim, o repertório é composto por músicas de Lulu e de outros compositores que ele gravou ao longo da carreira (a propósito, "O Calhambeque" é do álbum *Tudo Azul*) e quase não fizeram sucesso. Ao longo do show é possível recordar "Metal Leve" (em rápida citação), "Tesouro da Juventude", "Roquesedane" e outras versões: "Tuareg", de Jorge Ben Jor, "Objeto Não Identificado", de Caetano Veloso, e os clássicos blueseiros "Born Under A Bad Sign", de Booker T. Jones (eternizado pelo guitarrista americano Albert King), e "Sunshine Of Your Love", do Cream. Mais um golaço de Lulu Santos, que jura que continua ouvindo jungle. Por enquanto, pelo menos.

Bernardo Araujo

Lulu Santos reencontra a alegria em seu instrumento

SUADOURO CLÁSSICO

Toasters – Broadway, São Paulo 19/05

Gotas e gotas de suor despejadas pelo chão, a sola do sapato bem mais gasta do que horas atrás e a sensação de ter participado de um legítimo e histórico show de ska. Eis um breve resumo da passagem do grupo nova-iorquino Toasters pelo Brasil, que se limitou a uma única apresentação em São Paulo.

O concerto da banda, uma das responsáveis pelo aumento da popularidade do ska nos EUA, teve abertura dos brasileiros Subtones, Mr. Rude e Skuba, com destaque para este último. A banda curitibana se portou, como veterana e arrancou rasgados elogios de Bucket, vocalista dos Toasters – ele até fez questão de entrar no palco com a camiseta do Skuba.

Ao vivo os Toasters mostram por que são um dos grandes destaques do novo ska. À começar pela canção de abertura, uma cover arrasadora de "Gimme Some Lovin'" (sucesso dos anos 60 do grupo inglês Spencer Davis Group). Bucket se encarrega de cantar os skas mais tradicionais e o vocalista Ruby incendeia o palco com pipocantes raggamuffins (uma moderna fusão de reggae com rap), sempre acompanhados pelo trompetista Sledge. A seção de metais comandada por Freddie e Rick Faulkner ruge feito metralhadora.

O repertório destacou todos os grandes clássicos do grupo, que foram dançados até a última gota de suor. São canções como "Thrill Me Up", "East Side Beat" e "Weekend In L.A.", bastante conhecidas entre os admiradores do gênero jamaicano. E a boa recepção aos Toasters (que tiveram de dar dois bis) abre a perspectiva para que outras grandes bandas de ska se apresentem no Brasil.

Bruno Lancellotti

Rasha, cantora do Sudão, foi aplaudida em São Paulo

LEGÍTIMOS DO PLANETA

O grupo comandado pelo Tarifa faz um show empolgante

Fotos Hugo Rodrigues

FESTIVAL SESC DE MUSICA ÉTNICA
6 a 17 / 05 - Sesc Fábrica Pompéia - São Paulo

O palco fica entre duas platéias: o artista, lá no meio, nunca sabe para que lado olhar. Bem simbólico, porque a tal de música étnica (anti-rótulo do rótulo world music) não tem mesmo um público definido. Quem curte? Pode ser você, seu pai, sua tia ou ninguém que você conheça.

Desconhecidos, esses artistas têm algo em comum: não estão nem aí para o *mainstream*, o mercadão. Têm, sim, é uma relação com o lugar de onde vêm, suas vilas, cidades, comunidades. A graça está aí, antes de tudo, na LEGITIMIDADE. Nenhum deles está preocupado com coisas do tipo "o que vamos tocar e dizer agora para vender mais?".

Dias 6 e 7: Renato Borghetti (Rio Grande do Sul) e Carlos Nuñez (Espanha)

O brasileiro toca uma gaita-de-ponto (uma sanfoninha), o espanhol, uma gaita de foles, aquela das propagandas de uísque. Nosso gaiteiro faz mil como se estivéssemos todos num ensaio. O gaiteiro deles faz a gente levitar com música celta, tradição irlandesa impregnada no noroeste da Espanha. A mesma Espanha que entra na cultura gaúcha de Borghettinho. Aí então eles tocam juntos: "Felicidade", de Lupicínio Rodrigues, e "Luar do Sertão", "Asa Branca"... Sacou?

Dias 8 e 9: Fortuna (São Paulo), Helena Meirelles (Mato Grosso) e grupo Kalyi Jag (Hungria)

Fortuna canta músicas judias, faz shows divertidos e tem público cativo. Ela é também a diretora artística deste festival. Helena Meirelles, a violeira que aprendeu a tocar nos bordéis do Pantanal, chega para ser aplaudida de pé pelas senhoras de casacão que a conhecem de aparições na Hebe. Retribui abençoando todo mundo umas dez vezes. O Kalyi Jag entra alegre pra cima, dá pra bater palma junto. Tradição cigana, mundana, com violões, colheres de pau, assovios e vocais do tipo *human-box*. No final, húngaros e húngaras, judeus e judias, pantaneiros e pantaneiras tocam juntos: são uma tribo só.

Dia 10: Uakti (Minas Gerais) e Map Marimbas (Botsuana)

Os mineiros inventam e tocam instrumentos fabricados com cano de esgoto, vidros vazios, mas cheios de ar, flautas copiadas dos índios. Contemplação geral, nirvana caboclo na platéia. As dez meninas de Botsuana mudam o ritmo, tocam em marimbas especiais, construídas em madeira da terra delas, com afinações extremamente harmônicas. Músicas de festa, de aniversário, de casamento. Rola até orquestra de Glenn Miller! Aplausos frenéticos. Então o Uakti volta com seus canos e vidros, junta-se às dez meninas e rola aquele som.

Dias 12 e 13: Karnak (São Paulo), Rasha (Sudão) e grupo Radio Tarifa (Espanha)

Andre Abujamra é o nosso Frank Zappa. A banda tem duas baterias, um naipe de metais que toca, canta e dança, um guitarrista expoente e ninguém com a *nota* de passar ridículo. Rasha – nome sugestivo, piadas correm soltas no balcão – entra com percussão violenta, a galera aplaude. Ela tem música difícil, compassos estranhos, coisa dos núbios. Depois vem o Radio Tarifa, com um antigaiá nos vocais, batucadas árabes, guitarras espanholas, climas de tanguena. Espetacular.

Dias 14 e 15: Antulio Madureira (Pernambuco) e Susana Baca (Peru)

Madureira é astro em Recife e sua banda numerosa funciona melhor ao ar livre em Olinda. Mas o lado Hermeto Paschoal – ele toca serrote, garrafone e marimbau! – e as poéticas investidas na rabeca comovem. Entra Susana Baca, o grande achado do festival, já reconhecida como "Cesária Évora do Peru" (assim como a grande dama de Cabo Verde, também canta muitíssimo bem e descalça). Sua banda é um show, com ritmos e vocais na onda cubana. A jam rola meio sem pé nem cabeça, mas a essa altura ninguém está nem aí mesmo.

Dias 16 e 17: Tom Zé (Bahia) e Ismael Lo (Senegal)

Tom Zé é a tal da legitimidade em pessoa. Seu show inclui frases como "onde deixei meus óculos?", tropeços para entrar junto com a banda e, claro, refrões novos que em dez segundos está todo mundo cantando junto. Não há virtuosismos, apenas a poesia e a espontaneidade do mestre. Ismael Lo é outra praia. Canta todas as notas e sua banda quebra tudo (bateria, percussão, baixo, guitarra e sintetizadores). Quem imagina a música africana na Idade da Pedra sai de queixo caído. Aplausos de pé, marca registrada do festival.

Otávio Rodrigues

wea
3
VAN HALEN III
INÉDITO
JÁ NAS LOJAS
VAN HALEN III

Samba com caimento perfeito

À Saville Row Street, entre Piccadilly Circus e May Fair, fica no Rio, bem ali na Nossa Senhora de Copacabana, entre a Siqueira Campos e a Figueiredo Magalhães. Mais precisamente, na Galeria Ritz, onde trabalha o alfaiate Walter Nunes. "Aos 13 anos, me ofereci para aprender o ofício. Desde pequenrucho, sempre gostei de bordar com as meninas. Futebol tinha muito homem."

No ateliê, três Singer sibilam há mais de quarenta anos. Nas paredes, entre tantas, duas fotos especiais: a da filha Maria Cláudia e a do Botafogo campeão de 1957 após históricos 6 a 2 no pó-de-arroz. Em maré de poucas encomendas, Walter Alfaiate remenda uma calça Lee, feliz.

Sambista, foi diretor de harmonia dos blocos Funil, Sem Rival, Repolho Roxo, Gaviões. Conviveu com os bambambãs: Bagulho, Mauro Duarte, Jair Cubano, Pica-Fumo, Zorba Devagar. Tempos idos e nunca esquecidos que proporcionaram a primeira parceria entre Paulinho da Viola e Aldir Blanc: "Botafogo Chão De Estrelas", uma das catorze faixas do CD *Olha Aí*, idéia dos musicos Jayme Vignoli e Luis Flávio, levada a cabo pelo selo Alma.

Aos 58 anos, o sambista de belo vozerão e estilo sincopado (como Ciro Monteiro) já havia até desistido de fazer um disco so seu. Contentava-se em ter suas musicas gravadas por Paulinho, Elza Soares e João Nogueira. Agora o sonho está digitalizado. Pensando em caimentos, corra à Galeria Ritz. Antes, porém, escute o CD com o melhor samba do fim do século.

Álvaro da Costa e Silva

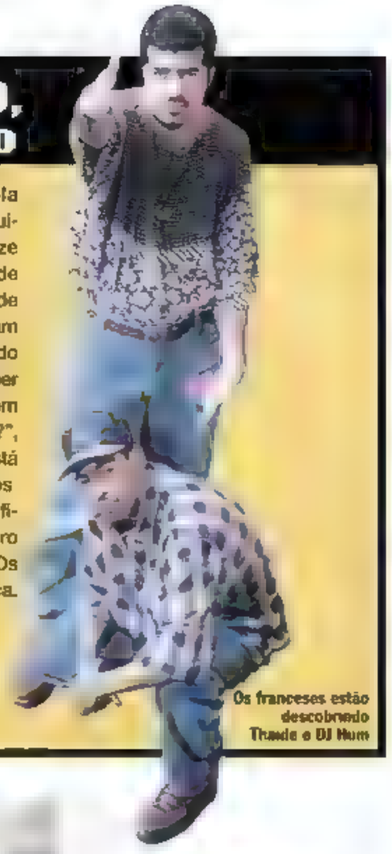
Fora da cova

Já com o americano Derrick Greene nos vocais, o **SEPULTURA** prepara o lançamento de *Against* para outubro. Uma das primeiras apresentações com a nova formação deve acontecer dia 15 de agosto, no Anhembi, em São Paulo, e tem boas chances de contar com os baixistas Jason Newsted (Metallica) e Lemmy Kilmister (Motörhead). O disco, produzido por Howard Benson (Motörhead), ainda conta com João Gordo e Zé do Caixão. Os vocais da faixa-título, "Against", serão divididos entre Derrick e Andreas Kisser. "A idéia é fazer algo como o Biohazard", conta Andreas. "O Derrick canta muito e toca guitarra. Não vai ficar só gritando."

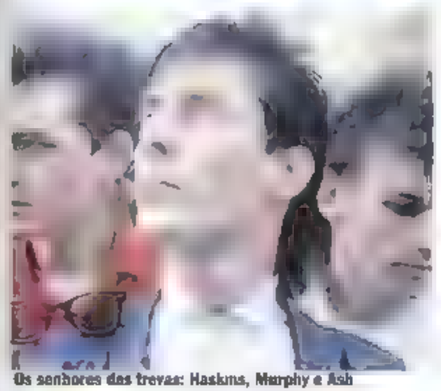
Até o final do ano sai também o disco-tributo *Sepultura Official Brazilian Tribute*, organizado pelo fã-clube brasileiro, com Ratos de Porão, Korzus, Necromancia e Cara, entre outros.

Desarmado, mas respeitado

Em dez anos de parceria, a dupla [redacted] já virou uma instituição no hip hop nacional. Com catorze shows em média por mês, a turnê de *Preste Atenção* rola desde novembro de 1997, quando os dois ainda trabalhavam no disco. "Passei dois anos pesquisando timbres, jazz e soul dos anos 70. Rapper compõe quarenta musicas para entrarem doze no CD. É musica pra caramba, né?", conta o DJ Hum. Thaide, por sua vez, está cada vez mais maduro em seus raps. "Sou casado há oito anos, tenho uma filha de 3. Não falo mais de armas, prefiro merecer respeito do que ser temido." Os olhos da dupla agora estão na França. E não é só por causa da Copa. O disco *Preste Atenção* foi descoberto pelo publico daquele país. "Já demos até entrevista para a TV francesa", comemora o DJ Hum.



Os franceses estão descobrindo Thaide e DJ Hum



Os senhores das trevas: Haskins, Murphy e Ash

O despertar

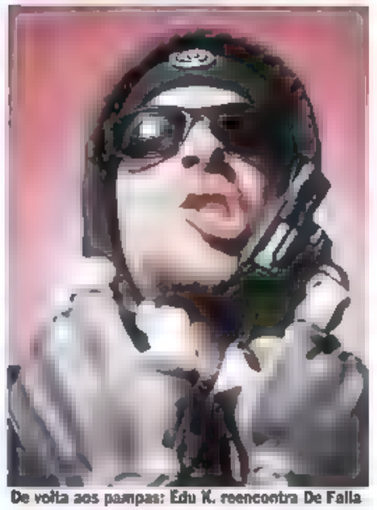
Resurrection é o nome da turnê que marca a volta do **BAUHAUS**, um dos grupos mais expressivos do rock gótico. A formação é a original: David J. (baixo), Daniel Ash (guitarras e vocais), Kevin Haskins (bateria) e Peter Murphy (vocais cavernosos).

O Bauhaus sobe ao palco do Hollywood Palladium, em Los Angeles, EUA, nos dias 10 e 11 de julho e promete tocar "Bela Lugosi's Dead" e suas versões de "Telegram Sam" (do T. Rex) e "Ziggy Stardust" (David Bowie). O retorno, porém, não é definitivo: tanto Peter Murphy quanto o Love & Rockets (formado por Haskins, David J. e Ash) devem lançar discos este ano.

Prodigy no Brasil!

21 de agosto no Metropolitan (Rio)
22 no estacionamento do Anhembi (Sao Paulo)

De FALLA de novo

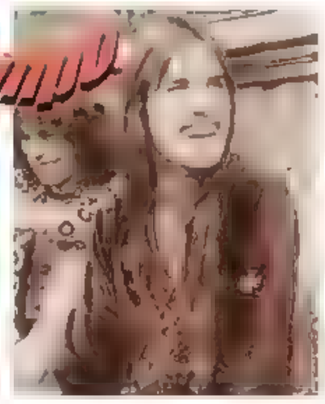


De volta aos pampas: Edu K. reencontra De Falla

Edu K. e o **DE FALLA** estão se juntando mais uma vez. Em julho eles lançam o disco *Fire*, produzido e mixado por Dudu Marote em Nova York. Vai ser uma edição tão alternativa que Edu K. prefere usar o termo "pirata" em vez de independente: apenas mil cópias, e prensadas em vinil, porque a idéia é que as musicas, mais para o tecno rock, sejam usadas por DJs. Os gaúchos também ensaiam novo show, com arranjos diferentes para "Não Mande Flores", "Sodomia" e "Screw You" ao lado de versões de "Fire", de Jimi Hendrix, "Raw Power", de Iggy Pop and The Stooges, e até "Ray of Light", de Madonna. Tudo tocado de maneira "podre, pesada, como se fosse uma fusão do Metallica com acid house", explica Edu K.

Túnel do tempo

Arnolpho Lima Filho saiu do bairro da Pompeia (Zona Oeste de Sao Paulo) para se tornar **LIMINHA**, o grande produtor do pop nacional, colecionando discos clássicos com Paralamas do Sucesso, Gilberto Gil e Titãs. Ao lado, uma foto da época em que integrava os Mutantes (1972).



O Jackson é jovem

Zeca Baleiro, Tim Maia, Lenine e Paulo Moura ganharam nas principais categorias. Mas a festa de entrega do Prêmio Sharp, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, dia 13 de maio, valeu mais pela homenagem a Jackson do Pandeiro (1919-1982), genial intérprete paraibano de cocos, xotes, baiões, rojões e emboladas. O programa incluiu um histórico dueto entre Miltinho e Elza Soares cantando "Samba Do Ziriguidum" e combinações engraçadas como Cássia Eller e Paulinho Moska mandando "Tem Mulher Tô Lá".
Ficou faltando apenas, como bem escreveu Moacyr Andrade, no *Jornal Do Brasil*, uma menção a Edgard Ferreira e Rosil Cavalcanti, dois principais compositores do repertório de Jackson, ambos falecidos. Rosil (1915-1968), autor de "Sebastiana", se apresentava em dupla com Jackson nos anos 40 e fez popularíssima carreira como radialista em Campina Grande. Edgard (1922-1996), autor de "Um A Um" e "Forró Em Limoeiro", fez as premiadas trilhas da peça e do filme *O Rei da Vela*, mas morreu quase esquecido. Agora a BMG apronta um promissor álbum em homenagem a Jackson. Quem coordena é Maurício Valladares e o produtor da turma MPB é o fera José Milton. Lenine abre o disco com sua "Jack Soul Brasileiro", e Lulu Santos, Paralamas, Chico Buarque, Zé Ramalho e Cascabulho devem entrar depois. Mas já tem gente boa confirmada e com música escolhida.
Confira:
Fernanda Abreu – "Meu Enxoval"
O Rappa – "A Feira"
Gabriel O Pensador – "A Mulher Que Virou Homem"
Gal Costa – "Chiclete Com Banana"

Jackson foi homenageado no Prêmio Sharp e vai ganhar um disco tributo com artistas do pop e da MPB

Seleção bate-coxa

As gravadoras apostaram e tá assim de forró bão nas lojas...

Amelinha *Amelinha*
A ex de Zé Ramalho regrava o hit "Frevo Mulher" e "Meu Vaqueiro, Meu Peão", do Mastruz Com Leite.

Genival Lacerda *Tributo A Jackson Do Pandeiro*
A barriga sexy do autor de "Severina Xique-Xique", as sanfonas classe A de Dominguinhos e Osvaldinho, e versões arretadas para "Um A Um" e "Sebastiana".

Pinto do Acordeon *20 Anos De Estrada*
Sanfoneiro de tradição. "Forro Sem Mulher" é antológica.

Waldonys *Coração Da Sanfona*
O sanfoneiro da banda de Marisa Monte canta e mostra competência em faixas instrumentais.

Elba em forma

Como você montou o repertório do novo disco, *Flor Da Paraíba*?
"Fiz uma seleção de forrós antigos. Ouvi Gordurinha e Jackson do Pandeiro. Zé Ramalho me mandou uma fita, da qual tirei "A Letra I", do Gonzagão. Liguei para Nando Cordel, Dominguinhos, Lenine. E pedi a Caetano pra "letrar" o xote que está em *Tieta*.

Você gravou "Pau de Arara É A Vovozinha", do Gordurinha. Enfrentou muito preconceito quando veio da Paraíba para o Rio?
Muito. Pensavam que o Nordeste era um bando de jagunços. Mas escolhi a música porque o Gordurinha é muito inteligente. "Vim da Bahia para o Rio de Janeiro/ Para ganhar dinheiro/ Desaforo, não/ Pau de arara é a vovozinha/ Eu só ando é de avião".

Kenny Wayne Shepherd tem namorada: e ela é filha do saudoso Ronnie Van Zandt, do Lynyrd Skynyrd

TITÂNICO

O Leonardo Di Caprio do blues toca uma guitarra à prova de naufrágios musicais

Se você pensa que blues é coisa de anciões como John Lee Hooker ou de lendas mortas feito Robert Johson, repare bem em Kenny Wayne Shepherd. Aos vinte anos, profissional desde os 13, o moleque é aplaudido por feras como B.B. King, Joe Satriani e Steve Vai. Os dois últimos, aliás, o chamaram em 1996 para abrir a turnê *G3* (um show só com guitarristas de elite) que estrelaram junto com Eric Johnson. Ano passado, Satriani convocou Kenny para o time de cima, substituindo Johnson. "Foi demais tocar com aqueles caras e com o Aerosmith (para quem ele também abriu), mas a turnê que me divertiu mais foi a que fiz com Bob Dylan. O coroa é um estouro", compara o loirinho.
Se você se empolgou com o currículo de Kenny ou com sua feições dicaprianas, espere só até ouvir o álbum *Trouble Is...*. Sua banda ainda conta com um cantor de raro talento, Noah Hunt.
Bernardo Araújo

MANOS LENNON

Julian e Sean, herdeiros genéticos de John

JULIAN LENNON
Idade: 35
Mãe: Cynthia Lennon
Disco: *Photograph Smile*
Som: pop meio Beatles (os mais velhos lembram do hit "Too Late For Goodbyes")
Relação com o papai: sempre foi ignorado.
Posição na parada: 75º (EUA) e 16º (Inglaterra)
Frase: "Yoko superprotege meu irmão".

SEAN LENNON
Idade: 22
Mãe: Yoko Ono
Disco: *Into The Sun*
Som: pseudomoderno
Relação com papai: reclama que John não o deixava comer doces nem assistir desenhos.
Posição do disco na parada: não está entre os 200 discos mais vendidos
Frase: "A CIA mandou matar meu pai".

JOGO RÁPIDO

Fica em cartaz no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, de 19 a 22 de junho, a ópera-rock *Timerocker*, com músicas de Lou Reed, texto (em alemão) de Darryl Pinckney e direção de Bob Wilson. Sucesso em Paris e em Nova York, o espetáculo conta com cenários mirabolantes, 12 atores/cantores e quatro músicos.

• Com produção de Chris Tsangarides (Judas Priest, Thin Lizzy, Bruce Dickinson), o **ANGRA** terminou de gravar seu terceiro disco no mítico estúdio Abbey Road, em Londres. O lançamento está previsto para setembro e será seguido de turnê por Europa, Japão e América do Sul.

• Caiu o maior obstáculo para a volta do **ROXY MUSIC**: Bryan Ferry, que sempre descartou uma reunião da banda para investir na carreira solo, está conversando com os velhos colegas Phil Manzanera, Brian Eno e Andy McKay sobre gravar material novo. "Nunca fechamos a porta", justifica.

• *Pierrô Do Brasil* é o nome do novo álbum de **MARINA LIMA**, que já está gravado, mas só chega às lojas em agosto. Uma das atrações é a parceria com o titã Sérgio Britto – os dois cantam juntos "Leva (Esse Samba, Esse Amor)".

• Também no embalo das voltas, o **BLONDIE** se prepara para reviver o som que marcou a new wave americana nos anos 80. Deborah Harry confessa que o ex-namorado e guitarrista Chris Stein não precisou insistir muito: "Quero recapturar minha juventude, me exibir na frente de milhares de pessoas e fazer um monte de dinheiro."

• Parece que agora vai: em outubro Wim Wenders começa a rodar em Los Angeles o tantas vezes adiado *The Million Dollar Hotel*, filme baseado numa história de **BONO VOX**. Além de cantar na trilha (de Brian Eno), Bono terá um pequeno papel.

• **BRIAN WILSON** está lançando seu primeiro disco inteiramente feito com material inédito em quase uma década. Uma das músicas favoritas do eterno Beach Boy, "Happy Days", precisou de sete anos para ter seus versos terminados.

DEMOcracia

À frente, Niltinho, Marília e Nelson; na fileira de trás, Edu, Robson, Luluce e Edinho: o Kongo não mudou quase nada

A VOLTA DO KONGO

Quem?

Eles faziam ska no Brasil há dez anos. Lembra do reggae "Biquini Defunto"? Foi um quase-sucesso desse grupo carioca que se dissolveu em 1989. Seu primeiro e único disco *(King Kongo,* lançado em 1987, com produção do paralama Bi Ribeiro) hoje é peça de colecionador.

Por que voltou? Voltou por quê?

O fã Alexandre Dub apresentou algumas músicas da banda para um representante do selo americano Moon Records, especializado em ska, e animou a rapaziada. Há três meses, eles correm de um estúdio a outro para ensaiar e recuperar o tempo perdido.

Ainda são os mesmos?

A formação não mudou quase nada: continuam os irmãos Nelson Cerqueira (guitarra), Edinho Cerqueira (guitarra) e Niltinho Cerqueira (teclados), Marília Figueiredo (sax) e Luluce nos teclados e na percussão. À turma se juntaram Edu Garcia no baixo e Robson Costa, na bateria, ambos da Big Trep, banda rockabilly co-irmã.

Como é o show?

No repertório, além de composições próprias inéditas e "Biquini Defunto", versões criativas de "Chove Chuva", de Jorge Benjor, e "Malandragem, Maloca O Flagrante". "Tivemos a idéia de tocar essa música do Bezerra da Silva, antes do Barão Vermelho. Mas não tem nada não, a versão deles ficou horrível", espeta Nelson.

Vai gravar?

"A gente tem muito material inédito, ainda da época do primeiro disco. Mas por enquanto estamos pensando apenas em ensaiar e tocar ao vivo", avisa Edinho, que também é um dos DJs mais cultuados da noite carioca. "Nos anos 80, havia mais espaços. Fecharam o Circo Voador; a Rádio Fluminense acabou... Agora o caminho é árduo", compara Nelson.
(Valéria Rossi)

Novos guerreiros

Chacrinha é o "guia espiritual" do grupo carioca Boato

O Boato começou nos anos 80 como um grupo de poetas cariocas que fazia intervenções em centros culturais, pátios de faculdade e onde mais desse para chamar a atenção. Até que sentiram "necessidade de atingir um público maior". Chamaram Pedro Luis para diretor musical e somaram instrumentistas à trupe. Passaram a fazer shows-manifesto em ruas, praças, areias do Posto 9 (praia de Ipanema), boates "mauricio-pega-patricia", e até em hospitais psiquiátricos. Agora, O Boato está para se materializar em disco, a ser lançado pela Dubas, com produção de Tom Capone e muita antropofagia.
(Wagner Filho)

ISTO É BOATO

NO SOM: samba, Bob Marley, Rolling Stones, punk rock e música africana.

GUIAS ESPIRITUAIS: Chacrinha (compraram num leilão várias roupas do Velho Guerreiro), Chaves, Trapalhões e poetas brasileiros, de Mário de Andrade a Chacal.

MÉTODO DE COMPOSIÇÃO: "Transe coletivo", numa pajelança tribal em trono do "cacique" Cabelo, artista plástico e ex-criador de minhocas.

CRIAÇÕES: "Xuxa Preta", Camisa de Força" (poema do VJ Cazé, da MTV, colega de apresentações em hospícios), "Dança da Vaca Louca"...

Poções de rock

A Bruxa! (com exclamação mesmo) é uma banda carioca que ferve em seu caldeirão o rock dos anos 70 com cara de 90 (Black Crowes, Soundgarden) e mexe com funk pesado (Chili Peppers, Living Colour) e pitadas de brasilidade. "A Morte Do Vaqueiro", do velho Gonzagão, é peça forte no repertório. Fábio Allman (vocal), Walter Villaça (guitarra) e Felipe Resende (baixo) tocam juntos há mais de meia década. O baterista João Viana, filho de Djavan, que entrou há dois anos, impressiona pela pegada animal. Cássia Eller gravou uma canção da Bruxa!, "Faça O Que Quiser Fazer", em dueto com Fábio. Maurício Barros, tecladista do Barão Vermelho, está produzindo o primeiro CD da banda.

A Bruxa! já enfeitiçou Cássia Eller

China, vocalista do Sheik Tosado, arrepiando no Abril Pro Rock

De repente

Foram dois anos de garagem e pequenos shows até uma apresentação no evento Rock Na Praça, em Olinda. Paulo André, produtor do Abril Pro Rock, viu o Sheik Tosado, chapou e fez o convite na hora. Foi batata. No festival, logo após a apresentação, Rafael Borges, ex-empresário da Legião, irrompeu no camarim: "Parabéns, gostei muito". Dia seguinte, contratou o grupo.

O nome veio do poodle de um amigo dos músicos. O som é definido por eles como "fusion-repente". Guitarras com pedal wah-wah, samba, coco, frevo... "É um coquetel puramente intuitivo", garante o guitarrista Bruno. Mas as influências estão explícitas em duas músicas: "Chá De Lírio", dedicada a Jorge Ben, e outra para o mundo livre s/a, "Sambolado". Gravadoras? De repente, pinta. (Carlos Freitas)

COPACABANA VIA MIAMI

Uma banda mezzo-paulista, mezzo-carioca formada em Miami, tocando música pop e reggae dos mais diversos teores, cantando "eu vou pra Copacabana"... Assim, surpreendente, é a Taska, primeira contratada do selo Super. "Copacabana" foi a música escolhida para single e as Ronaldinhas estão escaladas no primeiro clipe do grupo.

Discoteca básica

"Os discos de Frank Sinatra dos anos 50 sempre foram uma fonte de inspiração, especialmente os arranjos. Muitas músicas dos Beach Boys têm uma forte influência das baladas de *Songs For Young Lovers*."
(Brian Wilson, ex-líder dos Beach Boys)

SONGS FOR YOUNG LOVERS

Frank Sinatra

Quem foi o dono da voz suprema da música popular americana do século 20? Alguns podem dizer que foi Elvis Presley, outros apostam em Louis Amstrong ou Billie Holiday. Mas os louros devem ficar mesmo para Frank Sinatra, que tombou aos 82 anos no último 14 de maio.

Sinatra foi um dos mais convincentes intérpretes de todos os tempos. Foi quem primeiro entendeu (depois de Bing Crosby) que o microfone não servia apenas para amplificar a voz, deveria ser usado como um instrumento. *The Voice* passava todas as sutilezas e implicações emocionais que cada canção exigia. Não por acaso, foi por meio de Sinatra que o grande público passou a conhecer e a compreender boa parte dos standards da canção americana.

No primeiro LP com um conceito amarrando o repertório, The Voice interpreta grandes canções românticas

É difícil pinçar de uma carreira que durou 50 anos um disco-chave para definir a arte de Frank Sinatra. É sabido, porém, que a melhor fase do cantor é a da gravadora Capitol, por onde gravou entre os anos de 1953 a 1959. Naquela época, ele recuperou-se de um período de baixa (chegou até a ser dispensado do selo Columbia) e passou a mostrar maturidade como vocalista.

Songs For Young Lovers, lançado em 1954, mudou a indústria do disco. Este foi o primeiro LP de Sinatra (originalmente lançado em 10 polegadas) e também marcou o início de sua associação com o lendário arranjador Nelson Riddle. Introduzidos no mercado nos anos 40, os *long-plays* até então não passavam de amontoados de canções juntadas sem maiores preocupações com coerência. Sinatra, Riddle e o produtor Voyle Gilmore decidiram que esse formato deveria ter tratamento especial. E assim surgiu este que pode ser considerado um dos primeiros trabalhos conceituais da história do pop: todas as canções foram escolhidas de acordo com um tema.

Riddle convocou uma pequena orquestra com dois saxofones, um quarteto de cordas e uma sessão rítmica. O resultado foi um trabalho intimista, com toques sutis de jazz. Sinatra simplesmente reinventou algumas das mais conhecidas canções americanas, como "My Funny Valentine" (de Richard Rodgers e Lorenz Hart, também gravada por Chet Baker), "I Get A Kick Out Of You" (de Cole Porter) e "They Can't Take That Away From Me" (de George Gershwin). Sinatra canta todas as sílabas com precisão e vai fundo nas interpretações – o ouvinte tem a impressão de que ele viveu todas as emoções descritas nas letras. A capa é clássica: mostra Sinatra, o eterno romântico, de cigarro na mão, embaixo de um poste de iluminação, observando os casais passando.

Quem conheceu *The Voice* velho e com a voz baleada cantando o tema de "New York New York" talvez não tenha noção do que ele representa para a cultura americana. *Songs For Young Lovers* é uma pequena fração do melhor de quem foi o maior.

Paulo Cavalcanti

Performance

Ano de lançamento: 1954
Produção: Voyle Gilmore
Músicas: "My Funny Valentine" • "The Girl Next Door" • "A Foggy Day" • "Like Someone To Love" • "I Get A Kick Out Of You" • "Little Girl Blue" • "They Can't Take That Away From Me" • "Violets For Your Furs".

Songs For Young Lovers está disponível em CD junto com Swing Easy!, o segundo trabalho pela gravadora Capitol e também considerado um dos melhores da carreira do cantor. Lançado originalmente em 1987, o CD permanece até hoje em catálogo.

A clássica capa do disco seria imitada anos mais tarde por Michael Jackson. Garoto, integrante dos Jackson Five, ele se vestiu a caráter para cantar outro clássico do repertório de Sinatra, "It Was A Very Good Year" – que não está em *Songs For Young Lovers*.

CATERPILLAR

CATERPILLAR

CATERPILLAR®

Footwear